

COLEÇÃO A OBRA-PRIMA DE CADA AUTOR



O CORAÇÃO DAS TREVAS

Joseph Conrad

TEXTO INTEGRAL

MARTIN  CLARET

LIVRO:
INSTRUMENTO DE
LIBERDADE E PODER

Vimos, neste espaço, com muito orgulho literário, apresentar a coleção **A Obra-prima de cada Autor**, um ambicioso projeto editorial idealizado e realizado pelo editor Martin Claret.

Pelas nossas pesquisas de campo constatamos que, apesar de crises e turbulências econômicas, o brasileiro atualmente está lendo mais.

Começamos a compreender que conhecimento é liberdade e poder: mais e mais as pessoas estão buscando informações de todos os tipos. Nesse contexto, o livro, em seus vários formatos, cada vez mais reforça sua verdadeira função — informar e transformar.

O presente projeto foi construído sobre estatísticas e potencialidades. Quantitativamente a proposta é de 400 títulos de autores clássicos, nacionais e estrangeiros nos campos da ficção e não-ficção,

I

O *Nellie*, iate de cruzeiro, girou em torno de sua âncora, sem que suas velas se agitassem, e parou. A maré subira, o vento estava calmo, e como o seu destino era o de descer o rio, a única opção era permanecer ancorado, aguardando pela vazante.

A foz do Tâmisia estendia-se diante de nós como se fosse o início de uma hidrovia sem fim. No horizonte, o mar e o céu se confundiam, e, nesse espaço iluminado, as velas bronzeadas das barcas que subiam ao sabor da maré, pareciam feixes imóveis de lonas avermelhadas de hastes pontiagudas, com brilhos de espigas envernizadas. Uma névoa cobria as margens baixas, que corriam planas na direção do mar até desaparecerem. O céu estava turvo acima de Gravesend, e mais para trás parecia condensado em sombria depressão, pairando imóvel sobre a maior e mais grandiosa cidade da terra.

O diretor da Companhia era o nosso capitão e anfitrião. Nós quatro olhávamos afetuosamente para as suas costas, enquanto ele permanecia na proa, observando o mar. Em todo o rio não havia nada com metade de sua aparência náutica. Parecia-se com um piloto que, para o homem do mar, personificava a segurança. Era difícil imaginar que seu trabalho não estivesse lá, no luminoso estuário, mas atrás dele, na escuridão que se adensava.

Havia entre nós, como já afirmei em outro momento, os liames do mar. Além de manter o nosso coração unido através de longos períodos de separação, ele tinha o efeito de nos fazer mais tolerantes para com nossas manias — e até convicções. O advogado — o melhor dos velhos camaradas — tinha, em função de seus muitos anos de idade e de suas muitas virtudes, a única almofada do convés,

e havia se deitado sobre o único cobertor. O contador já havia trazido uma caixa de dominós, e combinava as pedras de modo arquitetônico. Marlow sentava-se à popa de pernas cruzadas, recostando-se no mastro da mezena. Ele tinha faces chupadas, uma tez amarela, a coluna bem ereta, um aspecto ascético, e os braços caídos com as palmas das mãos viradas para fora davam-lhe uma aparência de um totem. O diretor, satisfeito com a estabilidade da âncora, caminhou até a popa e sentou-se conosco. Conversamos amenidades por algum tempo. Depois, fez-se no iate um grande silêncio. Por alguma razão desconhecida não demos início àquela partida de dominó. Sentimo-nos meditativos e aptos apenas à plácida contemplação. O dia chegava ao seu ocaso na serenidade de uma luminescência estática e refinada. A água reluzia pacificamente; o céu, sem uma única mancha, era uma imensidão benigna de luz imaculada; a própria bruma sobre os pântanos de Essex tinha a aparência de um tecido radiante, como de gaze, dependurada nos morros verdejantes do interior, e drapejando as margens baixas em dobras diáfanas. Somente a escuridão do poente, pairando sobre os pontos mais elevados, tornava-se mais sombria a cada minuto, como que enraivecida pela aproximação do sol.

Finalmente, em sua queda oblíqua e imperceptível, o sol mergulhou no horizonte, perdendo o seu brilho resplandecente e adquirindo um aspecto vermelho fosco, sem raios e sem calor, como se estivesse prestes a se apagar, atingido pelo toque mortífero da escuridão que se adensava sobre uma multidão de homens.

Sem demora, as águas do rio sofreram uma transformação, e a serenidade tornou-se menos brilhante, e todavia mais profunda. O velho rio, em sua larga extensão, descansava sem oscilações na hora em que o dia declinava, depois de eras de bons serviços prestados aos habitantes de suas margens, estendido na tranqüila dignidade de uma hidrovia conducente aos mais longínquos rincões da terra. Olhamos para a venerável correnteza, não segundo o vívido ardor de um dia curto que vem e que vai para sempre, mas na pureza da luz de perduráveis lembranças. E, de fato, nada é mais fácil para um homem que tem, de acordo com o provérbio, “seguido o mar”, com reverência e estima, do que evocar o grande espírito do passado nas entranhas inferiores do Tâmis.

O fluxo da maré avança e recua em sua atividade incessante, repleta das lembranças dos homens e das embarcações que conduziu ao lar ou às batalhas no oceano. Ele havia conhecido e servido

todos os homens dos quais as nações tanto se orgulham, de Sir Francis Drake a Sir John Franklin, todos fidalgos, com ou sem títulos — os grandes cavaleiros errantes do mar. Conduzira todos os navios cujos nomes são como jóias faiscantes na noite do tempo, desde o *Golden Hind*, que retornou com seus largos costados entulhados de tesouros, para ser visitado por Sua Alteza, a Rainha, e em seguida desaparecer nos confins da história, até o *Erebus* e o *Terror*, destinados a outras conquistas — e que jamais retornaram. O rio conheceu os navios e os homens. Havia zarpado de Deptford, de Greenwich, de Erith — os aventureiros e os colonizadores; navios reais e navios de comerciantes; capitães, almirantes, os tenebrosos intrusos do comércio Oriental, e os “generais” comissionados das frotas das Índias Orientais. Caçando tesouros ou buscando a notoriedade, todos eles haviam partido naquele rio, carregando suas espadas e freqüentemente a tocha, mensageiros dos poderosos em meio às terras, portadores da chama do fogo sagrado. Que grandezas não haviam navegado em suas correntezas, até alcançar os mistérios de uma terra desconhecida! Os sonhos dos homens, a semente dos estados, o germe dos impérios.

O sol se pôs; o crepúsculo desceu sobre as águas, e luzes começaram a se acender ao longo das margens. O farol de Chapman, um edifício de três colunas erigido sobre um pântano, emitiu o seu brilho forte. Luzes de navios moviam-se no canal — uma grande agitação de luzes que subiam e desciam. E para além, no oeste, nas maiores elevações de relevo, o lugar da monstruosa cidade estava ainda marcado sinistramente no céu, uma escuridão que domina durante o dia, um clarão apavorante sob as estrelas.

“E este também”, disse Marlow repentinamente, “tem sido um dos lugares sombrios da terra”.

Ele era o único de nós que ainda “seguia o mar”. O pior que se podia dizer a seu respeito era que ele não representava sua classe. Ele era um homem do mar, mas era também um peregrino, enquanto a maior parte dos marujos leva, por assim dizer, uma vida sedentária. Gostam de viver na ordem de um lar, e seu lar sempre os acompanha — o navio; bem como o seu país — o mar. Um navio é sempre muito semelhante ao outro, e o mar é sempre o mesmo. Na imutabilidade de seu meio ambiente, os litorais estrangeiros, as fisionomias de outras terras, a diversificada imensidão da vida — tudo passa imperceptível, veladamente, sob o sentido de um mistério, mas por uma ignorância levemente desdenhosa; pois nada há que seja

misterioso a um marujo, a não ser o próprio mar, que é o mestre de sua existência e tão inescrutável quanto o destino. Quanto ao resto, depois de suas horas de labor, uma caminhada casual ou uma bebedeira em terra é o suficiente para descerrar-lhe os segredos de um continente inteiro, segredos que ele geralmente julga não valer a pena conhecer. As histórias dos homens do mar possuem uma simplicidade direta, cujo sentido completo cabe dentro da casca de uma noz. Mas Marlow não era típico (a não ser por seu costume de contar histórias), e para ele o significado de um episódio não estava situado no centro, como um caroço, mas do lado de fora, envolvendo a narrativa que o exprimiu, tal como um brilho que revela a neblina, à semelhança de um desses halos nebulosos que por vezes se tornam visíveis pela iluminação espectral do luar.

Sua observação não causou nenhuma surpresa. Era bem do seu feitio e foi aceita em silêncio. Ninguém deu-se ao trabalho nem sequer de resmungar; e logo a seguir ele afirmou, bem devagar:

“Eu estava com o pensamento em tempos imemoriais, quando os romanos estiveram neste lugar pela primeira vez, há mil e novecentos anos... como se fosse ontem... A luz emanou deste rio desde que — você diz cavaleiros? Sim; mas é como um incêndio que atravessa um prado, como um relâmpago que rasga as nuvens. Vivemos num clarão efêmero — que ele dure tanto quanto a velha terra há de girar no espaço! Mas até ontem a treva estava aqui. Imaginem o que sentia um comandante de um belo — como diremos? — trirreme, no Mediterrâneo, que, subitamente, recebe ordens para dirigir-se ao norte; atravessar a Gália por terra, apressadamente, no comando de uma dessas naves que os legionários — um maravilhoso grupo de homens cheios de habilidade — construíam, aparentemente às centenas, em um mês ou dois, se é que devemos crer em tudo aquilo que lemos a esse respeito. Imaginem ele aqui — neste fim de mundo, o mar plúmbeo, o céu cor de fumo, um tipo de navio quase tão rígido quanto uma concertina — e subindo este rio com provisões, ou ordens, ou o que quer que você prefira. Bancos de areia, pântanos, florestas, selvagens — muito pouco para se comer adequado a um homem civilizado, nada além da água do Tâmis para beber. Nenhum vinho de Falerno, sem incursões em terra. Aqui e ali um acampamento militar perdido na mata, como uma agulha num palheiro — frio, neblina, tempestades, enfermidade, exílio e morte —, morte que se esconde no espaço, na água, nos arbustos. Eles deviam morrer como moscas aqui. Oh, sim — ele o fez. E o fez

21
muito bem, sem dúvida, e sem nenhuma reflexão mais profunda, lembrando-se de seu feito mais tarde apenas para gabar-se das dificuldades enfrentadas na época. Eram homens o suficiente para encarar as trevas. E talvez estivesse animado pela possibilidade de uma promoção para a frota em Ravena, caso tivesse bons amigos em Roma e sobrevivesse ao clima terrível. Ou pensem em um jovem digno vestido com uma toga — envolvido em jogatinas, talvez, vocês sabem —, vindo para cá no séquito de algum prefeito, ou coletor de impostos, ou mesmo de um comerciante, para resgatar sua fortuna. Desembarca em um pântano, marcha através das matas e, em algum lugar no interior sente que a selvageria, a mais plena selvageria, o envolvera completamente; toda aquela vida misteriosa que se agita nas florestas, nas matas, nos corações dos homens primitivos. Não há qualquer iniciação, igualmente, em tais mistérios. Ele deve viver em meio ao incompreensível, que é detestável também. E existe ainda um fascínio que o domina. O fascínio do abominável — vocês sabem, imaginem o arrependimento crescente, a ânsia de escapar, o desgosto impotente, a rendição, o ódio.”

Fez uma pausa.

“Notem” — começou, erguendo o braço a partir do cotovelo, com a palma da mão voltada para fora, de modo que, com suas pernas cruzadas diante de si, mantinha a postura de um Buda que pregava vestido em roupas européias, sem ter uma flor de lótus — “nenhum de nós sentir-se-ia exatamente assim. O que nos salva é a eficiência — a devoção à eficiência. Mas esses sujeitos não eram, de fato, muito considerados. Não eram colonizadores; sua administração era meramente extrativista, e nada além disso, eu suspeito. Eram conquistadores, e para esse fim tudo o que se deseja é a força bruta — nada de que se possa gabar quando se tem, já que a sua força é apenas um acidente que resulta da fraqueza dos outros. Tomavam aquilo que estava ao seu alcance, simplesmente porque estava ali ao seu alcance. Resumia-se em roubo com uso de violência, agravado por assassinato em larga escala e levado a termo às cegas pelos homens — como sói acontecer com aqueles que tateiam na escuridão. A conquista da terra, o que geralmente significa tomá-la daqueles que têm fisionomias distintas ou narizes ligeiramente mais achatados do que os nossos, não é algo belo quando examinado mais de perto. Só uma idéia o redime. Uma idéia que se encontra subentendida; não alguma pretensão sentimental, mas uma idéia; e uma crença não egoísta na idéia — alguma coisa

que se pode estabelecer, para em seguida se curvar diante dela e oferecer-lhe sacrifícios...”

Ele calou-se. Chamas deslizavam pelo rio, pequenas chamas verdes, chamas vermelhas, chamas brancas, perseguindo-se, alcançando, ultrapassando, cruzando umas com as outras — e depois afastando-se lenta ou velozmente. O tráfego da grande cidade continuava, durante a noite cada vez mais densa, sobre o rio insone. Contemplávamos, esperando pacientemente — nada mais podíamos fazer até a mudança da maré; mas foi apenas depois de um longo silêncio, quando ele falou com uma voz hesitante: “Suponho que os camaradas se recordam daquele período em que me tornei marinheiro de água doce”, que soubemos que estávamos condenados a ouvir, antes da vazante da maré, outra das experiências inconclusivas de Marlow.

“Não quero aborrecê-los com aquilo que experimentei pessoalmente”, começou, demonstrando com essa ressalva a fraqueza de muitos contadores de histórias que tão freqüentemente parecem ignorar o que de fato a sua audiência gostaria de ouvir; “todavia, para compreender o efeito que aquilo teve sobre mim, vocês precisam saber como cheguei lá, o que vi, como subi o rio até o lugar em que pela primeira vez encontrei o pobre sujeito. Foi o local mais distante até o qual já naveguei e o ponto culminante de minha experiência. Tive a impressão de que uma luz havia sido lançada sobre mim — uma luz que penetrou em minha mente. Foi sombrio também — e lamentável — de nenhum modo extraordinário — nem muito claro. Não, não foi muito claro. E, contudo, parecia irradiar uma espécie de luz.

“Eu acabara de retornar a Londres, como devem recordar, após uma longa temporada nos oceanos Índico e Pacífico, e no Mar da China, uma dose regular de Oriente — cerca de seis anos; não tinha o que fazer, e ficava incomodando vocês, meus camaradas, em seu trabalho e invadindo seu lar, como se estivesse investido de uma missão celestial para civilizá-los. Foi muito agradável durante algum tempo, mas depois comecei a me sentir cansado de tanto descansar. Comecei, então, a procurar um navio — tarefa que eu considerava a mais difícil do mundo. Mas os navios não queriam nem olhar para mim. E também me cansei desse outro jogo.

“Ora, quando eu era pequeno, era apaixonado por mapas. Ficava durante horas examinando os contornos da América do Sul, da África, da Austrália, e mergulhava numa fantasia que me levava às

glórias da exploração. Naquele tempo, havia muitos espaços desabitados no mundo, e, quando enxergava algum que parecia particularmente convidativo no mapa (e todos me pareciam assim), colocava o meu dedo sobre ele e dizia que quando crescesse iria até ali. O Pólo Norte era um desses pontos, lembro-me agora. Bem, ainda não estive lá, e agora não vou mais tentar. O encanto esgotou-se. Outros lugares espalhavam-se próximos ao Equador, e em todos os tipos de latitude sobre os dois hemisférios. Estive em alguns deles, e... bem, evitemos falar sobre esse assunto. Mas havia ainda um — o maior, o mais vazio, por assim dizer —, que me atraía de modo especial.

“É verdade que por esse tempo já não se tratava de um espaço vazio. Tinha sido preenchido, desde a minha infância, por rios e lagos e nomes. Deixara de ser um espaço vazio com seu delicioso mistério — um retalho branco sobre o qual um menino podia sonhar gloriosamente. Tornara-se um local tenebroso. Mas havia ali um rio especial, um rio grande e poderoso, que se podia ver no mapa, parecido com uma cobra enorme e desenrolada, com sua cabeça no mar, o corpo em repouso curvado na distância sobre o vasto país, e com sua cauda perdida nas profundezas da terra. E, quando olhei para o mapa na vitrine de uma loja, ele me fascinou como uma serpente fascinaria um pássaro — um pequeno e tolo passarinho. Então, lembrei-me que havia uma grande empresa, uma Companhia que fazia negócios naquele rio. Que diabos! Pensei com meus botões, eles não podem fazer negócios sem utilizar algum tipo de embarcação nessa área de água doce — barcos a vapor! Por que eu não poderia comandar um deles? Saí andando pela rua Fleet, mas não tinha como me livrar da idéia. A serpente havia me encantado.

“Entendam que se tratava de uma empresa continental, aquela sociedade comercial; mas eu tinha muitos bons contatos no continente, pois as coisas lá são baratas e dizem que não são tão ruins como parecem.

“Lamento reconhecer que comecei a atormentá-los. Tratava-se de um recomeço para mim. Não tinha o costume de obter as coisas por esse meio, vocês sabem. Sempre segui a minha própria estrada e usando as minhas próprias pernas para qualquer lugar que eu decidisse ir. Eu mesmo não acreditaria que pudesse agir assim; mas, então — vejam — senti que precisava chegar lá, de um jeito ou de outro. Admito que eu os atormentei. Os homens diziam: ‘Meu

caro amigo', mas nada faziam. Então — vocês creriam nisso? — parti para as mulheres. Eu, Charlie Marlow, coloquei as mulheres para trabalhar, a fim de conseguir-me um trabalho. Céus! Bem, vejam vocês, aquela idéia me impulsionava. Eu tinha uma tia, uma alma querida e entusiasta. Ela escreveu: 'Será um prazer. Estou pronta para fazer qualquer coisa, qualquer coisa por você. É uma idéia gloriosa. Conheço a esposa de um alto dirigente da administração e também um homem que possui muita influência' etc. Ela estava determinada a fazer o que fosse necessário para que eu fosse escolhido para o cargo de comandante de um vapor fluvial, se essa era a minha ambição.

“É claro que consegui o posto. E obtive-o rapidamente. Parece que a Companhia havia recebido notícias que um de seus capitães tinha sido morto num conflito com os nativos. Essa era a minha oportunidade, e o fato aumentou ainda mais a minha ânsia pela viagem. Somente muitos meses mais tarde, quando procurei recuperar o que havia restado do corpo, soube que a origem da briga havia sido um desentendimento acerca de algumas galinhas. Sim, duas galinhas pretas. Fresleven — esse era o nome do camarada, um dinamarquês —, pensando que havia sido enganado na transação, desembarcou e começou a bater no líder da aldeia com sua bengala. Oh, não me surpreendi com essa história e nem com o que me disseram sobre o temperamento de Fresleven, considerado o sujeito mais gentil e tranqüilo que já andou sobre duas pernas. Sem dúvida que era; mas ele já despendera alguns anos naquela região, engajado na nobre causa, vocês sabem, e é provável que tenha sentido a necessidade de afirmar o seu orgulho próprio de algum modo. Assim, ele surrou o preto velho impiedosamente, diante de uma grande multidão, chocada com o acontecimento, até que algum homem — ouvi dizer que foi o filho do chefe — em desespero pelos gritos do ancião, desfechou um golpe de lança contra o homem branco — e é claro que não teve dificuldade de acertá-lo entre os omoplatas. Então, o povo inteiro fugiu para dentro da floresta, esperando o desencadeamento de todo tipo de calamidade, enquanto, por outro lado, a tripulação do vapor comandado por Fresleven, partia em pânico, liderada pelo engenheiro, se não me engano. Mais tarde, ninguém parecia muito preocupado com os restos mortais de Fresleven, até eu chegar e assumir o seu cargo. Eu não poderia me acomodar, mas quando finalmente tive a oportunidade de encontrar-me com o meu predecessor, a grama que crescia através de suas

costelas era alta o suficiente para ocultar a ossada. Estavam todos lá. O ser sobrenatural não havia sido tocado depois de sua queda. E a aldeia estava deserta, as choças estavam enegrecidas e escancaradas, apodrecendo inclinadas no perímetro das cercas tombadas. Uma calamidade de fato se abatera sobre o lugar. O povo desaparecera. Um medo louco os havia dispersado, homens, mulheres e crianças correram através dos arbustos e jamais retornaram. Também não sei o que foi feito das galinhas. De qualquer modo, acredito que foram sacrificadas pela causa do progresso. Entretanto, por intermédio desse glorioso acontecimento, obtive o cargo almejado, bem antes que o esperado.

“Corri como um louco com os preparativos da partida, e em menos de quarenta e oito horas estava atravessando o Canal para me apresentar aos meus novos empregadores e assinar o contrato. Em poucas horas estava em uma cidade que sempre me faz pensar em um sepulcro esbranquiçado. Preconceito, sem dúvida. Não tive dificuldade alguma para encontrar o escritório da Companhia. Era o principal empreendimento da cidade, e todos os que encontrei ali sentiam-se orgulhosos dela. Iam administrar um império ultramarino e ganhar uma dinheirama com o negócio.

“Uma rua estreita e deserta, imersa em sombras, casas altas, janelas numerosas com suas venezianas, um silêncio mortal, relva brotando entre as pedras, arcos imponentes para a passagem de carruagens à direita e à esquerda, imensas portas duplas entreabertas. Esgueirei-me por uma dessas aberturas, galguei uma escada varrida e sem adornos, tão árida quanto um deserto, e abri a primeira porta que encontrei. Duas mulheres, uma gorda e outra magra, sentavam-se em cadeiras com assento de palha, tricotando lã preta. A magra ergueu-se e caminhou em minha direção — ao mesmo tempo que tricotava, com olhos fixos na lã — e assim que pensei em sair da sua frente, como fazemos quando se trata de um sonâmbulo, ela parou e ergueu os olhos. Seu vestido era tão liso quanto a lona de um guarda-chuva, então virou-se e, em completo silêncio, guiou-me até uma sala de espera. Dei o meu nome, e olhei ao redor. Mesa de negociações ao centro, cadeiras simples encostadas em todas as paredes, e, numa das extremidades, um grande e brilhante mapa, assinalado com todas as cores do arco-íris. Havia uma grande quantidade de vermelho — bom de se ver a todo instante, pois era a evidência de que algum trabalho real está sendo realizado ali, e uma porção igual de azul, um pouco de verde, manchas alaranjadas,

e, na Costa Leste, um remendo púrpura, para mostrar o lugar em que os pioneiros joviais do progresso bebem a boa cerveja *lager*. Entretanto, eu não estava indo para nenhum desses lugares. Meu destino era o ponto amarelo. Morto, bem ao centro. E o rio estava lá — fascinante — mortal — como uma serpente. Meu Deus! Uma porta se abriu, a cabeça grisalha de um secretário apareceu, mas revestido de uma aura de compaixão, e com seu magro dedo dirigiu-me para o santuário. A luz era pouca, e uma pesada escrivanhinha estava disposta bem ao centro. Vinha de trás daquela estrutura uma impressão pálida e obesa dentro de uma sobrecasaca. O grande homem em pessoa. Tinha um metro e sessenta e cinco, julgo, e possuía em suas mãos o controle de alguns tantos milhões. Cumprimentou-me e imagino que tenha murmurado vagamente que estava satisfeito com o meu francês. *Bon Voyage*.

“Dentro de uns quarenta e cinco minutos achei-me novamente na sala de espera com o compadecido secretário, que, cheio de desolação e simpatia, fez com que eu assinasse alguns documentos. Creio que me comprometi, entre outras coisas, a não revelar nenhum segredo comercial. Bem, não vou fazê-lo.

“Comecei a me sentir levemente incomodado. Vocês sabem que não estou acostumado a esse tipo de cerimônia, e havia algo sinistro no ar. Era como se eu tivesse sido envolvido em alguma conspiração — não sei bem — algo que não estava muito certo; e fiquei alegre por sair dali. Na sala externa, as duas mulheres tricotavam fervorosamente. As pessoas estavam chegando, e a mais nova ia de lá para cá, encaminhando-as. A mais velha sentava-se em sua cadeira. Os pés, enfiados em chinelos de pano liso, apoiavam-se sobre um aquecedor, e um gato repousava sobre o seu colo. Ela vestia uma touca branca engomada na cabeça, tinha uma verruga na face, e óculos de aros prateados dependurados na ponta do nariz. Olhou para mim por cima dos óculos. A rápida e indiferente placidez daquele olhar perturbou-me. Dois jovens, de fisionomia tola e entusiasta, estavam sendo conduzidos, e ela lançou sobre eles o mesmo olhar de sabedoria desinteressada. Parecia saber tudo sobre eles e sobre mim também. Tive um pressentimento lúgubre. Ela me parecia misteriosa e profética.

“Freqüentemente, quando já estava longe, pensava naquelas duas que tomavam conta da porta das Trevas, tricotando lã preta como se fosse para uma mortalha acolhedora, uma encaminhando, encaminhando continuamente para o desconhecido, a outra escruti-

nando os rostos tolos e entusiastas com seus velhos olhos indiferentes. Ave! Velha tricotadeira de lã negra. *Morituri te salutant*. Poucos entre tantos que olharam para ela voltaram a vê-la — nem a metade, bem menos do que isso.

“Havia ainda uma consulta médica. ‘Uma simples formalidade’, assegurou-me o secretário, com um ar de quem participava intensamente de minhas tristezas. Logo surgiu um jovem, vestindo seu boné sobre a sobrelanceira esquerda, algum escriturário, suponho — deve ter havido escriturários na empresa, embora a casa estivesse tão silenciosa quanto os túmulos que há nos cemitérios; o rapaz veio de alguma parte do andar de cima e conduziu-me com ele. Ele parecia andrajoso e maltratado, com manchas de tinta nas mangas do paletó, e a gravata era grande e ondulada, sob um queixo que tinha a forma de bico de uma bota velha. Era cedo em demasia para o médico, então eu propus um drinque, após o que ele mostrou uma dose de jovialidade. Quando nos sentamos em frente de nossos vermes, ele glorificou os negócios da empresa, e sem demora expressei informalmente a minha surpresa pelo fato de ele não estar numa missão ultramarina. Ele ficou muito sério e retraído de repente. ‘Não sou tão tolo quanto pareço, disse Platão aos seus discípulos’, sentenciou, esvaziando seu copo com grande determinação, e levantamo-nos.

“O velho médico sentiu meu pulso, mas é evidente que tinha o pensamento distante dali. ‘Bom, muito bom aqui’, resmungou, e, então, com uma certa ansiedade, perguntou-me se eu permitiria que ele medisse a minha cabeça. Bastante surpreso, eu disse que sim, e ele surgiu com algo que parecia ser um calibrador, e tirou medidas em todas as possíveis dimensões, à frente e atrás, tomando notas cuidadosamente. Era um homem pequeno, a barba por fazer, vestindo um casaco puído do tipo gabardine, com os pés enfiados em chinelos; considerei-o um tolo inofensivo. ‘Sempre peço permissão, no interesse da Ciência, para medir os crânios daqueles que se aventuram até lá’, comentou. ‘E quando eles retornam também?’ perguntei. ‘Oh, nunca os vejo’, ressaltou; ‘e além disso, as mudanças ocorrem no interior, você sabe’. Ele sorriu, como se tivesse contado uma piada discreta. ‘Então o senhor está seguindo para lá. Esplêndido. Interessante, também’. Dirigiu-me um olhar de curiosidade e fez mais uma anotação. ‘Já houve algum caso de loucura em sua família?’, perguntou, num tom casual. Senti-me bastante incomodado. ‘Essa pergunta também serve ao interesse da Ciência?’

‘Seria’, afirmou, sem notar a minha irritação, ‘interessante para a Ciência observar as mudanças do indivíduo na mesma hora em que elas ocorrem, mas...’ ‘O senhor é um alienista?’, interrompi-o. ‘Todo médico deveria ser — um pouco’, respondeu, imperturbável. ‘Tenho uma pequena teoria, que os senhores que vão para lá devem ajudar-me a confirmar. Essa é a minha parcela de contribuição que o meu país há de colher na posse de uma colônia tão magnífica. A mera riqueza deixo a outros. Perdoe minhas perguntas, mas você é o primeiro cidadão inglês examinado por mim...’ Apressei-me a assegurar-lhe, então, que eu nada tinha de típico. ‘Se eu fosse’, afirmei, ‘não estaria conversando com o senhor deste modo’. ‘O que você diz é muito profundo, e, provavelmente, errôneo’, disse ele, com uma risada. ‘Evite a irritação, mais do que a exposição ao sol. *Adieu*. Como é que vocês, ingleses, dizem? *Good-bye*. Ah! *Good-bye*. *Adieu*. Nos trópicos, deve-se, acima de tudo, manter a calma’. Ele ergueu o dedo indicador como sinal de advertência... ‘*Du calme, du calme. Adieu.*’

“Ainda havia algo a fazer — despedir-me de minha tia extraordinária. Encontrei-a triunfante. Tomei uma xícara de chá — a última xícara decente de chá por muitos dias — e, numa sala que muito adequadamente se parecia com o que se espera da sala de estar de uma senhora, conversamos longa e calmamente junto à lareira. No decorrer de nossas confidências, ficou muito claro para mim que eu fora apresentado para a esposa de um alto dignitário, e Deus sabe para quantas pessoas mais, como uma criatura excepcional e talentosa — uma verdadeira bênção para a Companhia — um homem que não se encontra todo dia por aí. Bom Deus! E eu estava prestes a assumir o comando de um vapor ordinário dotado de um apito igualmente ordinário. Parecia, contudo, que eu era um dos Trabalhadores, com inicial maiúscula — vocês sabem. Algo assim como um emissário de luz, algo como um apóstolo de qualidade inferior. Havia muita bobagem desse tipo circulando pela imprensa e nas conversas daquela época, e a excelente mulher, vivendo bem no centro dessa mistificação, deixou-se envolver. Ela falava sobre ‘arrancar aqueles milhões de ignorantes de seus horríveis costumes’, até que, dou-lhes minha palavra, me fez sentir bastante desconfortável. Aventurei-me, então, a insinuar que a Companhia era acima de tudo lucrativa. ‘Você se esquece, querido Charlie, de que o trabalhador é digno do seu salário’, ela disse, brilhantemente. É estranho como as mulheres podem viver distantes da verdade. Habitam num mundo de sua

própria criação, que nunca existiu e nem pode existir. Um mundo maravilhoso em seu conjunto, que, se elas fossem estabelecer, iria se despedaçar antes do primeiro crepúsculo. Algum fato abominável com o qual nós homens temos convivido satisfatoriamente desde o dia da criação, faria com que a coisa toda se desfizesse.

“Depois disso fui abraçado, aconselhado a me vestir com flanela e a escrever com bastante frequência, e assim por diante — e me fui. Na rua — não sei por quê — assaltou-me um estranho sentimento de que eu era um impostor. É inusitado que eu, acostumado a zarpar para qualquer parte do mundo com um aviso prévio de apenas vinte quatro horas, refletindo menos do que a maioria dos homens o faz para atravessar a rua, tive um momento — não diria de hesitação, mas de sobressalto, diante desse acontecimento banal. A melhor forma que encontro de explicá-lo a vocês é dizendo que, por um segundo ou dois, senti como se estivesse me dirigindo não ao interior de um continente, mas, em vez disso, iniciando uma jornada ao centro da terra.

“Parti num vapor francês, que fez escala em cada maldito porto que havia lá fora, pois, tanto quanto eu podia perceber, o único propósito dessas escalas era o de desembarcar soldados e oficiais da alfândega. Contemplei o litoral. Observar a costa, à medida que ela passa diante do navio, é como pensar a respeito de um enigma. Lá está ela à sua frente — sorrindo, franzindo o cenho, convidando, grandiosa, má, insípida, ou selvagem, e sempre muda, com um ar de quem sussurra: ‘venha e me decifre’. Essa era quase informe, como se ainda estivesse sendo criada, com um aspecto de monótona severidade. A beira de uma selva colossal, tão verde-escura que parecia ser quase negra, margeada por uma espuma branca, corria esticada, como se fosse uma régua, distante, muito distante ao longo de um mar azul cujo brilho era embaçado por uma bruma rasteira. O sol era ameaçador, a terra parecia irradiar o vapor que gotejava. Aqui e ali manchas cinzentas e esbranquiçadas apareciam amontoadas dentro da espuma branca, com uma bandeira tremulando sobre elas talvez. Povoados com alguns séculos de existência, e ainda assim menores que a cabeça de um alfinete, na vastidão intocada que os cerca. Nós avançávamos lentamente, parávamos, desembarcávamos soldados; seguíamos, desembarcávamos funcionários da alfândega para arrecadar impostos numa região que parecia um deserto abandonado por Deus, com um galpão de lata e um mastro de bandeira perdido por ali; desembarcávamos mais soldados

— para proteger os funcionários da alfândega, presumivelmente. Ouvi dizer que alguns deles morreram afogados na arrebentação; mas se isso de fato acontecia, ninguém parecia realmente se importar. Eles eram apenas largados ali, e nós seguíamos viagem. Todos os dias a costa parecia sempre a mesma, como se não houvéssemos avançado; mas passamos por diversos lugares — postos comerciais — com nomes como Gran' Bassam, Little Popo; nomes que pareciam pertencer a alguma sórdida farsa encenada diante de um pano de fundo sinistro. O ócio de um passageiro, meu isolamento em meio a todos esses homens com quem eu não tinha nenhum ponto de contato, o mar oleoso e lânguido, a escuridão sombria da costa, pareciam me manter afastado da verdade das coisas, no âmbito da luta de um delírio lastimoso e sem sentido. O som da arrebentação em espaços rítmicos era sem dúvida um prazer, como se fosse a voz de um irmão. Era algo natural, que tinha a sua razão de ser, que tinha um significado. De tempos em tempos, um barco que vinha da praia criava um contato efêmero com a realidade. Negros puxavam os remos. Era possível, de longe, enxergar o brilho branco que havia em seus olhos. Eles gritavam, cantavam e o suor escorria pelos seus corpos; seus rostos pareciam máscaras grotescas — aqueles sujeitos; mas eles tinham ossos, músculos, uma vitalidade selvagem, uma intensa energia de movimento, tão natural e autêntica quanto a arrebentação ao longo da costa. Eles não precisavam de desculpas para estar lá. Vê-los era muito confortador. Por algum tempo, eu ainda me sentiria parte de um mundo de fatos reais; mas esse sentimento não era duradouro. Algo ocorria para afugentá-lo. Uma vez, lembro-me de termos encontrado um navio de guerra ancorado na costa. Não havia ali um barracão sequer, mas ele estava bombardeando a selva. Parece que os franceses estavam travando uma de suas guerras na região. Seu pavilhão pendia flácido como um trapo; as bocas dos canhões de seis polegadas se projetavam à frente ao longo de todo o casco inferior; as vagas oleosas e escorregadias balançavam-no molemente para cima e para baixo, fazendo oscilar os mastros delgados. Na vastidão erma de terra, céu e mar, ali estava ele, incompreensível, bombardeando um continente. Bum!, era o disparo de um dos canhões de seis polegadas; uma pequena mancha ígnea era lançada e esmaecia, soltando uma fina fumaça branca que desaparecia, um projétil minúsculo dava um estalido débil — e nada acontecia. Nada poderia ocorrer. Havia um toque de insanidade nesse procedimento,

um sentido lúgubre de pilhéria naquele local; e não se dissipou quando alguém a bordo assegurou-me de que havia ali um acampamento de nativos — que ele chamava de inimigos! — escondido em alguma parte da floresta.

“Fizemos a entrega das cartas (ouvi dizer que diariamente uma média de três homens morriam de febre naquele navio solitário) e partimos. Aportamos em mais alguns pontos que tinham nomes cômicos, onde a alegre dança da morte e do comércio prossegue numa atmosfera silenciosa e terrena como numa catacumba superaquecida; ao longo de toda a costa disforme, margeada por perigosa arrebentação, como se a própria natureza houvesse tentado afastar os intrusos; entrando e saindo dos rios, correntes de morte em vida, cujas margens desfaziam-se em lama, e cujas águas, engrossadas com o limo, invadiam os mangues contorcidos, que pareciam se estorcer aos nossos olhos, nos limites de um desespero impotente. Em parte alguma nos demoramos tempo suficiente para obter uma impressão particularizada, mas uma noção generalizada de assombro vago e oprimido crescia dentro de mim. Era como se fizesse uma peregrinação exaustiva por entre sugestões de pesadelos.

“Passaram-se cerca de trinta dias antes que visse a embocadura do grande rio. Ancoramos ao largo da sede do governo. Mas para que o meu trabalho tivesse início, seria necessário avançar ainda uns trezentos quilômetros. Por isso, assim que pude, segui para um lugar cerca de umas trinta milhas acima.

“Adquiri passagem para viajar num pequeno vapor marítimo. O capitão era um sueco, e, sabendo que eu era um homem do mar, convidou-me para ir à ponte de comando. Tratava-se de um jovem, magro, belo e moroso, com cabelo escorrido e passo arrastado. Assim que deixamos o miserável e pequeno ancoradouro, ele fez um sinal insolente com a cabeça para o litoral. ‘Estava vivendo aí?’, perguntou. Eu disse, ‘sim’. ‘Boa gente, esse pessoal do governo — não é?’, ele continuou, falando inglês com grande precisão e uma amargura considerável. ‘É estranho o que certas pessoas são capazes de fazer por uns poucos francos por mês. Fico imaginando o que ocorre com esses tipos quando eles sobem o rio.’ Disse a ele que eu esperava sabê-lo em breve. “Certo-o-o’, ele exclamou. Arrastou-se para o outro lado, mantendo um de seus olhos atentos para a frente. ‘Não tenha tanta certeza’, continuou, ‘outro dia apanhei um homem que se enforcou na jornada. Ele era sueco também’. ‘Enforcou-se? Por que, em nome de Deus?’, bradei. Ele permaneceu com o

olhar vigilante. ‘Quem sabe? Terá sido o sol excessivo, ou a região, talvez.’

“Afinal, chegamos a um promontório. Um rochedo íngreme surgiu, montes de terra revolvida junto ao litoral, casas sobre uma colina, outras com telhado de ferro, situadas em meio à aridez de umas escavações ou dependuradas nos declives. Os sons contínuos produzidos pelas corredeiras pairava sobre esse cenário de uma devastação desabitada. Muitas pessoas, a maioria delas negras e nuas, moviam-se como formigas. Um píer projetava-se rio adentro. Uma ofuscante luz solar mergulhava toda essa paisagem, às vezes, num repentino brilho recrudescente. ‘Aí está o posto de sua Companhia’, disse o sueco, apontando para três estruturas de madeira tipo barracão, numa encosta rochosa. ‘Mandarei subir os seus pertences. Quatro caixas, o senhor disse? Então, adeus.’

“Deparei com uma caldeira se espojando na relva, depois encontrei uma trilha pela qual se podia subir a colina. Ela contornava o penedo, e também um pequeno vagão de ferrovia, capotado e deixado ali, sem uma das rodas. A coisa parecia tão morta quanto a carcaça de um animal. Deparei ainda com outras peças de maquinaria em decomposição, uma de trilhos enferrujados. À esquerda, um grupo de árvores criava um oásis de sombra, onde coisas escuras se moviam com debilidade. Pisquei os olhos, o caminho era íngreme. Uma buzina soou à direita e vi negros que corriam. Uma pesada e surda detonação fez com que a terra tremesse, um tufo de fumaça saiu do penhasco, e isso foi tudo. Nenhuma mudança se deu na superfície do rochedo. Eles estavam construindo uma estrada de ferro. O penhasco não era impedimento de coisa alguma; mas aquelas explosões sem propósito constituíam o único trabalho em andamento.

“Um leve tilintar atrás de mim fez com que eu me voltasse. Seis negros avançavam enfileirados, esforçando-se para subir a trilha. Eles andavam eretos e vagarosos, equilibrando pequenas cestas cheias de terra sobre a cabeça, e o tilintar marcava o ritmo de seus passos. Trapos pretos estavam dispostos em torno de seus lombos, e as curtas pontas atrás balançavam para lá e para cá como se fossem caudas. Via-se cada uma de suas costelas, as juntas de seus membros assemelhavam-se aos nós de uma corda; cada um levava uma argola de ferro no pescoço, e estavam todos atados entre si por uma corrente, cujos elos oscilavam entre eles, produzindo aquele som ritmado. Outro estrondo no penhasco fez-me pensar subitamente naquele navio de guerra que vi bombardeando o continente. Era o

mesmo tipo de sinistra voz; mas esses homens, por nenhum esforço de imaginação, poderiam ser considerados inimigos. Eram chamados de criminosos, e a lei, ultrajada, assim como aqueles canhões explosivos, tinha chegado até eles, como um enigma indecifrável vindo do oceano. Todos os seus peitos descarnados ofegavam juntos, as narinas violentamente dilatadas tremulavam, os olhos miravam fixamente o cume da montanha. Passaram a uns quinze centímetros de mim, sem me observar, com aquela completa indiferença mortal de infelizes selvagens. Atrás dessa matéria bruta, um dos que haviam sido reformados, o produto das novas forças ativas, arrastava-se desesperançado, carregando um fuzil pela manopla. Vestia a jaqueta de um uniforme, destituída de um botão, e ao ver um homem branco no caminho, acomodou sua arma sobre o ombro com animação. Era apenas um ato de prudência, pois os homens brancos eram tão parecidos quando vistos à distância, que ele não saberia quem eu era. Ele logo se tranqüilizou, e com um sorriso largo, branco e vilmente forçado, e um rápido olhar sobre a sua carga, pareceu envolver-me como parceiro de sua exaltada confiança. Afinal, eu também fazia parte da grande causa daqueles elevados e justos procedimentos.

“Em vez de subir, voltei e desci pelo lado esquerdo. Queria que aquele grupo de acorrentados saísse de minha vista antes que eu subisse a colina. Vocês sabem que eu não sou do tipo delicado; já bati e já apanhei. Já precisei me defender e já ataquei algumas vezes — sem medir as exatas conseqüências, de acordo com as exigências do tipo de vida em que me meti. Já encarei o demônio da violência, e o demônio da cobiça, e o demônio do desejo ardente; mas, por todas as estrelas! aqueles eram demônios fortes, robustos, de olhos injetados, que dominavam e conduziam homens — homens, digo a vocês. Mas quando estava ali, de pé na encosta da colina, pressenti que, sob a luz ofuscante do sol daquela terra, eu me depararia com um demônio frouxo, fingido, com uma visão distorcida das coisas, de uma loucura rapace e impiedosa. E quão insidioso ele poderia ser, também, mas isso eu só descobriria vários meses mais tarde e mil milhas adiante. Por um momento, parei aterrorizado, como se tivesse recebido uma advertência. Finalmente, desci a colina, obliquamente, em direção às árvores que eu divisara.

“Evitei uma cratera imensa e artificial que alguém estivera cavando na colina, cujo propósito me foi impossível adivinhar. Não se tratava de um pedreira, nem de um posto para extração de

areia. Era apenas uma cratera. Poderia ter tido alguma relação com o desejo filantrópico de se dar aos criminosos algo a fazer. Não sei. Então, estive prestes a cair numa ravina muito estreita, pouco mais que uma cicatriz na encosta do morro. Descobri que um lote de canos de drenagem importado para o povoado havia sido jogado ali dentro. Não havia um único que não estivesse quebrado. Era um estrago injustificável. Finalmente, encontrei algumas árvores e tinha intenção de caminhar por algum tempo na sombra, mas logo pareceu-me que eu havia entrado no círculo sombrio de algum inferno. As corredeiras estavam próximas, e um ruído incessante, uniforme, poderoso e violento, enchia a lúgubre calmaria do bosque, onde nenhum sopro de ar podia ser sentido e nenhuma folha se movia, com um som misterioso — como se o avanço rompante da terra no espaço se houvesse tornado subitamente audível.

“Vultos negros agachados jaziam sentados entre as árvores, recostados nos seus troncos, presos ao solo, parcialmente visíveis, parcialmente ocultos naquela luz opaca, em todas as suas atitudes de dor, abandono e desespero. Outra mina no penhasco explodiu, e em seguida a terra tremeu levemente sob os meus pés. O trabalho estava em andamento. O trabalho! E este era o lugar para onde alguns dos ajudantes haviam se retirado para morrer.

“Eles estavam morrendo devagar — era óbvio. Não eram inimigos, não eram criminosos, e nesse instante é como se não pertencessem à terra; nada além de sombras escuras de enfermidade e desnutrição, emboladas no chão, na sombra esverdeada. Trazidos de todos os recantos da costa, dentro das legalidades dos contratos temporários, perdidos nesse ambiente hostil, nutridos com uma alimentação inadequada, eles caíam doentes, tornavam-se ineficientes e recebiam, então, a permissão para rastejar para longe e descansar. Essas sombras moribundas estavam livres como o ar — e quase tão diáfanas quanto ele. Comecei a distinguir o brilho dos olhos debaixo das árvores. Depois, olhando para baixo, vi um rosto próximo das minhas mãos. Uma negra ossada estendia-se com um ombro encostado na árvore e, lentamente, suas pálpebras erguiam-se, e os olhos afundados voltavam-se para mim, enormes e vagos, um tipo de cegueira, branca oscilação nas profundezas das órbitas, que se apagavam devagar. O homem parecia jovem — quase um menino — mas vocês sabem que no caso deles é difícil dizer a idade com precisão. A única idéia que me veio foi a de oferecer um dos bons biscoitos suecos que eu tinha em meu bolso.

Os dedos fecharam-se lentamente sobre ele, segurando-o — e não houve nenhum outro movimento, nem nenhum outro olhar. Ele havia amarrado um pouco de tecido de lã branca em torno de seu pescoço — Por quê? Onde ele o obtivera? Seria uma forma de identificação — um ornamento, um talismã — algo para um ato propiciatório? Havia alguma idéia ligada a ele? Era chocante ver em torno de seu pescoço negro esse pedaço de tecido branco oriundo de além mar.

“Próximos da mesma árvore, dois outros feixes de ossos agudos sentavam-se com as pernas cruzadas para cima. Um, tendo o queixo apoiado sobre os joelhos, tinha os olhos fixos no vácuo, de um jeito intolerável e aterrador; seu irmão fantasma descansava a testa, como que tomado por uma grande exaustão; e todos os demais estavam espalhados por ali em todo tipo de pose de contorcido colapso, como em algum quadro de massacre ou de peste. Enquanto eu permanecia ali, de pé, horrorizado, uma dessas criaturas ergueu-se sobre suas mãos e joelhos e caminhou de quatro em direção do rio, a fim de beber. Ele usou uma de suas mãos como uma concha para colher a água, depois sentou-se sob a luz do sol, cruzando suas canelas na frente, e após algum tempo deixou que sua cabeça lanífera caísse sobre o próprio peito.

“Eu não queria mais ficar à toa na sombra e me apressei para alcançar o posto. Quando estava próximo aos edifícios, encontrei um homem branco, trajando-se com uma tão inesperada elegância, que num primeiro momento acreditei tratar-se de uma visão. Vi um colarinho alto e engomado, punhos brancos, um paletó de alpaca fina, calças brancas, uma gravata clara e botas envernizadas. Não vestia chapéu. O cabelo estava partido, escovado, lubrificado, sob um guarda-sol com linhas verdes segurado em suas mãos brancas e grandes. Ele era surpreendente e mantinha uma caneta atrás de sua orelha.

“Apertei as mãos desse milagre e soube que se tratava do contador-chefe da Companhia, e que toda a contabilidade era feita ali, naquele posto. Ele havia saído um instante, disse-me, ‘para pegar um pouco de ar fresco’. A expressão soou maravilhosamente peculiar, com sua sugestão de vida sedentária e burocrática. Eu não teria sequer mencionado esse sujeito a vocês, se não tivesse sido pelos seus lábios que pela primeira vez ouvi o nome do homem que está conectado de modo tão indissolúvel às lembranças daquele tempo. Além do mais eu respeitava o sujeito. Sim; eu respeitava os

seus colarinhos, seus punhos largos, seus cabelos escovados. Sua aparência era, sem dúvida, a de um manequim de cabeleireiro; em meio à grande desmoralização do lugar, ele sem dúvida sabia como sustentar a sua aparência. Era preciso ter muita firmeza. Seu colarinho engomado e o peitilho da camisa eram uma conquista do caráter. Ele já estava ali há quase três anos; e, mais tarde, não pude evitar perguntar-lhe como era capaz de manter suas roupas naquelas condições impecáveis. Ele corou, bem de leve, e disse com modéstia: 'Tenho ensinado uma das mulheres nativas do posto. Foi difícil. Ela detestava o trabalho'. Assim, esse homem tinha de fato realizado algo. Ele se dedicava aos seus livros contábeis, que eram mantidos em perfeita ordem.

"Tudo o mais no posto estava em desordem — as mentes, as coisas, os edifícios. Filas de negros empoeirados com pés chatos chegavam e partiam; um rio de artigos manufaturados, tecidos baratos de algodão, miçangas e fios de bronze eram enviados para as profundezas da escuridão, recebendo em troca um precioso gotejar de marfim.

"Tive de aguardar dez dias no posto — uma eternidade. Eu morava numa cabana no jardim, mas para me retirar do caos, dirigia-me ao escritório do contador, algumas vezes. Era uma construção de tábuas horizontais, e de tal modo mal rejuntadas, que quando ele se inclinava sobre a sua escrivaninha, ficava marcado do pescoço ao calcanhar com finas listras de luz solar. Não havia necessidade de se abrir as amplas venezianas para enxergar. Era quente em demasia, também; moscas grandes zumbiam de maneira infernal, e não picavam, apunhalavam. Geralmente, eu me sentava no chão, enquanto ele, com sua aparência impecável (e até mesmo levemente perfumado), empoleirado num banco alto, fazia anotações. Algumas vezes ele levantava-se para fazer exercícios. Quando um doente numa maca (algum trabalhador inválido do interior) foi colocado dentro de sua sala, ele demonstrou um leve aborrecimento. 'Os gemidos desse doente', ele disse, 'distraem minha atenção, e num ambiente como esse é preciso redobrada atenção para evitar erros contábeis'.

"Um dia, ele observou, sem erguer a cabeça, 'no interior o senhor certamente conhecerá o Sr. Kurtz'. Quando perguntei-lhe quem seria o Sr. Kurtz, respondeu-me que se tratava de um agente de primeira classe; e notando meu desapontamento com essa informação, acrescentou lentamente, deixando cair sua caneta, 'ele é um homem notável'. Perguntas posteriores fizeram-lhe revelar que

o Sr. Kurtz era, naquele momento, o encarregado de um posto comercial de muita importância, na verdadeira região do marfim, 'bem no centro da selva. Remete maior quantidade de marfim do que todos os outros postos somados...' E voltou a escrever. O homem estava enfermo demais para gemer. As moscas zumbiam numa grande paz.

"De repente teve início um crescente murmúrio de vozes e um grande tropel de passos. Uma caravana havia chegado. Um violento ruído de estranhos sons irrompeu do lado de lá das tábuas. Todos os carregadores falavam simultaneamente, e em meio ao tumulto, ouviu-se a voz chorosa do agente principal 'desistindo' pela vigésima vez naquele dia... O contador se ergueu lentamente. 'Que alvoroço assustador', disse. Atravessou a sala gentilmente para observar o doente e quando voltou, falou-me: 'Não me ouve'. 'O quê? Morto?', perguntei, sobressaltado. 'Não, ainda não', respondeu, com grande compostura. Então, aludindo com um gesto de cabeça ao tumulto no pátio do posto, disse: 'quando alguém tem de fazer lançamentos precisos, passa a odiar aqueles selvagens — odiá-los até a morte.' Ele permaneceu refletindo por um instante. 'Quando encontrar o Sr. Kurtz', continuou, 'diga-lhe que tudo aqui' — olhou para a escrivania — 'está muito satisfatório. Não gosto de escrever para ele — com os mensageiros de que dispomos, nunca se sabe quem poderá se apoderar de sua carta naquele Posto Central.' Ele olhou para mim por um instante com os seus olhos benignos e salientes. 'Oh, ele irá longe, muito longe', ele recomeçou. 'Ele será alguém importante na administração muito em breve. Eles, lá em cima — o Conselho Europeu, o senhor sabe, — têm planos para ele.'

"Voltou ao seu trabalho. O barulho lá fora cessara e no caminho de saída resolvi parar diante da porta. Em meio ao incessante zumbido das moscas, o agente que retornava à sua casa estava deitado, febril e insensível; o outro, inclinado sobre seus livros, fazia lançamentos corretos de suas transações perfeitamente corretas; e a uns quinze metros abaixo da porta de entrada, eu podia ver as copas das árvores, imóveis, no bosque da morte.

"No dia seguinte, finalmente parti, deixando para trás aquele posto numa caravana de sessenta homens, para uma jornada de mais de trezentos quilômetros.

"Não há utilidade em contar-lhes muito sobre essa etapa. Trilhas, trilhas em toda parte; uma rede de trilhas marcadas que se espalhavam sobre a terra vazia, através de alta vegetação, de vegetação

queimada, através de bosques, subindo e descendo por ravinas frias, subindo e descendo escaldantes colinas rochosas; e uma solidão, uma vasta solidão, ninguém, nem um único casebre no caminho. A população havia partido há muito tempo. Bem, se um bando de negros misteriosos carregando todo tipo de armas ameaçadoras subitamente entrasse a percorrer a estrada que liga Deal a Gravesend, prendendo os camponeses residentes à direita e à esquerda, e fazendo-os carregar os seus pesados fardos, imagino que todas as fazendas e cabanas nas imediações esvaziar-se-iam em pouco tempo. Só que ali as habitações haviam desaparecido também. Ainda assim, passei por diversas aldeias abandonadas. Há algo de pateticamente pueril nas ruínas de paredes de palha. Dia após dia, com o som das passadas de sessenta pares de pés descalços atrás de mim, cada par carregando cerca de trinta quilos de carga. Acampar, cozinhar, dormir, levantar acampamento, marchar. De vez em quando, um carregador morto na labuta, caído sobre a relva nas margens da trilha, com uma cabaça de água vazia e seu longo cajado ao lado. Um grande silêncio em torno e acima. Talvez, em alguma noite silenciosa, o rumor longínquo dos tambores, sumindo, aumentando, um vasto tremor, débil; um som estranho, sedutor, sugestivo e selvagem — e, talvez, portadores de um significado tão profundo quanto aquele dos sinos que soam num país cristão. Certa vez, um homem branco com seu uniforme desabotoado acampava na trilha com uma escolta armada de delgados zanzibaris, muito hospitaleiros e festivos — para não dizer que estavam embriagados. Estava cuidando da manutenção da estrada, declarou. Não vi nem estrada nem obras de manutenção, a não ser que o corpo de um negro de meia-idade, com um buraco de bala na testa, com o qual me deparei cerca de cinco quilômetros à frente, possa ser considerada uma benfeitoria permanente. Eu tinha um companheiro branco também, um sujeito que não era mau, mas com um corpo excessivamente grande, e com o hábito exasperante de desmaiar de calor nas quentes encostas das colinas, a muitos quilômetros de distância de qualquer pequena sombra e da água. É um aborrecimento, os senhores sabem disso, ter de segurar o próprio casaco como se fosse um guarda-sol, sobre a cabeça de um homem, enquanto ele não volta a si. Não pude deixar de perguntar-lhe, certa feita, sobre o que ele pretendia estando ali. ‘Ganhar dinheiro, é claro. O que você acha?’, disse, com escárnio. Então teve uma febre e precisou ser carregado numa rede sustentada num poste horizontal de madeira. Como ele pesava

cem quilos, tive inúmeras discussões com os carregadores. Eles empacavam, fugiam, escapavam com suas cargas durante a noite — um verdadeiro motim. Então, uma noite, fiz um discurso em inglês e com gestos, sendo que nenhum deles escapou aos sessenta pares de olhos que estavam diante de mim, e na manhã seguinte partimos com a rede na vanguarda. Uma hora depois deparei com toda aquela encrenca espatifada num arbusto — homem, rede, gemidos, cobertores, horrores. O pesado poste de madeira havia esfolado o seu pobre nariz. Ele estava muito ansioso, queria que eu matasse alguém, mas não havia sinal sequer de algum carregador por perto. Lembrei-me do velho médico: — ‘Seria do interesse da Ciência monitorar as alterações mentais do indivíduo no meio da selva’. Senti que eu já estava me tornando cientificamente interessante. Todavia, isso tudo não deu em nada. No décimo quinto dia o grande rio tornou-se visível novamente, e entrei cambaleando no Posto Central. Ficava num remanso, cercado de mato e floresta, com uma bela margem de lodo fedorento de um lado, e nos outros três era rodeado por uma cerca de juncos desordenados. Uma brecha negligenciada era o único portão da cerca, e o primeiro olhar lançado sobre o local era suficiente para concluir que o demônio do desmantelamento é quem comandava aquele espetáculo. Homens grandes, portando longos cajados, apareceram languidamente por entre os edifícios, avançando o suficiente para me ver, desaparecendo depois. Um deles, gordo e falante, de bigodes pretos, informou-me com grande volubilidade e muitas digressões, assim que eu me apresentei, que meu vapor estava no fundo do rio. Fiquei assombrado. O que, como, por quê? Ó, estava ‘tudo certo’, o ‘próprio gerente’ estava lá. Tudo muito certo. ‘Todos haviam se comportado esplendidamente! Esplendidamente!’ — ‘O senhor deve’, disse ele agitado, ‘ir ter com o gerente geral imediatamente. Ele o aguarda!’

“A princípio não compreendi o real significado daquele naufrágio. Imagino que compreendo-o agora, mas não estou tão certo, não mesmo. Certamente a ocorrência era estúpida em demasia — quando penso sobre ela — para ser considerada natural. Ainda assim... Mas naquele momento tudo me parecia como uma confusão sem sentido. O vapor afundara. Eles haviam partido dois dias antes com uma pressa repentina, rio acima, com o gerente a bordo, sob o comando de um capitão voluntário, e menos de três horas mais tarde rompiam o seu casco nas pedras, e o barco afundou junto da

margem sul. Perguntei-me o que faria ali agora, agora que meu barco estava perdido. Na verdade, eu tinha muito que fazer para resgatar o meu comando no fundo daquele rio. Tive de dar início às providências já no dia seguinte. Isso, e os reparos que tive de fazer assim que recolhi as partes na estação, levaram alguns meses.

“Minha primeira entrevista com o gerente foi curiosa. Ele não me convidou para sentar após a minha caminhada de mais de trinta quilômetros naquela manhã. Ele era comum em termos de fisionomia, maneiras e voz. Tinha estatura mediana e constituição ordinária. Seus olhos, de um azul comum, eram, talvez, notavelmente frios, e ele certamente era capaz de fazer seu olhar descer sobre alguém tão afiado e pesado como um machado. Mas até mesmo nessas ocasiões, o resto de sua pessoa parecia desmentir tal intenção. Fora isso, havia apenas uma expressão indefinível e débil nos seus lábios, algo dissimulada... um sorriso — nem mesmo um sorriso — eu me lembro bem disso, mas não posso explicar. Era inconsciente, esse sorriso, embora logo depois que dissesse algo se tornasse mais intenso por um momento. Ele chegava ao final de suas falas como um rótulo aplicado sobre as palavras, para fazer com que o sentido das frases mais comuns parecesse absolutamente inescrutável. Ele era um comerciante comum, desde a sua juventude trabalhando nessa região — nada além disso. Ele era obedecido, contudo não inspirava amor nem medo, nem mesmo respeito. Inspirava desconforto. É isso mesmo, desconforto! Não era uma desconfiança bem definida — apenas desconforto —, nada mais. Vocês não têm idéia da eficácia que uma tal... uma... faculdade como essa pode ter. Não era algum gênio em termos de organização ou iniciativa, nem mesmo sabia como dar ordem às coisas. Isso ficava evidente no aspecto deplorável de manutenção daquele posto. Não possuía instrução nem inteligência. Aquele cargo o havia alcançado — por quê? Talvez porque jamais ficasse doente... Havia servido três contratos de três anos ali... Porque uma saúde vigorosa na derrocada geral das constituições é um tipo de poder em si mesmo. Quando ia para casa, em férias, ele farreava em grande escala — pomposamente. Marinheiro em terra firme — com uma diferença — na aparência, apenas. Isso era possível perceber na sua conversa cotidiana. Não criava nada novo, era apenas capaz de manter a rotina pura e simples — nada mais. Mas ele era grande. Era grande em virtude do fato de que era impossível prever o que estaria contido num homem como esse. Ele jamais revelou esse segredo. É possível que não houvesse nada dentro dele. Uma suspeita

desse tipo fazia refletir, pois naquelas paragens não havia controles externos. Certa vez, quando diversas doenças tropicais haviam derrubado quase todos os agentes no posto, ouviram-no dizer: 'Aqueles que vêm para cá não deveriam ter entranhas'. Ele terminou essa sentença com aquele seu sorriso, como se fosse uma porta que se abria para a escuridão que ele tinha sob a sua guarda. Você poderia achar que viu alguma coisa, mas o selo estava lá. Quando se irritou com as brigas constantes dos homens brancos a respeito da precedência na hora das refeições, mandou que se fizesse uma imensa mesa redonda que, por não caber em outro lugar, exigiu a construção de um novo galpão, que se tornou a sala de jantar do posto. O lugar em que ele se sentava era a cabeceira — todos os demais eram nada. Era possível sentir que essa era a sua convicção inabalável. Ele não era civilizado, nem incivil. Era silencioso. Permitia que seu "garoto" — um jovem negro superalimentado da costa — tratasse os homens brancos com insolência, bem debaixo de seus olhos.

"Começou a falar assim que me viu. Eu tinha me demorado demais na estrada. Ele não podia esperar. Precisava começar sem mim. Os postos rio acima tinham de ser rendidos. Tinham já ocorrido tantos atrasos que ele não sabia quem estaria morto e quem estaria vivo, e como estariam — e isso e aquilo. Não prestou atenção às minhas explicações, e, brincando com um bastão de lacre, repetiu várias vezes que a situação era 'muito grave, muito grave'. Havia rumores que um dos postos mais importantes estava ameaçado, e que o seu líder, Sr. Kurtz, estava doente. Esperava que isso não fosse verdade. Sr. Kurtz era... eu me sentia exausto e irritado. O Sr. Kurtz que se dane, pensei. Interrompi-o dizendo que ouvi falar a respeito do Sr. Kurtz na costa. 'Ah, então falam sobre ele por lá', murmurou para si mesmo. Então recomeçou, enfatizando que o Sr. Kurtz era o melhor agente que ele tinha, um homem extraordinário, da maior importância para a Companhia; portanto, eu podia entender a sua ansiedade. Ele estava, afirmou, 'muito, muito preocupado'. Ele estava indócil em sua cadeira e exclamou: 'Ah, Sr. Kurtz!' quebrou o bastão de lacre e pareceu envergonhado pelo acidente. Em seguida quis saber 'quanto tempo iria levar para ...' eu o interrompi novamente. Eu estava faminto, vocês sabem, e ainda permanecia de pé, portanto estava me tornando irritado. 'Como posso saber?', afirmei, eu ainda nem tinha visto o navio naufragado — alguns meses, sem dúvida'. Toda essa conversa me

parecia muito fútil. ‘Alguns meses’, ele disse. ‘Bem, digamos que serão três meses antes de partirmos. Sim, esse deve ser o tempo necessário para a solução do caso’. Saí apressadamente de sua cabana (ele morava sozinho numa cabana de barro que tinha uma espécie de varanda), resmungando para comigo o juízo que fazia dele. Tratava-se de um idiota tagarela. Mais tarde, retirei essa opinião, quando me dei conta da extrema adequação com que ele estimara o tempo exigido para o caso.

“Fui trabalhar no dia seguinte, virando as costas, por assim dizer, àquele posto. Só dessa maneira, pareceu-me, eu poderia manter o controle sobre os fatos redentores da vida. Todavia, devemos olhar ao nosso redor algumas vezes; e então eu via aquele posto, aqueles homens perambulando sem rumo sob o brilho do sol naquele pátio. Perguntei a mim mesmo algumas vezes qual seria o significado de tudo aquilo. Eles andavam de um lado para o outro com seus cajados absurdamente compridos nas mãos, como um grupo de peregrinos sem fé, enfeitiçado e preso nos limites de uma cerca apodrecida. A palavra ‘marfim’ pairava no ar, era sussurrada, suspirada. Podia-se imaginar que eles estavam orando por meio dela. Uma epidemia de ganância imbecil irrompia sobre tudo aquilo, como a exalação de um cadáver. Por Deus! Jamais assisti a algo tão irreal em toda a minha vida. E do lado de fora, a floresta silenciosa circundando aquela mancha desbastada no terreno, dava-me a impressão de algo grandioso e invencível, como o mal ou a verdade, aguardando pacientemente a passagem daquela invasão fantástica.

“Oh, aqueles meses! Bem, não importa. Muitas coisas ocorreram. Certa noite, uma cabana de palha repleta de morim, algodão estampado, miçangas e não sei mais o que, explodiu num braseiro, tão inesperadamente, que se poderia pensar que a terra se abrisse para deixar um fogo purificador consumir todo aquele lixo. Eu estava fumando meu cachimbo, tranqüilamente, ao lado de meu vapor desmontado, e vi quando aqueles homens começaram a saltitar na luz, com seus braços erguidos, quando o homem gordo de bigodes veio correndo para o rio, com um balde de lata em suas mãos, e garantiu-me que todos estavam ‘se comportando esplendidamente, esplendidamente’; colheu cerca de um quarto de água e voltou apressadamente. Notei que havia um buraco no fundo de seu balde.

“Subi também. Não havia pressa alguma. A coisa havia se consumido no fogo como uma caixa de fósforos. Era um caso perdido desde o primeiro momento. O fogaréu subiu empurrando todos para

trás, iluminando tudo — e morreu. A cabana já havia se tornado um punhado de cinzas brilhando com grande intensidade. Perto dali, um negro estava sendo surrado. Diziam que de algum modo ele havia causado o incêndio; fosse ou não, ele guinchava de uma maneira horripilante. Eu o vi, mais tarde, por muitos dias, sentado numa pontinha de sombra, parecendo muito enfermo e tentando se recuperar; algum tempo depois, ele se ergueu e partiu — e a selva, sem um único ruído, recebeu-o novamente em seu seio. Quando me aproximei do braseiro, vindo da escuridão, dei com as costas de dois homens que conversavam. Ouvi o nome Kurtz ser pronunciado, depois as palavras ‘tirar proveito desse infeliz acidente’. Um deles era o gerente. Desejei-lhe boa-noite. ‘Já viu algo assim — hein? É inacreditável’, ele disse, e se afastou. O outro homem permaneceu ali. Tratava-se de um agente de primeira classe, jovem, cavalheiro, um tanto reservado, com uma pequena barba bifurcada e um nariz adunco. Mantinha-se a distância dos demais agentes, e esses, por sua vez, diziam que ele era o espião do gerente. Quanto a mim, mal havia falado com ele anteriormente. Começamos a conversar e fomos caminhando devagar, nos distanciando das ruínas sibilantes. Depois ele me convidou para ir até o seu quarto, que ficava no edifício central do posto. Ele riscou um fósforo e percebi que esse jovem aristocrata não só possuía um estojo de toalete prateado, mas também uma vela inteira somente para ele. Naquele tempo o gerente era a única pessoa supostamente com qualquer direito a velas. Esteiras nativas cobriam as paredes de barro; uma coleção de lanças, azagaias, escudos e facas estava pendurada como se fossem troféus. O trabalho do qual esse rapaz era encarregado era a fabricação de tijolos. Isso era o que me haviam dito; mas não havia nenhum fragmento de tijolo em nenhuma parte do posto, e ele já estava ali fazia mais de um ano — aguardando. Parece-me que ele não poderia fazer tijolos sem algum tipo de substância, não sei o quê — palha talvez. De qualquer modo, essa substância não podia ser encontrada por ali, e como não era provável que fosse enviada da Europa, não estava claro para mim o que ele estava aguardando. Um ato de criação espontânea, quem sabe. Todavia, todos ali estavam aguardando — todos os dezesseis ou vinte peregrinos — alguma coisa assim; e dou minha palavra que não parecia uma ocupação incompatível, do modo com que eles a encaravam, embora a única coisa que de fato chegavam eram as doenças — até onde eu podia observar. Passavam o tempo caluniando-se uns aos outros e

fazendo intrigas da maneira mais tola. O posto tinha uma atmosfera de conspiração, mas nada resultava disso, obviamente. Era tão irreal quanto tudo o mais — como a pretensão filantrópica da iniciativa em si, como os seus diálogos, como o seu governo, como o seu trabalho fingido. O único sentimento real era o desejo de ser indicado para um posto comercial em que o marfim fosse obtido, para poderem receber as suas comissões. Eles viviam em meio a intrigas, calúnias e ódio por essa única razão — mas para de fato levantar um dedinho — oh, não. Pelos céus! Existe algo afinal, no mundo, que permite a um homem roubar um cavalo, enquanto outro não pode sequer olhar para um cabresto. Roubar um cavalo sem rodeios. Muito bem. Ele o fez. Talvez possa montá-lo. Mas há um modo de se olhar para um cabresto que levaria o mais caritativo dos santos a dar um chute.

“Eu não tinha idéia do motivo de sua gentileza, mas enquanto conversávamos ali, ocorreu-me repentinamente que o sujeito estava querendo chegar a algum lugar — de fato, estava me sondando. Ele aludia o tempo todo à Europa, às pessoas que eu deveria conhecer lá — fazendo perguntas capciosas sobre as minhas conexões na cidade sepulcral, e assim por diante. Seus pequenos olhos brilhavam como discos de mica — tal era a curiosidade — embora procurasse manter uma certa dose de superioridade. A princípio, fiquei espantado, mas logo tornei-me terrivelmente curioso para ver o que ele conseguiria arrancar de mim. Eu não podia imaginar o que havia em mim que valesse o tempo dele. Era muito belo ver a que ponto ele se iludia, pois a verdade era que meu corpo estava cheio apenas de calafrios, e em minha cabeça eu não tinha nada além do trabalho a fazer para recuperar aquele vapor. Era evidente que ele me tomara por um perfeito prevaricador desavergonhado. Finalmente irritou-se, e para disfarçar um gesto de raivosa fúria, bocejou. Ergui-me. Notei, então, um pequeno esboço de uma pintura a óleo, num painel, representando uma mulher, com vestes drapejadas e com uma venda nos olhos, carregando uma tocha acesa. O fundo era sombrio — e o efeito da luz da tocha sobre o rosto da mulher era sinistro.

“O quadro capturou minha atenção, e ele ficou ao lado, polidamente, segurando uma garrafa vazia, de um quarto de litro, de champanhe (recomendação médica) com uma vela enfiada no gargalo. Como lhe perguntasse o autor da obra, ele me respondeu que o Sr. Kurtz a fizera — naquele mesmo posto, havia mais de um

ano — enquanto aguardava transporte para o seu posto comercial. ‘Diga-me, por favor’, pedi, ‘quem é esse Sr. Kurtz?’ ‘O chefe do posto interno’, respondeu com voz pequena, olhando para longe. ‘Muito obrigado’, eu disse, rindo. ‘E o senhor é o fabricante de tijolos do Posto Central. Todos sabem disso’. Guardou um silêncio momentâneo. ‘Ele é um prodígio’, disse afinal. ‘É um emissário da piedade, da ciência, do progresso e o diabo sabe o que mais. Queremos’, começou a declamar de súbito, ‘para a orientação da causa que nos foi confiada pela Europa, por assim dizer, de inteligência superior, largas simpatias e unidade de propósito’. ‘Quem diz isso?’, perguntei. ‘Muitos deles’, ele respondeu. ‘Alguns até mesmo escreveram isso; por esse motivo, *ele* veio para cá, um ser especial, como o senhor deve saber’. ‘Por que eu deveria saber?’, interrompi-o, de fato surpreso. Ele não prestou atenção. ‘Sim, hoje ele é o chefe do melhor posto, no ano que vem será o assistente do gerente, mais dois anos e... mas atrevo-me a dizer que o senhor sabe o que ele será dentro de dois anos. O senhor pertence ao novo grupo — o grupo da virtude. As mesmas pessoas que o enviaram especialmente para cá também foram as que recomendaram o senhor. Oh, não diga que não. Confio nos meus próprios olhos’. Então comecei a compreender. As influentes conexões de minha tia estavam começando a produzir um efeito inesperado sobre aquele rapaz. Eu praticamente explodi numa gargalhada. ‘O senhor lê a correspondência confidencial da empresa?’, perguntei. Ele ficou sem palavras. Foi muito divertido. ‘Quando o Sr. Kurtz’, continuei falando com seriedade, ‘for o gerente geral, o senhor não mais terá essa possibilidade’.

“Ele apagou a vela subitamente e saímos. A lua estava alta no céu. Vultos negros caminhavam por ali desanimadamente, jogando água no braseiro, produzindo assim um sibilo; o vapor subia contra a luz do luar, o negro surrado gemia em alguma parte. ‘Que barulho faz esse primitivo!’, disse o infatigável homem de bigode, aproximando-se de nós. ‘Foi merecido. Transgressão — punição — bang! Sem piedade, sem piedade. Esse é o único jeito. Isso prevenirá todas as rebeliões no futuro. Há pouco eu dizia isso ao gerente...’ Quando notou a minha companhia ficou subitamente desconsertado. ‘Não foi ainda para a cama’, disse, com um tipo de cordialidade servil; ‘É tão natural. Ah, perigo, agitação!’ Desapareceu. Continuei andando para a margem do rio, e o outro me seguiu. Um murmúrio sarcástico chegou aos meus ouvidos, ‘bando de desastrados. Vão

para...' Os peregrinos podiam ser vistos em grupos pequenos, gesticulando, discutindo. Muitos ainda tinham os seus cajados nas mãos. Acho até que foram dormir armados com eles. Para além da cerca, a floresta se erguia como um espectro ao luar, e em meio à confusa agitação, através dos ruídos tênues daquele pátio deplorável, o silêncio da terra fazia morada no fundo do nosso coração — com seu mistério, sua grandeza, a surpreendente realidade de sua vida recôndita. O negro machucado gemeu debilmente em algum lugar próximo dali, depois foi buscar um profundo suspiro que me fez apressar o passo, saindo dali. Senti que uma mão se enfiava sob o meu braço. 'Meu caro senhor', disse o sujeito, 'não desejo ser mal interpretado, especialmente pelo senhor, que verá o Sr. Kurtz muito antes que possa ter esse mesmo prazer. Eu não gostaria que ele fizesse uma idéia falsa de minha atitude...'

"Permiti que continuasse, aquele Mefistófeles de papel machê, e pareceu-me que se eu tentasse, poderia enfiar meu dedo indicador através dele, e nada encontraria dentro dele, além de um pouco de poeira solta. Vejam vocês que ele vinha planejando se tornar o assistente do gerente no decorrer da administração atual, e eu podia perceber que a vinda daquele Kurtz havia desapontado muito a ambos. Ele falava precipitadamente e eu não tentava pará-lo. Meus ombros estavam apoiados nos destroços de meu vapor, rebocado para a encosta como se fosse a carcaça de algum grande animal do rio. O cheiro de lodo, de lodo primordial, por Deus! subia pelo meu nariz, a marcante quietude da floresta primordial aparecia diante de meus olhos; havia retalhos brilhantes no riacho negro. A lua havia espalhado na superfície de todas as coisas uma fina camada prateada — sobre a mata densa, sobre o lodo, sobre o muro de vegetação entrelaçada, mais alto que as paredes de um templo, sobre o grande rio que eu podia ver cintilar por uma brecha sombria, cintilando enquanto fluía vastamente sem fazer qualquer ruído. Tudo isso era grandioso, promissor, silencioso, enquanto o homem continuava a tagarelar sobre si mesmo. Eu queria entender se a quietude na face da imensidão que olhava para nós significava um apelo ou uma ameaça. Quem éramos nós que estávamos ali perdidos? Podíamos dominar aquela mudez ou era ela que nos dominaria? Descobri quão grande, quão confusamente grande era aquela coisa que não podia falar, e talvez fosse surda também. O que havia ali dentro? Eu podia ver que um pouco de marfim provinha de lá, e tinha ouvido dizer que o Sr. Kurtz estava lá. Já tinha ouvido o suficiente

sobre tudo aquilo — Deus sabe como! Contudo, não havia nenhuma imagem que eu pudesse associar a essas coisas — não mais do que se me tivessem dito que havia lá dentro um anjo ou um demônio. Acreditava naquilo tanto quanto alguns de vocês talvez acreditem que haja habitantes no planeta Marte. Conheci certa vez um fabricante de velas na Escócia que tinha absoluta certeza da existência de habitantes em Marte. Se você perguntasse a ele se fazia alguma idéia da aparência e do tipo de comportamento dos marcianos, ele se sentia envergonhado e resmungava algo a respeito de ‘andar de quatro’. Se você o ironizasse, ele então — embora estivesse próximo dos sessenta anos de idade — desafiava-o para uma briga. Eu não iria tão longe para lutar em nome de Kurtz, mas cheguei bem perto disso quando menti por ele. Vocês sabem que eu odeio, detesto, e não posso suportar uma mentira, não porque eu seja mais correto do que as outras pessoas, mas simplesmente porque a idéia me horroriza. Há uma nódoa de morte, um sabor de mortalidade nas mentiras — que é exatamente aquilo que detesto e odeio no mundo — aquilo que desejo esquecer. Faz-me sentir muito mal, enfermo, tal qual quando mordo algum alimento apodrecido. Temperamento, eu suponho. Bem, estive próximo disso ao permitir que aquele jovem tolo imaginasse que eu tinha de fato alguma influência e prestígio na Europa. Por um momento tornei-me uma fraude tão grande quanto o resto daqueles peregrinos hipnotizados. Simplesmente porque eu tinha a noção de que, de algum modo, eu poderia ajudar aquele Kurtz, que até aquele momento ainda não conhecia — vocês compreendem? Ele era apenas um nome para mim. Não tinha enxergado o homem nesse nome mais do que vocês. Podem enxergá-lo? Podem ver a sua história? Podem ver alguma coisa? A mim me parece que tento contar-lhes um sonho — uma vã tentativa, porque nenhum relato de um sonho pode transmitir a sensação onírica, aquela mistura de absurdo, surpresa e encantamento, num tremor de revolta que se debate, aquela sensação de estar capturado pelo inacreditável, que é a própria essência dos sonhos...”

Calou-se por alguns instantes.

“... Não, é impossível; é impossível transmitir a sensação de vida de qualquer época específica de nossa existência — aquilo que perfaz a sua verdade, o seu significado — a sua essência sutil e penetrante. É impossível. Vivemos tal como sonhamos — em solidão...”

Fez uma nova pausa como se refletisse, e em seguida acrescentou:

“É claro que nisso vocês, meus caros, podem enxergar mais do que eu poderia naquele tempo. Vocês me vêem, e me conhecem...”.

A noite estava agora tão escura que nós, os ouvintes, mal podíamos ver uns aos outros. Já fazia um bom tempo que ele, sentando-se um pouco afastado de nós, tornara-se apenas uma voz. Ninguém dizia qualquer palavra. Os outros poderiam estar dormindo, mas eu estava bem acordado. Ouvia e continuava desperto, aguardando a próxima frase, a próxima palavra, aquela que me daria a pista para o leve desconforto inspirado por essa narrativa que parecia tomar forma sem a necessidade de lábios humanos, na pesada atmosfera noturna do rio.

“... Sim — permiti que ele prosseguisse”, recomeçou Marlow, “e pensando o que quisesse sobre os poderes que estavam por trás de mim. Deixei, sim! E não havia poder algum atrás de mim! Não havia nada além daquele velho e danificado barco a vapor contra o qual eu estava apoiado, enquanto ele falava fluentemente sobre ‘a necessidade que todo homem tem de progredir’. ‘E quando alguém vem até aqui, o senhor entende, não é para fixar os olhos na lua’. O Sr. Kurtz era um ‘gênio universal’, mas mesmo um gênio acharia mais fácil trabalhar com ‘ferramentas apropriadas — homens inteligentes’. Ele não fabricava tijolos — por quê? Havia uma impossibilidade física como obstáculo — como eu bem sabia; e se ele prestava serviços de um secretário para o gerente, era porque ‘nenhum homem sensível rejeita, sem que haja uma boa razão, a confiança de seus superiores’. Eu conseguia enxergar isso? Sim, eu conseguia. O que mais eu desejava? O que eu realmente desejava eram rebites, por Deus! Rebites. Para continuar o meu trabalho — para consertar a fenda no casco. Rebites era o que eu queria. Havia malas cheias deles na costa — malas empilhadas, abertas, partidas ao meio! Você chutava um rebite a cada dois passos no pátio daquele posto na colina. Rebites desciam rolando para o bosque da morte. Era possível encher os bolsos, bastando que você se abaixasse para tanto — contudo não se encontrava um único rebite onde era preciso achá-los. Tínhamos placas o suficiente, mas nada com o que pregá-las. E toda semana, o mensageiro, um negro solitário, sacola de cartas nos ombros e cajado nas mãos, partia do nosso posto rumo à costa. E diversas vezes por semana, uma caravana chegava carregada de mercadorias — pavorosos morins cintilantes que faziam-nos tremer só de vê-los, miçangas de vidro vendidas a um centavo o quilo, lenços de algodão com estampas exóticas. E nada de rebites. Três carregadores

bastariam para trazer tudo o que se desejava para conseguir que aquele vapor flutuasse.

“Ele estava se tornando confidencial agora, mas imagino que minha indiferença deve tê-lo exasperado afinal, pois julgou necessário dizer-me que não temia Deus nem o diabo, muito menos um reles ser humano. Eu lhe disse que podia notar isso nitidamente, mas o que eu necessitava era uma determinada quantidade de rebites — e rebites era o que de fato o Sr. Kurtz desejava caso soubesse dos fatos. Agora, as cartas seguiam para a costa semanalmente... ‘Meu caro senhor’, choramingou, ‘escrevo apenas o que me é ditado’. Exigi os rebites. Havia uma estratégia eficaz — para um homem inteligente. Alterou o seu comportamento; tornou-se muito frio, e subitamente começou a falar sobre um hipopótamo; queria saber se, dormindo a bordo do vapor (eu não desgrudava do meu barco resgatado dia e noite), eu não era incomodado. Havia um velho hipopótamo que tinha o mau hábito de sair na margem e andar a esmo pelos terrenos do posto. Os peregrinos costumavam sair numa caçada coletiva, descarregando todos os rifles de que podiam dispor contra o animal. Alguns passavam a noite inteira à sua procura. Entretanto, toda essa energia era desperdiçada. ‘Aquele animal está sob a proteção de um encantamento’, afirmou, ‘mas isso só se dá com os animais desta terra. Nenhum homem — você entende? — nenhum homem aqui tem esse tipo de proteção’. Permaneceu ali por um momento sob a luz do luar, com o seu delicado nariz adunco um pouco oblíquo e os seus olhos de mica brilhando sem piscar; então, com um boa-noite seco, ele se foi. Percebi que ele ficou um tanto perturbado e consideravelmente confuso, o que me deixou mais esperançoso do que eu estivera nos dias anteriores. Era um grande conforto passar da companhia daquele sujeito para a do meu amigo influente, o batido, retorcido, arruinado e vagabundo vapor. Subi com dificuldade a bordo. O barco retinha sob os meus pés como uma lata vazia de biscoitos Huntley & Palmer, chutada ao longo da sarjeta. Não era nem tão sólido nem tinha uma forma tão bela quanto à daquelas latas, mas o volume de trabalho duro que eu investira nele fora suficiente para que eu passasse a amá-lo. Nenhum amigo influente teria me servido melhor. Aquele vapor havia me concedido a chance de progredir um pouco — de descobrir aquilo de que eu era capaz. Não, eu não gosto de trabalhar. Teria preferido ficar à toa, pensando sobre todas as coisas agradáveis que há para se fazer. Não gosto de trabalhar — homem algum gosta —, mas gosto daquilo que está no

trabalho, — a chance de se descobrir. Sua própria realidade — para vocês mesmos, não para os outros —, aquilo que nenhum outro homem jamais pode saber. Eles podem apenas perceber o que aparece na superfície das coisas, sem jamais compreender o seu significado.

“Não me surpreendi com o fato de alguém sentar à popa, no convés, com suas pernas balançando sobre o lodo. Eu preferi ficar íntimo de uns poucos mecânicos que havia naquele posto, que eram naturalmente desprezados pelos demais peregrinos — pelo fato de não serem muito polidos, eu suponho. Esse era o capataz — seu negócio era a fabricação de caldeiras — um bom trabalhador. Era delgado, ossudo, um homem de rosto amarelado, com olhos grandes e intensos. Tinha uma aparência de preocupação e sua cabeça era tão calva quanto a palma da minha mão; mas era como se o cabelo, ao cair, tivesse grudado em seu queixo e prosperado no novo lugar, pois sua barba descia até a cintura. Era um viúvo, pai de cinco filhos (ele deixara as crianças aos cuidados de uma irmã para poder viajar a serviço), e a paixão de sua vida era o vôo dos pombos. Ele era um entusiasta e um *connoisseur*. Ele ia ao delírio com os pombos. Após o horário de trabalho costumava visitar-me em minha cabana para falar sobre os seus filhos e os seus pombos. No trabalho, quando era forçado a rastejar no lodo sob o casco do vapor, protegia aquela sua barba com uma espécie de guardanapo branco que ele trazia para esse fim, e que tinha alças que passavam sobre as suas orelhas. À noite ele podia ser visto agachado à beira do rio lavando aquela capa de barba no riacho, com grande cuidado, e então a estendia solenemente sobre um arbusto para secar.

“Dei-lhe um tapinha nas costas e gritei: ‘Teremos os rebites!’ Ele se levantou, exclamando: ‘Não! Os rebites!’, como se não pudesse crer nos seus ouvidos. Então, em voz baixa, ‘O senhor... hein?!’ Não entendo por que nos comportávamos como lunáticos. Coloquei o meu dedo na lateral do meu nariz e balancei a cabeça misteriosamente. ‘Sorte sua!’, ele gritou, estalando seus dedos sobre a própria cabeça, e levantando um pé. Cantarolei alguma coisa. Demos pinotes no convés de ferro. Um ruído tenebroso ergueu-se daquele casco, e o eco veio da floresta virgem, no outro lado da margem, como uma trovoadas sobre o posto adormecido. É provável que tenha feito saltar alguns dos peregrinos que dormiam em seus barracos. Um vulto escuro apareceu contra a luz na entrada da cabana do gerente e desapareceu. Logo, a própria entrada da cabana desapareceu também. Paramos, e o silêncio afastado pelos nossos passos, ecoou novamente nos recessos

da terra. A grande parede de vegetação, uma exuberante e entrelaçada massa de caules, galhos, folhas, ramos, grinaldas, imóvel sob o luar, era como uma invasão revoltosa da vida muda, uma onda de plantas avançando, enorme, encrespada, prestes a tombar sobre o rio, para varrer a efêmera existência de cada um de nós, criaturas medíocres. Mas não se movia. A explosão abafada e longínqua de um baque poderoso na água chegou até nós, como se um ictiossauro estivesse se banhando de esplendor nas águas do grande rio. ‘Afinal’, disse o fabricante de caldeiras num tom sensato, ‘por que não deveríamos conseguir os rebites?’ Por que não, de fato! Eu não conhecia qualquer motivo que nos impedisse de obtê-los. ‘Eles chegarão dentro de três semanas’, afirmei confiante.

“Mas não chegaram. Em vez de rebites o que veio foi uma invasão, um castigo, uma visitação. Ela se deu em grupos nas três semanas seguintes, cada grupo liderado por um burro que carregava um homem branco, trajando roupas novas e sapatos marrons, acenando com a cabeça, à direita e à esquerda, para os espantados peregrinos. Um bando de negros briguentos e mal-humorados com os pés feridos caminhava logo atrás do burro; uma grande quantidade de tendas, bancos de acampamento, caixas de lata, malas brancas e fardos marrons eram jogados no chão do pátio, e o ar de mistério aprofundava-se um pouco mais sobre a bagunça do posto. Cinco desses grupos vieram, aos poucos, com a absurda aparência de uma fuga desordenada, como se tivessem saqueado os produtos de numerosas lojas de moda e de provisões, e que, findo o assalto, partilhariam os seus frutos bem ali, no meio da selva. Era uma confusão inextrincável de coisas decentes, mas cuja loucura humana fazia parecer os despojos de um roubo.

“Esse bando devotado intitulava-se Expedição Exploradora do Eldorado, e acredito que tinham jurado algum segredo. A sua conversa, todavia, era a conversa de sórdidos bucaneiros — era imprudente sem bravura, gananciosa sem audácia e cruel sem coragem. Não havia um átomo de planejamento ou de sérias intenções da parte do batalhão inteiro, e nem sequer parecia que tinham consciência de que tais qualidades são necessárias para se trabalhar neste mundo. Seu desejo era o de extrair as riquezas das entranhas da terra, e seus propósitos morais não eram melhores dos que os de um ladrão que arromba um cofre. Quem pagou pelos custos dessa nobre empreitada, desconheço; mas o tio de nosso gerente era o líder do grupo.

“Sua aparência era a de um açougueiro de um bairro pobre, e

seus olhos transmitiam uma certa astúcia sonolenta. Ostentava uma grande pança sobre as pernas curtas e, durante o tempo em que seu bando infestou o posto, não conversou com ninguém além do próprio sobrinho. Era possível ver aqueles dois perambulando o dia todo, com suas cabeças unidas em uma interminável confabulação.

“Eu já havia desistido de me preocupar com os rebites. A capacidade que temos para aturar esse tipo de loucura é bem mais limitada do que vocês podem imaginar. Dane-se!, afirmei — e deixei as coisas andarem por si mesmas. Eu tinha muito tempo para meditação, e de tempos em tempos pensava um pouco sobre Kurtz. Eu não estava muito interessado nele. Não. Ainda assim, estava curioso para saber se esse homem, que era dotado de certos princípios morais, chegaria mesmo ao topo do poder, e como procederia quando chegasse lá.”



II

“Certa noite, eu estava deitado no convés de meu barco a vapor e ouvi vozes que se aproximavam — e lá vinham o sobrinho e o tio caminhando ao longo da margem. Apoiei novamente a cabeça sobre o meu braço, e já estava prestes a mergulhar no sono, quando alguém disse em meu ouvido, estas palavras: ‘Sou inofensivo como uma criança, mas não gosto de receber ordens. Sou o gerente ou não sou? Recebi instruções para enviá-lo para lá. É incrível...’ Percebi que ambos estavam de pé, na praia, ao lado da proa do vapor, bem embaixo da minha cabeça. Não me mexi; não ocorreu-me a idéia de fazer algum movimento. Eu estava com sono. ‘É desagradável’, resmungou o tio. ‘Ele pediu à administração para ser enviado para lá’, falou o outro, ‘com o objetivo de exhibir o que ele seria capaz de realizar; e fui instruído para isso. Veja a influência que esse homem deve ter. Não é assustador?’ Ambos concordaram que era assustador e depois fizeram diversas observações bizarras: ‘Chove e faz bom tempo — um homem — o Conselho — pelo nariz’ — fragmentos de frases absurdas que roubaram o melhor de minha sonolência, de modo que eu já estava quase inteiramente consciente quando o tio disse: ‘Talvez o clima possa resolver essa questão para você. Por acaso ele está sozinho por lá?’ ‘Sim’, respondeu o gerente; ‘ele enviou-me o seu assessor rio abaixo como um recado para mim, nestes termos: Mande esse pobre diabo para longe, e não se dê ao trabalho de mandar mais gente desse tipo. Prefiro permanecer na solidão a ter de aturar essa espécie de gente que os senhores colocam ao meu dispor. Isso ocorreu há mais de um ano. Você pode imaginar tanta imprudência!’ ‘Alguma notícia depois disso?’, perguntou o outro, com voz rouca. ‘Marfim’, afirmou o sobrinho, ‘muito marfim... de primeira,

muito, o que é irritante partindo dele'. 'E com isso?', perguntou com um pesado retumbo. 'Faturas', foi a resposta disparada, por assim dizer. Então silêncio. Estavam falando a respeito de Kurtz.

"A essa altura eu já estava inteiramente desperto, contudo, deitado e perfeitamente confortável, imóvel, ainda sem ter nenhuma razão para mudar de posição. 'Como é que o marfim percorreu esse longo caminho?', rosnou o mais velho, que demonstrava grande irritação. O outro explicou que viera numa frota de canoas conduzida por um empregado inglês mestiço que trabalhava para Kurtz. E que, aparentemente, o próprio Kurtz tinha intenções de retornar, já que seu posto não tinha mais mantimentos nem provisões, mas, depois de ter avançado cerca de quatrocentos e cinquenta quilômetros, decidiu, de súbito, que voltaria ao posto, o que fez sozinho, numa piroga com quatro remadores, deixando que o mestiço continuasse a descer o rio com a carga de marfim. Os dois sujeitos ali pareciam surpreendidos que alguém tivesse tentado realizar uma tal façanha. Não podiam pensar numa razão adequada para aquela decisão. Quanto a mim, parecia estar vendo Kurtz pela primeira vez. Era uma visão bem clara: a piroga, quatro remadores selvagens, e o solitário homem branco virando as costas subitamente para a sede da empresa, para o descanso, para as lembranças do lar — talvez; dirigindo os seus olhos para as profundezas da selva, para o seu posto vazio e desolado. Eu não conhecia o motivo. Talvez fosse apenas um bom camarada que se aferrava ao trabalho em nome apenas do dever. Seu nome, entendem, não havia sido pronunciado uma única vez. Ele era 'o homem'. O mestiço, que, até onde eu era capaz de perceber, conduziu uma viagem difícil com grande prudência e coragem, era invariavelmente aludido como 'aquele canalha'. O 'canalha' relatou que o 'homem' estivera muito enfermo — e não tinha se restabelecido inteiramente. Os dois que ainda estavam ali logo abaixo de mim, afastaram-se algumas passadas e começaram a andar de um lado para o outro a uma certa distância. Eu ouvi: 'Posto militar — doutor — duzentas milhas — muito sozinho agora — atrasos inevitáveis — nove meses — sem notícias — rumores estranhos'. Aproximaram-se novamente, no exato instante em que o gerente estava dizendo: 'Ninguém, até onde sei, a não ser algum tipo de mercador ambulante — um sujeito pestilento, abocanhando o marfim dos nativos'. Sobre quem conversavam agora? Juntando os fragmentos do que ouvi, concluí que se referiam a alguém do distrito de Kurtz que o gerente não aprovara. 'Não

estaremos livres da competição desleal até que algum desses sujeitos seja enforcado como um exemplo', ele disse. 'Certamente', grunhiu o outro; 'mande-o para a forca! Por que não? Qualquer coisa — qualquer coisa pode ser feita aqui no interior. Isso é o que eu digo. Ninguém aqui, você compreende, *aqui*, pode ameaçar a sua posição. E por quê? Você suporta o clima — você vai sobreviver a todos eles. O perigo está na Europa; mas lá, antes de partir, tive o cuidado de...'. Afastaram-se e abaixaram o tom de voz, depois novamente ergueram a voz. 'Essas extraordinárias séries de atraso não se dão por minha culpa. Fiz o melhor que pude.' O gordo suspirou. 'Muito triste'. 'E o absurdo pestilento da conversa dele', continuou o outro; 'ele me incomodou o bastante quando estava aqui. Dizia que cada posto deveria ser como um farol na estrada em direção a coisas melhores, um centro para o comércio, é claro, mas também para a humanização, para o aperfeiçoamento, para a instrução. Imagine — aquele asno! E ele quer ser gerente! Não, é...'. Nesse ponto ele sufocou, tamanha era a indignação, e eu ergui um pouco minha cabeça. Fiquei surpreso de ver como estavam próximos — bem embaixo de mim. Poderia ter cuspidido sobre os seus chapéus. Ambos olhavam para o chão, absorvidos em seus pensamentos. O gerente estava batendo na própria perna com um raminho: seu astuto parente ergueu a cabeça. 'Você tem passado bem desde que retornou para cá?' perguntou. O outro começou a falar. 'Quem? Eu? Oh, estou ótimo — ótimo mesmo. Quanto aos outros — oh, meu Deus! Todos doentes. Eles morrem tão subitamente que não tenho tempo para mandá-los de volta ao continente — é inacreditável!' 'Hum. É assim', grunhiu o tio. 'Ah, meu garoto, confie nisso. Digo que você deve confiar nisso'. Vi quando estendeu o seu bracinho de nadadeira num gesto que envolveu a floresta, o canal, o lodo, o rio — parecia acenar com um floreio desavergonhado para a face ensolarada da terra, num apelo traiçoeiro à morte que espreitava, ao mal oculto, às trevas profundas do seu coração. Foi tão chocante que saltei sobre os meus pés e olhei para trás, para a beira da floresta, como se estivesse à espera de algum tipo de reação àquela obscura demonstração de confiança. Vocês conhecem os conceitos tolos que tomam as pessoas por vezes. O sagrado silêncio da natureza confrontava aquelas duas figuras com agourenta paciência, aguardando a passagem dessa fantástica invasão.

“Ambos praguejaram simultaneamente — de pavor, eu creio; então, fingindo não ter conhecimento de minha existência, deram

meia-volta e caminharam para o posto. O sol estava baixo; e inclinando-se para frente, andando lado a lado, pareciam arrastar penosamente, encosta acima, suas ridículas sombras de dimensão desigual, que os seguiam lentamente sobre a relva alta, sem flexionar uma única folha.

“Poucos dias depois, a Expedição Eldorado adentrou a selva paciente, que se fechou sobre eles como o mar se fecha sobre um mergulhador. Muito tempo mais tarde, veio a notícia de que todos os burros estavam mortos. Nada sei a respeito do destino dos animais de menor valor. Eles, sem dúvida, tal como o resto de nós, receberam aquilo que lhes estava reservado. Não perguntei. A essa altura estava otimista com a perspectiva de encontrar-me com Kurtz muito em breve. É evidente que esse muito em breve era relativo. Passaram-se dois meses entre o dia em que partimos do canal até o momento em que chegamos à margem abaixo do posto de Kurtz.

“Subir aquele rio era como viajar no tempo até os primórdios do mundo, quando a vegetação luxuriante se espalhava sobre a terra e as grandes árvores reinavam. Um rio vazio, um grande silêncio, uma floresta impenetrável. O ar estava quente, espesso, pesado, ocioso. Não havia alegria no brilho do sol. Os longos trechos da hidrovia corriam, desertos, para dentro da escuridão das distâncias sombrias. Nas margens de areia prateada, hipopótamos e jacarés tomavam sol lado a lado. As águas alargavam-se, fluindo por entre uma multidão de ilhas recobertas de vegetação. Você podia perder a direção naquele rio tal como se estivesse no deserto, trombando com bancos de areia o dia todo, tentando encontrar o canal, até pensar que estava enfeitiçado e separado de tudo aquilo que conhecera um dia — em algum lugar distante — em outra existência talvez. Em certos momentos, o passado voltava à nossa mente, tal como acontece quando não temos um tempo reservado para nós mesmos; mas ele chegou na forma de um sonho desenfreado e ruidoso, relembrado com assombro entre as esmagadoras realidades desse estranho mundo de plantas, e água, e silêncio. E essa quietude da vida, em nada fazia lembrar a paz. Era a quietude de uma força implacável pairando sobre uma inescrutável intenção. Ela olhava para você com um perfil de vingança. Acostumei-me a ela mais tarde e não mais a vi. Não tinha tempo. Precisava continuar adivinhando o caminho do canal. Tinha de discernir, quase sempre por inspiração, os sinais dos ocultos bancos de areia. Ficava atento para evitar as rochas submersas. Eu estava aprendendo a rilhar os dentes esperta-

mente, antes que o meu coração saísse pela boca quando passava raspando por algum velho tronco camuflado que teria arrancado a vida daquele vapor de lata, afogando todos os peregrinos. Eu tinha de ficar atento aos sinais de galhos secos que poderiam ser cortados durante a noite para o uso do vapor no dia seguinte. Quando você tem de se preocupar com esse tipo de tarefas, com meros incidentes da superfície, a realidade — a realidade, digo a vocês — enfraquece. A verdade interior está oculta — por sorte, por sorte. Mas eu a sentia da mesma forma; sentia com frequência que a sua quietude misteriosa me observava as minhas macaquices, assim como observa vocês, amigos, quando se apresentam em suas cordas bambas por... qual é mesmo a quantia? Meia coroa cada tombo?”

“Procure ser cortês, Marlow”, resmungou uma voz, e soube então que havia ao menos um ouvinte acordado.

“Perdoem-me, esqueci da dor profunda que compõe o restante do preço. E de fato, qual é a importância do preço se o truque for bem feito? Vocês realizam os seus truques muito bem. E eu também não me saí muito mal, já que fui capaz de não afundar aquele navio em minha primeira viagem. Até hoje espanto-me quando penso nisso. Imaginem um homem vendado que dirige uma carroça numa estrada deplorável. Suava e tremia diante daquela façanha consideravelmente, posso assegurar-lhes. Afinal, para um marujo, ralar o fundo de algo que deveria flutuar o tempo todo e que foi entregue aos seus cuidados, é um pecado imperdoável. É possível que ninguém venha a saber disso, mas você jamais esquece aquele baque — não é? É um estouro dentro do próprio coração. Você se lembra dele, sonha com ele, e, anos mais tarde, ainda acorda durante a noite pensando nele e suando frio. Não tenho a pretensão de dizer que o vapor tenha flutuado o tempo inteiro. Mais de uma vez ficamos à deriva, e tivemos de ser empurrados por vinte canibais que espirravam água em nossa volta. Havíamos recrutado alguns desses sujeitos no caminho, a título de tripulação. Boa gente — os canibais — mas na terra deles. Eram homens com os quais se podia trabalhar, e sou grato a eles. Afinal, não devoravam uns aos outros na minha frente: eles haviam trazido uma provisão de carne de hipopótamo que apodrecera, fazendo com que o mistério da selva fedesse em minhas narinas. Arghh! Ainda agora sinto aquele cheiro. Estavam a bordo comigo o gerente e três ou quatro peregrinos com seus cajados — todos completos. Algumas vezes, passávamos por algum posto junto às margens, preso nas fímbrias do desconhecido, e os homens brancos correndo

para fora de uma choça desfeita, com amplos gestos de alegria e surpresa, dando-nos as boas-vindas, o que nos parecia muito estranho, pois era como se estivessem sendo mantidos em cativeiro ali, por força de um feitiço. A palavra marfim pairava no ar por um momento — e uma vez mais voltávamos ao silêncio, nas passagens desertas ao longo do rio, dobrando as curvas silenciosas, entre as elevadas muralhas de nosso curso sinuoso, reverberando com pancadas ocas, o ritmo pesado da roda de popa do vapor. Árvores, árvores, milhões de árvores, massivas, imensas, erguendo-se nas alturas; e aos pés delas, junto à margem e contra a corrente, arrastava-se o pequeno vapor encardido, como um besouro preguiçoso que rasteja pelo chão de um elevado pórtico. Isso fazia com que nos sentíssemos muito pequenos, muito perdidos, e, contudo, não gerava uma sensação de todo deprimente. Afinal, se éramos pequenos, o besouro encardido podia prosseguir rastejando — e isso era exatamente o que desejávamos que ocorresse. Para onde os peregrinos imaginavam que ele rastejaria, desconheço. Para algum lugar onde eles esperavam obter alguma coisa, aposto! Para mim, ele rastejava na direção de Kurtz — isso era tudo; mas quando os canos do vapor começaram a vazar, nossa velocidade reduziu-se ainda mais. O rio se alargava adiante de nós e se fechava em nossa retaguarda, como se a floresta tivesse avançado ludicamente através da água para impedir o nosso caminho de retorno. Penetrávamos cada vez mais profundamente no coração das trevas. Havia um grande silêncio ali. Às vezes, à noite, o som dos tambores por trás da cortina das árvores subia o rio e permanecia suspenso debilmente, como se pairasse no ar bem acima de nossas cabeças, até o romper do primeiro raio de sol. Se o seu significado era de guerra, paz ou oração, não saberíamos dizer. As alvoradas eram anunciadas pela chegada de uma fria quietude; os lenhadores dormiam, suas fogueiras estavam quase extintas, o estalo de um galho nos deixava sobressaltados. Éramos viajantes numa terra pré-histórica, numa terra que tinha o aspecto de um planeta desconhecido. Podíamos fantasiar que éramos os primeiros homens que tomavam posse de uma herança amaldiçoada, para ser subjugada à custa de uma angústia excessiva e muitas lutas. Mas de súbito, ao contornarmos com grande dificuldade uma curva do rio, vislumbramos paredes de junco, telhados de palha pontiagudos, e uma precipitação de gritos, um turbilhão de braços negros — uma massa de mãos aplaudindo, de pés batendo, de corpos balançando; de olhos revirando, sob a dobra

da folhagem pesada e imóvel. O vapor se arrastava vagarosamente às margens de um frenesi negro e incompreensível. Os homens pré-históricos estavam nos amaldiçoando, orando para nós, dando-nos as boas-vindas — quem saberia? Estávamos impedidos de compreender o contexto em que nos encontrávamos; deslizávamos por ali como fantasmas, maravilhados e secretamente temerosos, no mesmo estado em que ficaria um grupo de homens sãos perante uma explosão de entusiasmo que se desse dentro de um manicômio. Não podíamos compreender porque estávamos distantes demais, e não podíamos nos lembrar, porque estávamos viajando na noite das primeiras eras, daquelas eras que já se foram, mal deixando algum sinal — e nenhuma lembrança.

“A terra tinha uma aparência irreal. Estávamos habituados a vê-la como se fosse um monstro acorrentado, mas ali — ali era possível conhecer a sua monstruosidade livre. Era irreal, e os homens eram — não, eles não eram inumanos. Bem, vocês sabem, essa era a pior parte — essa suspeita de que fossem inumanos. Ela nos chegava paulatinamente. Eles uivavam e saltitavam, e rodopiavam, e faziam caretas medonhas; mas o que apavorava era exatamente a idéia de que fossem humanos — como vocês — a idéia de nosso parentesco longínquo com esse alvoroço selvagem e apaixonado. Medonho. Sim, era medonho o bastante; mas se fôssemos homens o bastante, admitiríamos que dentro de nós, havia, por mais tênue, um certo eco à terrível franqueza daquele alvoroço, uma vaga suspeita de haver um significado ali que nós — tão remotos da escuridão das primeiras idades — poderíamos compreender. E por que não? A mente do homem é capaz de qualquer coisa, pois todas as coisas estão dentro dela, todo o passado e todo o futuro. O que havia ali, afinal? Alegria, medo, tristeza, devoção, valor, raiva — quem pode dizer? Mas verdade — verdade despida de seu manto temporal. Permitam que o tolo pisme e estremeça — o homem sabe, e pode encarar sem pestanejar. Mas ele precisa ser ao menos tão humano quanto aqueles que se encontram na praia. Ele precisa defrontar aquela verdade com a sua verdade — com sua força própria e inata. Princípios não servem. Aquisições, roupas, belos tecidos — tecidos que voariam na primeira sacudidela. Não; o que se deseja é uma crença deliberada. Havia algum apelo para mim naquele rebuliço demoníaco? Será? Muito bem. Eu ouço, admito, mas tenho uma voz, também, e para o bem ou para o mal é o meu discurso que não pode ser silenciado. É evidente que um tolo, completamente apavorado

e com seus nobres sentimentos, está sempre protegido. Quem está resmungando? Vocês podem imaginar que não fui à praia para uivar e dançar? Bem, não — eu não fui. Talvez vocês atribuam aos sentimentos nobres. Os sentimentos nobres que se danem! Eu não tinha tempo. Tinha de lidar com chumbo e tiras de cobertor de lã, ajudando a enrolar aqueles canos com vazamento — eu digo a vocês. Tinha de vigiar o leme, de desviar daqueles troncos, e conduzir aquela lata velha adiante por bem ou por mal. Havia nessas coisas verdade superficial o suficiente para salvar o homem mais sábio. E, de tempos em tempos, eu precisava fiscalizar o selvagem que trabalhava como foguista. Tratava-se de uma espécie melhorada; sabia acender uma caldeira vertical. Ele estava bem ali, embaixo de mim, e, dou a minha palavra, olhar para ele era tão edificante quanto olhar para um cão numa paródia de calções e num chapéu de plumas, andando sobre as patas traseiras. Uns poucos meses de treinamento haviam sido o bastante para aquele sujeito realmente admirável. Ele espiava o manômetro e o medidor de água com um evidente esforço de intrepidez — e tinha seus dentes limados, também, o pobre diabo, a carapinha raspada com bizarros padrões, e três cicatrizes ornamentais em cada lado do rosto. Ele deveria ter ficado aplaudindo e batendo os pés na margem, mas em vez disso estava trabalhando duramente, escravo de uma estranha bruxaria, cheio de conhecimentos aprimorados. Era útil porque tinha sido instruído; e aquilo que ele sabia era o seguinte — que se a água naquela coisa transparente desaparecesse, o espírito maligno que habitava a caldeira ficaria irritado em virtude de sua grande sede, e partiria para uma terrível vingança. Então ele transpirava, nutria o fogo e vigiava o vidro com temor (com um amuleto improvisado, feito de trapos, amarrado ao braço, e um pedaço de osso polido, do tamanho de um relógio, enfiado horizontalmente no seu lábio inferior), enquanto as margens cheias de floresta passavam lentamente diante de nós, o estrondo breve era deixado para trás, as milhas intermináveis de silêncio — e nós nos arrastávamos adiante, na direção de Kurtz. Mas os troncos eram densos, a água era traiçoeira e rasa, a caldeira parecia conter de fato um demônio rabujento, de modo que nem aquele foguista nem eu tínhamos nenhum tempo para examinar os nossos pensamentos horripilantes.

“Perto de uns oitenta quilômetros do Posto Interior, demos com uma choupana de juncos, um poste inclinado e melancólico com os farrapos irreconhecíveis daquilo que fora uma bandeira de algum

tipo, esvoaçando ali, e uma grande quantidade de lenha extremamente bem empilhada. Foi uma surpresa. Alcançamos a margem, e sobre a pilha de lenha encontramos uma tábua lisa com alguns rabiscos a lápis meio apagados. Decifrados, diziam: 'Lenha para vocês. Depressa. Aproximem-se cuidadosamente'. Havia uma assinatura, mas estava ilegível — não era Kurtz — tratava-se de uma palavra bem mais comprida. Depressa. Para onde? Rio acima? 'Aproximem-se cuidadosamente'. Não tínhamos agido assim. Mas a advertência não poderia se referir ao ponto que somente seria encontrado após a aproximação. Algo estava errado lá em cima. Mas o quê — e quanto? Essa era a questão. Comentamos adversamente a imbecilidade daquele estilo telegráfico. A mata ao redor nada dizia, e também não nos permitia enxergar muito além. Uma cortina rasgada de sarja vermelha pendia na porta de entrada da choupana, adejando tristemente sobre a nossa face. A habitação estava desmantelada, mas era possível notar que um homem branco havia vivido naquele lugar há pouco tempo. Permanecia ali uma mesa rústica — uma tábua apoiada em dois cavaletes; uma pilha de lixo estava encostada num canto escuro, e junto à porta, apanhei um livro. Estava sem capa, e suas páginas haviam adquirido um estado de fragilidade extremamente encardida; mas a lombada havia sido recentemente costurada com esmero, com um fio de algodão branco, que ainda parecia estar limpo. Foi um achado extraordinário. O título da obra era *Uma Investigação a Respeito de Algumas Questões do Trabalho dos Marinheiros*, de autoria de um certo Tower, Towson — um nome assim — Mestre da Marinha de Sua Majestade. O tema parecia ser bastante enfadonho, com diagramas ilustrativos e repulsivas tabelas numéricas, sendo que o volume devia ter uns sessenta anos de idade. Manuseei essa espantosa antiguidade com o máximo de delicadeza, para que não se dissolvesse em minhas mãos. Dentro, Tower ou Towson investigava com seriedade a tensão de ruptura das correntes e cordames dos navios, e outros assuntos semelhantes. Não era um livro muito envolvente, mas ao primeiro olhar era possível notar uma singularidade de intenção, uma preocupação honesta com a forma certa de trabalhar, fazendo que essas páginas singelas, escritas há tantos anos, fossem iluminadas por uma luz que ia além da profissional. O velho e simples marinheiro, com sua conversa de correntes e cabrestantes, fez-me esquecer a selva e os peregrinos, numa deliciosa sensação de ter encontrado algo inegavelmente real. A simples

presença daquele livro ali era suficientemente maravilhosa; mas ainda mais impressionante eram as anotações feitas a lápis nas margens, claramente se referindo ao texto. Eu não podia crer em que os meus olhos viam! Estavam cifradas! Sim, pareciam escritas em código! Imaginem um homem carregando consigo um livro com aquelas descrições nesse fim de mundo, estudando-o — e fazendo anotações — usando códigos! Tratava-se de um mistério extravagante.

“Eu estivera vagamente consciente durante algum tempo de um barulho preocupante, e quando ergui meus olhos, percebi que a pilha de lenha tinha desaparecido, e o gerente, auxiliado por todos os peregrinos, gritava para mim da margem do rio. Enfiei o livro dentro de meu bolso. Asseguro-lhes que interromper a leitura foi como arrancar a mim mesmo do abrigo de uma antiga e sólida amizade.

“Dei a partida no motor capenga. ‘Deve ser aquele comerciante miserável — aquele intruso’, exclamou o gerente, lançando um olhar malévolo em direção ao lugar que deixamos para trás. ‘Deve ser inglês’, afirmei. ‘Isso não vai salvá-lo de grandes problemas se não tomar cuidado’, murmurou o gerente soturnamente. Com fingida inocência, observei que homem algum neste mundo está livre de problemas.

“A correnteza estava mais rápida agora, o vapor parecia estar nas últimas, a roda de popa baqueava languidamente, e subitamente percebi que eu ouvia, na ponta dos pés, as próximas batidas do motor do barco, pois a verdade mais crua é que eu já esperava, a qualquer momento, a completa parada daquela engrenagem. Era como acompanhar os últimos suspiros de uma vida. Mas ainda nos arrastávamos. Algumas vezes eu escolhia uma árvore um pouco adiante para medir o nosso progresso na direção de Kurtz, mas eu a perdia de vista, invariavelmente, antes de alcançá-la. Manter os olhos fixos sobre um único objeto era demasiado para a paciência humana. O gerente exibia uma belíssima resignação. Eu estava agitado e irritadiço, e comecei a discutir comigo mesmo se iria ou não falar abertamente com Kurtz; mas antes que eu pudesse chegar a qualquer conclusão, ocorreu-me que falar ou ficar em silêncio, qualquer uma das alternativas, seria apenas uma futilidade. O que importava o que alguém sabia ou ignorava? O que importava quem era o gerente? Às vezes somos tomados por lampejos intuitivos. O essencial nesse caso jaz nas profundezas, bem abaixo da superfície,

além do meu alcance, e além da minha influência e além da minha capacidade de interferir.

“Quando caía a noite do segundo dia, julgávamos estar a menos de treze quilômetros do posto de Kurtz. Eu queria prosseguir, mas o gerente parecia preocupado e me disse que a navegação lá em cima era tão perigosa que seria aconselhável, estando o sol já bastante baixo, esperar onde estávamos até a manhã do próximo dia. Além disso, ele destacou que se a advertência de aproximação cuidadosa era para ser seguida, deveríamos nos aproximar durante o dia — não na hora do crepúsculo, ou à noite. Foi uma decisão bastante sensata. Treze quilômetros equivaliam perto de três horas de navegação a vapor para nós; além disso eu podia notar a existência de ondulações um tanto suspeitas provenientes da extremidade superior do rio. Todavia, eu estava mais irritado do que posso exprimir com aquele atraso, e sem motivo, também, já que uma noite a mais não poderia fazer tanta diferença, depois de tantos meses de espera. Como tínhamos bastante lenha, e a ordem era para ter cautela, ancorei o barco no meio do rio. A área era estreita, reta, com as margens elevadas, tal qual o recorte de uma ferrovia. O crepúsculo deslizou sobre as águas bem antes do pôr-do-sol. A corrente corria suave e ligeira, mas uma imobilidade muda pousou sobre as margens. Parecia que as árvores vivas, enlaçadas umas às outras pelas trepadeiras, e cada arbusto vivo da vegetação rasteira, tinham se transformado em pedra, desde o galho mais fino até a folha mais leve. Não pareciam adormecidas — era algo artificial, como se estivessem em transe. Nem o som mais tênue podia ser ouvido. Olhando espantado para todos os lados, eu começava a suspeitar que estivesse surdo — e então, a noite chegou repentinamente, tornando-nos cegos também. Por volta das três da manhã, um grande peixe saltou na água, e o som alto da batida de seu corpo, espirrando água, me fez pular como se uma arma tivesse sido disparada. Com o nascimento do sol, veio uma névoa branca, muito quente e pegajosa, e que nos cegava ainda mais do que a própria noite. Ela não se movimentava, nem passava; apenas ficava ali, parada ao redor, como algo sólido. Às oito ou nove, talvez, ela se ergueu como uma persiana. Tivemos um vislumbre da multidão de gigantescas árvores, da imensa selva entremeada, com a pequena bola resplandecente do sol pairando sobre ela — tudo perfeitamente imóvel — e então a persiana branca desceu novamente, suavemente, como se deslizasse em trilhos lubrificados. Dei ordens para que a

âncora, que havíamos começado a puxar, fosse jogada outra vez. Antes que ela parasse de correr com seu retinido surdo, um grito, um grito muito alto, como que de infinita desolação, soou lentamente através do ar opaco. E cessou. Um clamor de lamentação, modulado em selvagens dissonâncias, encheu nossos ouvidos. O fenômeno era tão inesperado que meus cabelos arrepiaram-se sob o meu boné. Não sei o que causou nos demais; para mim era como se a própria neblina tivesse gritado, tão repentinamente, e aparentemente vindo de todos os lados ao mesmo tempo, despertando aquele tumultuoso e triste clamor. Culminou numa rápida explosão de excessivos gritos quase intoleráveis, que logo cessaram, deixando-nos endurecidos numa variedade de tolas atitudes, e obstinadamente ouvindo um silêncio quase tão apavorante e excessivo. ‘Bom Deus! O que significa...’, gaguejou junto de meu cotovelo um dos peregrinos, um homem pequeno e gordo, com cabelos cor de areia e suíças vermelhas, que calçava botas de borracha, e pijama cor-de-rosa enfiado em suas meias. Dois outros permaneceram boquiabertos durante um minuto inteiro, depois voaram para dentro da pequena cabine, de onde saíram apressados, lançando olhares assustados, com suas Winchesters engatilhadas nas mãos. Só o que enxergávamos era o vapor em que nos encontrávamos, seus contornos embaçados como se estivesse a ponto de se dissolver, e uma faixa nublada de água, com talvez meio metro de largura, em torno dela — e isso era tudo. O resto do mundo não estava em parte alguma, até onde nossos olhos e ouvidos sabiam. Em parte alguma. Sumira, desaparecera; varrido, sem deixar um sussurro ou uma sombra atrás de si.

“Avancei e dei ordens para que a corrente fosse içada em parte, de modo que estivéssemos prontos a içar a âncora e a fazer o vapor mover-se imediatamente, caso isso fosse necessário. ‘Eles atacam?’, murmurou uma voz apavorada. ‘Seremos todos massacrados em meio a este nevoeiro’, murmurou outra. As faces contraíam-se de tensão, as mãos tremiam levemente, os olhos esqueciam-se de piscar. Era muito interessante notar o contraste entre as expressões dos homens brancos e a dos negros de nossa tripulação, que eram igualmente estranhos àquela parte do rio, embora suas casas estivessem a apenas cerca de mil e duzentos quilômetros de distância. Os brancos, obviamente muito perturbados, davam também a impressão de estarem dolorosamente chocados por uma desordem tão abusiva. Os outros tinham uma expressão de alerta e de interesse

natural, mas os seus rostos estavam essencialmente tranqüilos, mesmo os daqueles que mostravam os dentes enquanto puxavam a corrente. Vários deles trocavam frases curtas, resmungando, que pareciam resolver o assunto de modo satisfatório. Seu líder, um jovem negro de peito largo, trajando, rigorosamente, um uniforme azul escuro com franjas, com narinas ameaçadoras e com seu cabelo artesanalmente penteado com aneizinhos lubrificandos, erguia-se ao meu lado. ‘Aha!’, eu disse, apenas para ser gentil. ‘*Pega elis*’, ele disparou, abrindo os seus olhos avermelhados e mostrando os seus dentes afiados — ‘*Pega elis. Dá elis pra nós*’. ‘Para vocês, hein?’, perguntei: ‘O que vocês fariam com eles?’ ‘*Comia elis*’, falou secamente, e, apoiando seu cotovelo no gradil, olhou através da neblina com um ar de grande dignidade e uma atitude de profunda reflexão. Eu teria, sem dúvida, ficado propriamente horrorizado, se não tivesse me ocorrido que ele e seus amigos deviam estar famintos; que eles vinham se tornando cada vez mais famintos, ao menos nesse último mês. Eles tinham sido recrutados por seis meses (não creio que qualquer um deles tivesse a mínima idéia da passagem do tempo, como a que acabamos por adquirir ao final de eras incontáveis. Ainda pertenciam aos primórdios do tempo — não tinham uma experiência herdada para que pudéssemos ensinar-lhes), e obviamente, desde que houvesse um pedaço de papel escrito de acordo com alguma lei ridícula elaborada abaixo do rio, ninguém se importava com o modo como viveriam. Certamente tinham trazido consigo alguma carne podre de hipopótamo, que não poderia ter durado muito tempo, mesmo que os peregrinos não houvessem, em meio a sonoros protestos, atirado fora uma quantidade considerável da mesma. Parecia um procedimento arbitrário, mais foi, realmente, uma questão de legítima defesa. É impossível respirar hipopótamo morto acordando, dormindo, e comendo, mantendo ao mesmo tempo o seu precário apego à existência. Além disso, eles haviam recebido, todas as semanas, três pedaços de arame de bronze, cada um com cerca de vinte centímetros de comprimento; teoricamente, podiam comprar as suas provisões, usando aquilo como moeda, junto às aldeias ribeirinhas. Vocês podem ver como *aquilo* funcionava. Ou não havia aldeias, ou os povos eram hostis, ou então o diretor, que, tal como o resto de nós se alimentava de enlatados, ocasionalmente misturados com carne de bode velho, não queria parar o vapor por algum motivo mais ou menos recôndito. Então, a não ser que comessem o próprio fio de arame ou fizessem anzóis com ele para

figurar peixes, não vejo que tipo de utilidade tinha para eles o seu extravagante salário. Devo dizer que eles eram pagos com uma regularidade digna de uma grande e respeitável empresa de comércio. De resto, a única coisa para comer — embora não parecesse comestível — que vi em sua posse eram uns bolos de algo que parecia uma massa mal cozida, com uma cor de lavanda suja, que eles mantinham embrulhados dentro de folhas, e que, de tempos em tempos, engoliam um pedaço, mas tão pequeno que dava a impressão de que se tratava mais de uma ação simbólica, sem qualquer propósito sério de alimentação. Por que em nome de todos os torturantes demônios da fome eles não nos atacavam — eram trinta contra cinco — para logo fazer uma lauta refeição, espanta-me sempre quando penso sobre isso hoje em dia. Eram homens grandes e poderosos, que não possuíam uma grande capacidade de medir as consequências, corajosos, fortes até, embora suas peles não mais fossem lustrosas e seus músculos não mais fossem rijos. E notei que algum freio, algum desses mistérios humanos que desafiam as probabilidades, tinha um papel relevante naquela circunstância. Eu olhava para eles com um interesse subitamente redobrado — não porque me ocorrera que eu poderia ser devorado por eles em breve, embora, confesse a vocês, que somente então percebi — sob uma nova luz, por assim dizer — quão enfermos os peregrinos pareciam estar, e eu esperava, sim, positivamente esperava que meu aspecto não fosse tão — como direi? — tão... pouco apetitoso: um toque de fantástica vaidade que caiu bem com a sensação onírica que permeava todos aqueles meus dias. Talvez eu também tivesse um pouco de febre. Não se pode viver para sempre tomando o pulso com os dedos. Frequentemente eu tinha ‘um pouco de febre’, ou algum toque de algum outro sintoma — as patadas lúdicas da selva, as trivialidades preliminares que antecediam as investidas mais violentas que chegariam no tempo devido. Sim; eu olhava para eles como qualquer outro ser humano faria, com uma curiosidade acerca de seus impulsos, motivações, capacidades, fraquezas, quando fossem submetidos ao teste de uma necessidade física inexorável. Freio! Mas que tipo de freio seria possível? Seria o de alguma superstição, nojo, paciência, medo — ou algum tipo primitivo de honra? Nenhum medo pode suportar a fome, nenhuma paciência pode saciá-la, o nojo simplesmente não coexiste com a fome; e quanto à superstição, crenças, e aquilo que você pode chamar de princípios são menos do que farelo soprado pelo vento. Vocês

conhecem a crueldade de uma fome prolongada, o seu tormento exasperante, seus pensamentos obscuros, a ferocidade sombria que ela gera? Bem, eu conheço. Um homem necessita de toda a sua força inata para lutar propriamente contra a fome. É realmente mais fácil enfrentar com bravura a desonra e a perdição da própria alma do que esse tipo de fome prolongada. Triste, mas verdadeiro. E aqueles sujeitos, também, não tinham qualquer razão terrena de escrúpulos. Freios! Eu esperaria o mesmo tipo de freio da parte de uma hiena rondando em meio aos cadáveres em um campo de batalha. Mas havia o fato com que me defrontava — o fato deslumbrante, para ser visto como a espuma sobre mares profundos, como uma ondulação sobre um enigma imponderável, um mistério maior — quando pensei sobre ele —, do que o tom curioso e inexplicável de desespero naquele clamor selvagem que passara por nós na margem do rio, por trás da cegante brancura da neblina.

“Dois peregrinos estavam brigando, por meio de sussurros apressados, a respeito de que margem seria. ‘Esquerda.’ ‘Não’, não; como poderia? Direita, é claro que é a direita’. ‘É muito sério’, soou a voz do gerente atrás de mim; ‘eu ficaria desolado se algo de ruim ocorresse ao Sr. Kurtz antes de o alcançarmos’. Olhei para ele e não tive a mínima dúvida de que estava sendo sincero. Era exatamente o tipo de homem que gosta de manter as aparências. Esse era o seu limite. Mas quando resmungou algo a respeito de partir de imediato, nem sequer me dei ao trabalho de respondê-lo. Eu sabia, e ele sabia que isso não era possível. Se nos libertássemos daquilo que nos mantinha presos no fundo, ficaríamos absolutamente soltos no ar — no espaço. Não saberíamos precisar o rumo que tomaríamos — se rio acima ou rio abaixo, ou se o atravessaríamos — até alcançarmos uma margem ou a outra — e então não saberíamos, a princípio, em qual delas estaríamos. Evidentemente, não me movi. Não me passava pela mente a idéia de um acidente. Não se poderia encontrar um lugar mais letal para um naufrágio. Ainda que não morrêssemos prontamente afogados, com certeza pereceríamos sem demora, de um modo ou de outro. ‘Autorizo-o a assumir todos os riscos’, disse ele, após um curto silêncio. ‘Recuso-me a assumir qualquer um’, respondi a seguir; que era exatamente a resposta que ele esperava, embora o tom possa tê-lo surpreendido. ‘Bem, devo acatar a sua decisão. O senhor é o capitão’, afirmou, com acentuada polidez. Dei de ombros para ele em sinal de minha apreciação, e olhei através do nevoeiro. Quanto tempo ele duraria? Era a expectativa

mais desoladora. A aproximação a esse Kurtz escarafunchando marfim nessa mata perversa era cercada pelo mesmo número de perigos e dificuldades que teríamos se ele fosse uma princesa encantada adormecida num castelo de fábula. ‘Acredita que eles atacam?’, perguntou o gerente, num tom confidencial. Eu não achava que eles atacariam, por uma série de razões lógicas. A densa neblina era a primeira. Se partissem das margens em suas canoas, ficariam perdidos, do mesmo modo que nós, se tentássemos avançar. Além disso, percebi que a selva em ambas as margens é praticamente impenetrável — contudo havia olhos lá dentro, olhos que nos tinham avistado. As matas ribeirinhas eram certamente muito densas, mas a vegetação rasteira por trás era obviamente penetrável. Entretanto, durante o breve período em que a neblina subira eu não tinha avistado qualquer canoa nas redondezas — com certeza nenhuma próxima do vapor. Mas o que fazia a idéia de ataque algo inconcebível para mim, era a natureza do ruído, dos gritos que havíamos ouvido. Não tinham o caráter ameaçador que denotasse a intenção de hostilidade imediata. Inesperados, selvagens e violentos como eles haviam sido, deixaram em mim uma impressão irresistível de tristeza. O vislumbre do vapor tinha por algum motivo enchido aqueles selvagens de uma dor incontida. Se houvesse algum perigo, comentei, era o da nossa proximidade de uma grande paixão humana liberada. Até mesmo o sofrimento extremo pode acabar se transformando em violência, mas é mais comum que assuma a forma de apatia...

“Vocês precisavam ter visto o medo dos peregrinos! Eles não encontravam ânimo para um sorriso forçado, nem mesmo para insultar-me; mas creio que pensavam que estava louco — com medo, talvez. Pronunciei uma palestra inteira. Meus caros rapazes, não adiantaria nos preocupar. Manter um vigia? Bem, vocês podem imaginar que eu olhava para o nevoeiro procurando sinais de que se ergueria, tal como um gato espreita o iminente aparecimento de um rato; mas para qualquer outra função, nossos olhos eram tão úteis quanto se estivéssemos enterrados numa profundidade de quilômetros, dentro de um monte de algodão em rama. Era assim que nos sentíamos também — sufocados, quentes, asfixiados. Além disso, tudo o que eu dissera, embora soasse extravagante, era absolutamente verdadeiro de acordo com os fatos. O que mais tarde imaginamos ter sido um ataque, foi realmente uma tentativa de nos repelir. A ação estava muito longe de ser agressiva — não era sequer uma ação

defensiva, no sentido mais usual: ela foi tomada sob a tensão do desespero, e sua essência era puramente defensiva.

“Desenvolveu-se, devo dizer, duas horas depois que a neblina subiu, e seu início deu-se num ponto, falando por alto, perto de dois quilômetros abaixo do posto de Kurtz. Havíamos acabado de contornar uma curva com grande dificuldade, quando avistei uma ilhota, um mero montículo de relva verde clara, bem no meio do rio. Era a única do tipo; porém à medida que avançamos mais naquela área, notei que se tratava da cabeça de um longo banco de areia, ou melhor, de uma cadeia de canteiros rasos que se estendia no meio do rio. Eram incolores, à flor da água, e o grupo todo podia ser visto um pouco abaixo da superfície, exatamente como se vê a espinha de um homem, descendo pelo meio de seu dorso, sob a pele. Agora, tanto quanto pude ver, poderíamos contornar aquilo pela direita ou pela esquerda. É óbvio que eu não conhecia qualquer um dos dois canais. As margens eram muito semelhantes, a profundidade parecia ser a mesma; mas como eu fora informado que o posto ficava do lado ocidental, eu naturalmente rumei para a passagem do oeste.

“Assim que entramos por ali, descobri que o canal era muito mais estreito do que eu imaginava. À nossa esquerda, havia um baixio longo e contínuo e à direita uma margem alta e íngreme coberta com uma densa vegetação. Acima dos arbustos, as árvores se enfileiravam unidas. Os ramos pendiam cerrados sobre a correnteza, e de espaço em espaço o galho de alguma grande árvore projetava-se rigidamente sobre a água. A tarde ia bem adiantada, o aspecto da floresta era obscuro, e uma larga faixa de sombra já caía sobre a água. Nessa sombra navegávamos — bem devagar, como vocês devem imaginar. Desviei a embarcação para bem perto da margem, sendo a água mais profunda próxima à margem, como indicava a sonda.

“Um de meus amigos famintos e indulgentes fazia sondagens na proa, bem abaixo de onde eu me encontrava. Aquele vapor era exatamente como uma barça com convés. No convés, havia duas pequenas casas com portas e janelas. A caldeira ficava na extremidade, e as máquinas bem à popa. Acima de tudo havia um leve telhado, apoiado em pilares. A chaminé projetava-se sobre o telhado, e em frente à chaminé uma pequena cabine construída com tábuas também leves servia como cabine de comando, que continha um sofá, dois banquinhos de acampamento, um Martini-Henry lotado,

encostado a um canto, uma pequena mesa, e a roda do leme. Tinha uma porta larga na frente e uma ampla veneziana de cada lado. Todas elas ficavam bem abertas, é claro. Eu passava os meus dias empoleirado ali, na extremidade da proa naquele telhado, diante da porta. À noite, eu dormia, ou tentava dormir, no sofá. Um negro atlético que pertencia a alguma tribo da costa, educado pelo meu pobre predecessor, era o timoneiro. Ele ostentava um par de brincos de bronze, trajava-se com um pedaço de tecido azul que ia da cintura aos tornozelos, e achava-se o dono do mundo. Era o tipo mais instável de tolo que eu já conhecera. Segurava o leme cheio de empáfia quando estávamos por perto; mas assim que nos afastávamos, ele se tornava a presa instantânea de um pavor abjeto, permitindo que aquele vapor caindo aos pedaços tomasse conta de si em um minuto. Eu estava olhando para baixo, observando a vara de sondagem, e sentindo-me muito irritado de ver que a cada nova tentativa, uma porção maior dela ficava fora do rio, quando vi o sondador desistir do seu trabalho repentinamente, e estatelar-se sobre o convés, sem ao menos se dar ao trabalho de recolher a sonda. Ele continuou agarrado a ela, contudo, desenhando uma trilha na água. Ao mesmo tempo, o foguista, que eu podia ver que estava embaixo de mim, sentou-se abruptamente perante a sua fornalha e abaixou a cabeça. Fiquei perplexo. Então precisei olhar para o rio com grande agilidade, porque havia um tronco submerso bem adiante. Setas, pequenas setas estavam voando sobre nós — uma nuvem delas; passavam zunindo diante do meu nariz, caindo aos meus pés, batendo atrás de mim, na parede externa da minha cabine. Todo esse tempo, o rio, a praia, a floresta estavam muito silenciosos — perfeitamente silenciosos. Tudo o que eu podia ouvir era o pesado baque da roda de popa sobre a água e o barulho dessas coisas. Livramo-nos do tronco desajeitadamente. Setas, por Deus! Estávamos sendo atacados! Apressei-me para fechar a veneziana que dava para a margem. O tolo timoneiro tinha as mãos na malagueta da roda do leme, erguia os joelhos bem alto, batendo seus pés, rangendo os dentes, como um cavalo em rédeas. Que loucura! E navegávamos em ziguezague a pouco mais de três metros da margem. Tive de curvar-me inteiramente para puxar a pesada veneziana, e avistei um rosto entre as folhas na mesma altura do meu, olhando-me furiosamente e com firmeza e, então, repentinamente, como se um véu tivesse sido tirado de meus olhos, divisei, nas profundezas da entrelaçada escuridão, peitos desnudos, braços,

pernas, olhos fulgurantes — a mata estava infestada de membros humanos em movimento, cintilantes, bronzeados. Os galhos se agitavam, oscilavam e farfalhavam, as setas voavam de dentro deles, e então a veneziana fechou-se. ‘Mantenha o barco em linha reta’, eu disse ao timoneiro. Ele ergueu sua cabeça rígida, com o rosto para frente; mas os seus olhos rolavam, ele continuou, erguendo e baixando os seus pés gentilmente, sua boca espumava um pouco. ‘Fique quieto!’, afirmei furioso. Era como se tivesse dado ordens a uma árvore para que não balançasse ao vento. No tombadilho, abaixo de mim, havia uma grande balbúrdia de pés agitados; exclamações confusas; uma voz berrou: ‘Podemos voltar?’ Vislumbrei adiante uma ondulação em forma de V. O quê? Outro tronco submerso! Uma fuzilaria explodiu sob os meus pés. Os peregrinos tinham começado a atirar com as suas Winchesters e estavam simplesmente descarregando chumbo a esmo dentro daquela mata. Uma fumaceira infernal subiu e deslocou-se lentamente para diante. Praguejei contra aquilo. Agora não mais podia enxergar a ondulação ou o tronco submerso. Fiquei na entrada da porta, perscrutando, e as setas chegavam em enxames. Elas poderiam estar envenenadas, mas sua aparência era a de que não matariam um gato. A mata começou a uivar. Nossos lenhadores soltaram um grito de guerra; o estampido de um rifle atrás de mim foi ensurdecedor. Olhei sobre o meu ombro, e a cabine de comando ainda estava repleta de ruídos e de fumaça, quando me lancei sobre a roda do leme. O negro tolo havia abandonado tudo para abrir a veneziana e disparar aquela Martini-Henry. Ergueu-se diante daquela imensa abertura, observando, e eu gritei para que ele voltasse, enquanto endireitava a súbita guinada do vapor. Não havia espaço para virar, mesmo que eu quisesse, pois o tronco submerso estava em algum lugar muito próximo, adiante de nós, naquela fumaça confusa; não havia tempo a perder, de modo que eu apenas a joguei para perto da margem, no ponto em que eu sabia que o água era mais profunda.

“Seguimos lentamente, acompanhando os arbustos que se projetavam sobre a água, em meio a um remoinho de galhos quebrados e folhas que voavam. A fuzilaria abaixo parou um momento, como previ que se daria, assim que a munição se esgotasse. Joguei minha cabeça para trás quando o zunido de um dardo atravessou a cabine de comando, entrando por uma veneziana e saindo pela outra. Olhando para além daquele timoneiro maluco, que agitava o rifle descarregado e bradando em direção à margem, enxerguei vagas formas de homens

correndo agachados, saltando, esgueirando-se, distintos, incompletos, evanescentes. Algo grande surgiu no ar diante da janela, o rifle caiu na água, e o homem deu um passo para trás rapidamente, olhou para mim por cima do ombro de uma maneira extraordinária, profunda, familiar, e caiu aos meus pés. A lateral de sua cabeça bateu duas vezes na roda do leme, e a extremidade de algo parecido com uma bengala girou, fazendo um grande estrondo ao derrubar um banquinho. Era como se, após ter arrancado aquilo de alguém na margem, ele tivesse perdido o equilíbrio em razão do esforço. A fumaça fina havia desaparecido, tínhamos nos livrado do tronco submerso, e olhando para frente eu via que dentro de uns cem metros estaríamos livres para navegar para longe da margem; mas eu sentia os meus pés tão quentes e molhados que tive de olhar para baixo. O homem havia rolado sobre o próprio dorso e olhava fixamente para mim; ambas as suas mãos agarravam aquela bengala. Era a haste de uma lança que, atirada ou enfiada pela janela, atingira-o no lado, bem abaixo das costelas; a lâmina estava enterrada em seu corpo, por um corte pavoroso; meus sapatos estavam encharcados; uma poça de sangue vermelho-escuro brilhava imóvel sob o timão; seus olhos brilhavam com um lustro surpreendente. A fuzilaria explodiu novamente. Ele olhou para mim ansiosamente, agarrando-se à lança como a algo de muito valor, apavorado com a possibilidade de que eu tentasse retirá-la dele. Eu precisava fazer um grande esforço para libertar os meus olhos do seu olhar e cuidar do leme. Com uma das mãos, tateei sobre a minha cabeça para encontrar a corda do apito, que acionei diversas vezes, nervosamente. O tumulto de raivosos brados de guerra cessou na mesma hora, e então, das profundezas da floresta saiu uma trêmula e prolongada lamentação de temor e de extremo desespero, como aquela que se imagina que acompanhará a fuga da última esperança terrena. Havia uma grande comoção na mata. A chuva de setas cessou, uns poucos dardos zuniram agudamente — depois, silêncio, no qual o lânguido bater da roda de popa chegava claramente até os meus ouvidos. Com dificuldade, virei o leme a estibordo no instante em que o peregrino de pijama cor-de-rosa, muito excitado e agitado, apareceu na entrada da porta. ‘O gerente enviou-me...’, começou a falar em um tom oficial, e parou imediatamente. ‘Santo Deus!’, ele disse, olhando para o homem ferido.

“Nós dois, brancos, ficamos ao seu lado, e o seu olhar brilhante e inquiridor envolveu-nos a ambos. Afirmo que era como se ele fosse

em breve nos fazer alguma pergunta numa linguagem compreensível, mas ele morreu sem expressar um único som, sem mover um único membro, sem movimentar um único músculo. Apenas no último instante, como que em resposta a algum sinal que não podíamos ver, a algum sussurro que não podíamos ouvir, ele franziu a testa seriamente, o que deu à sua negra máscara mortuária um aspecto inconcebivelmente sombrio, uma expressão sombria e ameaçadora. A luz de seu olhar inquiridor enfraqueceu rapidamente num vazio vítreo. ‘Você é capaz de lidar com o timão?’, perguntei ao agente ansiosamente. Ele me pareceu muito inseguro, mas agarrei-o pelo braço e ele compreendeu imediatamente que minha vontade era que ele assumisse o leme de qualquer modo. Para lhe dizer a verdade, eu estava morbidamente ansioso para trocar os meus sapatos e as minhas meias. ‘Ele está morto’, murmurou o rapaz, muitíssimo impressionado. ‘Não há dúvida sobre isso’, eu disse, puxando como um doido os cadarços de meus sapatos. ‘E, por sinal, imagino que o Sr. Kurtz deve estar igualmente morto a essa altura’.

“Naquele momento esse era o pensamento dominante. Havia um sentimento de extremo desapontamento, como se descobrisse que todo aquele tempo eu estivera me debatendo por uma razão de todo inconsistente. Eu não poderia me sentir mais desgostoso se houvesse viajado aquela imensa distância com o propósito único de falar com o Sr. Kurtz. Falar com... arremessei um sapato no rio, e então percebi que era isso que eu mais desejava... uma conversa com o Sr. Kurtz. Fiz a estranha descoberta, vejam vocês, que eu jamais o imaginara em ação, mas apenas conversando. Eu não havia dito a mim mesmo: ‘Agora nunca mais vou vê-lo’ ou ‘Agora nunca mais vou apertar a sua mão’, mas, ‘Agora nunca mais vou ouvi-lo’. O homem existia para mim apenas como uma voz. Não que eu não o conectasse com algum tipo de ação. Não me haviam contado com todos os tons de inveja e admiração que ele colecionara, negociara, trapaceara ou roubara mais marfim do que todos os agentes unidos? Essa não era a questão. A questão é que se tratava de uma criatura com dons especiais, e entre todos os seus talentos, aquele que carregava em si um sentido de real e verdadeira presença era a sua capacidade expressiva, suas palavras... o dom da expressão, o desconcertante, o iluminador, o mais exaltado e o mais desprezível, o pulsante fluxo de luz, ou o fluxo enganador do coração de uma treva impenetrável.

“O outro sapato voou para dentro do deus-demônio daquele rio. Pensei, ‘Por Deus! Está terminado. Chegamos tarde demais; ele

desapareceu — o dom desapareceu por meio de alguma lança, flecha ou porrete. Jamais ouvirei a voz daquele sujeito, afinal. E a minha tristeza era de uma emoção alarmante e extravagante, tal qual aquela que notara nos uivos de lamento dos selvagens na mata. Não poderia sentir uma desolação mais solitária se me houvessem roubado uma crença ou se eu tivesse perdido meu destino na vida... Por que alguém suspira assim, desse modo horripilante? Absurdo? Bem, absurdo. Santo Deus! Não deve um homem jamais... Aqui, dê-me algum tabaco'..."

Houve uma pausa de profundo silêncio, depois um fósforo incendiou-se, e o delgado rosto de Marlow surgiu, consumido, oco, com dobras despencadas e pálpebras caídas, e com um aspecto de concentrada atenção; e enquanto ele puxava vigorosas baforadas de seu cachimbo, parecia recuar e avançar na noite, ao tremular permanente da minúscula chama. O fósforo apagou-se.

"Absurdo!", bradou. "Essa é a pior parte quando se tenta contar... Aqui estão todos vocês, cada um atracado com dois bons endereços, como um casco com duas âncoras, um açougueiro na esquina, um policial na outra, excelentes apetites e temperatura normal — estão ouvindo — normal do início ao fim do ano. E vocês dizem que é absurdo. Absurdo seja — que se dane! Absurdo! Meus caros amigos, o que se pode esperar de um homem que num momento de puro nervosismo acabara de jogar pela amurada da embarcação um par de sapatos novos? Agora que penso sobre isso, é surpreendente que não tenha vertido lágrimas. Orgulho-me, de modo geral, de minha força interior. Calou-me fundo a idéia de que perdera o privilégio inestimável de ouvir o talentoso Kurtz. É evidente que eu estava errado. O privilégio ainda me esperava. Oh, sim, ouvi mais que o suficiente. E também estava certo. Uma voz. Ele era pouco mais que uma voz. E ouvi — a ele, ela, aquela voz, outras vozes — todas elas eram tão pouco mais que vozes — e a própria recordação daquele período permanece em torno de mim, imponderável, como uma vibração moribunda de uma imensa tagarelice, tola, atroz, sórdida, selvagem ou simplesmente vil, sem qualquer espécie de sentido. Vozes, vozes — até mesmo a própria moça — agora..."

Calou-se por um tempo bem longo.

"Afinal, exorcizei o fantasma de seus dons contando uma mentira" — retomou subitamente. "Moça? O quê? Mencionei uma moça? Oh, ela está fora disso — completamente fora. Elas — as mulheres, quero dizer — estão fora disso. Devemos ajudá-las a

permanecer naquele mundo maravilhoso em que vivem ou então o nosso irá tornar-se ainda pior. Oh, ela tinha de estar fora disso. Vocês deviam ter ouvido o desenterrado corpo do Sr. Kurtz dizendo, 'Minha Pretendida'. Teriam logo notado como ela estava inteiramente fora. E o elevado osso frontal do Sr. Kurtz! Dizem que os cabelos continuam crescendo, às vezes, mas aquele... ah ... espécime era impressionantemente calvo. A selva havia tocado suavemente a sua cabeça, e, vejam, era como uma bola... uma bola de marfim; a selva o havia acariciado, e... vejam... ele se encolhera; ela o levava, o amara, o envolvera, entrara-lhe nas veias, consumira-lhe a carne, e selara a alma dele com a sua própria por meio de cerimônias inconcebíveis de alguma iniciação diabólica. Ele era o seu mimado e paparicado favorito. Marfim? Eu diria que sim. Montanhas dele, pilhas dele. A velha choupana de barro estava abarrotada de marfim. Poder-se-ia pensar que não restara uma única presa acima ou abaixo do solo em toda aquela região. 'A maior parte é de fósseis', o gerente enfatizou, depreciativamente. Não eram mais fósseis do que eu; mas eles dizem tratar-se de fóssil sempre que resulta de escavação. Parece que os negros enterram as presas algumas vezes... mas evidentemente não poderiam enterrar aquele lote numa profundidade suficiente para salvar o talentoso Sr. Kurtz de seu destino. Enchemos o vapor com ele, e tivemos de empilhar uma boa parte no convés. Assim ele podia ver e desfrutar enquanto pudesse ver, porque a apreciação desse favor permanecera com ele até o fim. Gostaria que vocês o tivessem ouvido dizer: 'Meu marfim'. Oh, sim, eu o ouvi. 'Minha Prometida, meu marfim, meu posto, meu rio, meu...' Tudo lhe pertencia. Isso me fez segurar a respiração, na esperança de ouvir a selva explodir numa prodigiosa gargalhada, que abalaria as estrelas fixas em suas órbitas. Tudo pertencia a ele — mas aquilo era uma bagatela. Importava saber a quem ele pertencia, quantos poderes das trevas reclamavam-no para si. Essa era a reflexão que fazia com que nos arrepiássemos pelo corpo inteiro. Era impossível — e nem adiantava — tentar imaginar. Ele assumira uma alta posição entre os demônios da terra — quero dizer, literalmente. Vocês não podem compreender. Como poderiam? — com um sólido pavimento debaixo de seus pés, cercados por vizinhos gentis, prontos para apóia-los ou criticá-los, andando delicadamente entre o açougueiro e o policial, no sagrado terror do escândalo, prisões e manicômios — como podem imaginar a que região particular dos tempos primitivos os desembestados pés de

alguém podem levá-lo, por meio da solidão — solidão extrema, sem um policial — por meio do silêncio — extremo silêncio, onde nenhuma voz de advertência de um vizinho gentil pode ser ouvida, sussurrando a opinião pública? Essas coisas pequenas fazem a grande diferença. Quando se vão, precisamos recobrar nossa própria força inata, na própria capacidade de fidelidade. É evidente que podemos ser tolos o bastante para não cometer erros — embotados demais até para saber que estamos sendo assaltados pelos poderes das trevas. É verdade, nenhum tolo jamais barganhou a sua própria alma com o diabo: o tolo é tolo em demasia ou o demônio é demônio em demasia — não sei qual é o caso. Ou você pode ser uma criatura tão elevada que chega a ser surda e cega para tudo o que não seja visões e sons celestiais. Então a terra para você é apenas uma escala — e se viver desse modo será um ganho ou uma perda, não pretenderei afirmar. Mas a maioria de nós não se encaixa num perfil ou no outro. A terra para nós é um lugar para se viver, onde também temos de nos defrontar com visões, com sons, com cheiros, por Deus! Sentir o odor de hipopótamo morto, por assim dizer, sem ser contaminado. E aí, não percebem? É aqui que entra a nossa força, a fé em nossa habilidade para cavar buracos imperceptíveis para enterrar a coisa... nosso poder de devoção, não a nós mesmos, mas a um obscuro e exaustivo trabalho. E isso já é difícil o bastante. Vejam, não estou tentando desculpar ou explicar — estou tentando atender a minha própria necessidade de compreender... aquele... o Sr. Kurtz... a sombra do Sr. Kurtz. Aquele iniciado espectro vindo do fundo de lugar algum me honrou com sua espantosa confiança antes de sumir inteiramente. Isso ocorreu porque podia falar inglês comigo. O Kurtz original educara-se parcialmente na Inglaterra, e — como teve a bondade de afirmar — suas simpatias estavam no lugar certo. A mãe era meio inglesa, seu pai era meio francês. Toda a Europa havia contribuído para a fabricação de Kurtz; e aos poucos fui sabendo que, mais apropriadamente, a Sociedade Internacional para a Supressão dos Costumes Selvagens confiara-lhe a preparação de um relatório, para a sua futura orientação. Ele o escrevera. Tive a oportunidade de vê-lo e de lê-lo. Era eloqüente, vibrava com eloqüência, mas complexo em demasia, penso. Havia encontrado tempo para escrever dezessete páginas com letra miúda! Mas isso deve ter sido antes que os seus — digamos — nervos, sofressem alguns danos, levando-o a presidir certas danças à meia-noite, que terminavam com rituais inenarráveis, os quais —

até onde pude relutantemente deduzir do que ouvi em diversas ocasiões — eram oferecidos a ele — vocês entendem? — ao próprio Sr. Kurtz. Mas era uma bela peça literária. O parágrafo de abertura, todavia, à luz de informações que obtive mais tarde, soa-me sinistro agora. Ele iniciava com o argumento de que nós, brancos, do ponto de desenvolvimento a que chegamos, ‘precisamos necessariamente parecer a eles (selvagens) — com a natureza de seres sobrenaturais — aproximamo-nos deles com o poder de uma divindade’, e assim por diante. ‘Pelo simples exercício de nossa vontade podemos exercer um poder para o bem praticamente ilimitado’, etc. A partir desse ponto ele se erguia a uma grande altura, levando-me consigo. O discurso era magnífico, embora difícil de lembrar, vocês sabem. Dava-me a idéia de uma exótica imensidão, governada por uma augusta benevolência. Fez-me arder de entusiasmo. Esse era o ilimitado poder da eloqüência — das palavras — das ardentes e nobres palavras. Não havia dicas práticas para interromper o fluxo mágico das frases, a não ser que uma espécie de nota de rodapé na última página, garatujada obviamente tempos depois, numa caligrafia irregular, possa ser considerada como a exposição do método. Era muito simples, e ao final desse comovente apelo a todos os sentimentos altruístas, brilhava em nós, luminosa e terrífica, como um clarão de relâmpago num céu sereno: ‘Exterminem todos os brutos!’ A parte curiosa é que ele aparentemente esquecera completamente o valioso *post-scriptum*, pois, mais tarde, quando num certo sentido ele voltou a si, rogou-me repetidamente para que cuidasse bem do ‘meu panfleto’ (como o chamava), que certamente no futuro poderia ter uma influência positiva em sua carreira. Eu tinha informações completas sobre todas essas coisas, e, além do mais, conforme vim a descobrir, eu teria de zelar pela memória dele. Eu fizera o possível por ela para ganhar o direito indiscutível, se assim preferisse, de relegá-la a um eterno descanso na lata de lixo do progresso, entre todos os detritos e, falando figurativamente, todos os gatos mortos da civilização. Mas aí, vocês vêem, eu não posso escolher. Ele não será esquecido. O que quer que tenha sido, não foi comum. Ele tinha o poder de encantar ou assustar as almas rudimentares conduzindo-as a uma condenada dança de feiticeiros em sua honra; também podia encher as almas pequenas dos peregrinos com amargos pressentimentos: ele tinha ao menos um amigo devotado, e conquistara uma alma no mundo que não era nem rudimentar nem maculada pelo egoísmo.

Não; não posso esquecê-lo, embora não esteja preparado para afirmar que o sujeito valesse exatamente a vida que perdemos para chegar até ele. Sentia uma terrível saudade do meu último timoneiro; sentia saudades dele inclusive quando o seu corpo ainda se encontrava estirado na cabine de comando. Talvez vocês considerem um estranho exagero o meu pesar por um selvagem que não significava mais que um grão de areia num negro Saara. Bem, vocês não vêem? Ele fizera algo, manobrara o navio; durante meses tive-o às minhas costas... um auxiliar... um instrumento. Era um tipo de parceria. Ele dirigia a nau para mim — eu tomava conta dele, preocupava-me com as suas deficiências, e então se criara assim uma ligação sutil, da qual só tomei consciência quando se rompeu de repente. E a íntima profundidade daquele olhar que ele me deu quando foi ferido, permanece até hoje em minha memória — como um clamor de um distante parentesco afirmado num momento supremo.

“Pobre tolo! Se ao menos tivesse abandonado aquela veneziana. Ele não podia ser contido, não podia — tal como Kurtz — uma árvore balançada pelo vento. Assim que pus um par de chinelos secos, arrastei-o para fora, depois de remover a lança de seu flanco, operação que confesso ter realizado com meus olhos bem fechados. Seus calcanhares saltaram juntos sobre o pequeno degrau; seus ombros comprimiam o meu peito; eu o abraçava por trás, desesperadamente. Oh, ele era pesado, muito pesado; mais pesado que qualquer outro homem da terra, eu imaginava. Então, sem mais cerimônias, eu o atirei por sobre a amurada. A corrente agarrou-o como se fosse um feixe de relva, e ainda observei quando o corpo rolava duas vezes antes de perdê-lo de vista para sempre. Todos os peregrinos e o gerente estavam reunidos sob o toldo da proa, em torno da cabine de comando, tagarelando uns com os outros como um bando de gralhas excitadas, e houve um murmúrio de escândalo diante de minha frieza impiedosa. Por que desejavam manter aquele cadáver ali eu não posso imaginar. Embalsamá-lo, talvez? Mas eu também tinha ouvido um outro murmúrio, e esse muito sinistro, no convés de baixo. Meus amigos lenhadores estavam igualmente escandalizados, e demonstravam uma razão mais forte — embora eu confesse que o motivo era em si mesmo inadmissível. Oh, inteiramente! Eu decidira que se meu falecido timoneiro tinha de ser devorado, que isso fosse obra exclusiva dos peixes. Fora um timoneiro de segunda classe enquanto vivo, mas agora que estava morto, havia se tornado uma tentação de primeira classe, e possivelmen-

te causaria algum problema assustador. Além disso, eu estava ansioso para assumir o timão; o homem que se vestia com pijama cor-de-rosa mostrara-se uma nulidade sem futuro naquele ofício.

“Foi o que fiz assim que o simples funeral chegou ao fim. Navegávamos à meia velocidade, mantendo-nos bem no centro do rio, e eu ouvia a conversa à minha volta, e ouvia a conversa em torno de mim. Haviam desistido de Kurtz, haviam desistido do posto; Kurtz estava morto, e o posto tinha sido incendiado — e assim por diante. O peregrino ruivo não cabia em si mesmo com a idéia de que ao menos aquele pobre Kurtz tinha sido devidamente vingado. ‘Diga! Devemos ter feito um glorioso massacre na selva. Hein? O que você acha?’ Ele positivamente dançava, o sanguinário e patife ruivinho. E quase desmaiou quando viu o homem ferido! Não pude deixar de aproveitar o momento para dizer: ‘De qualquer modo vocês produziram uma quantidade gloriosa de fumaça’.

“Eu vira, pela maneira como o alto do matagal se agitava e voava, que quase todos os tiros tinham passado alto demais. Não se pode atingir um alvo se não fizer mira e atirar tendo a arma apoiada no ombro; mas aqueles sujeitos atiravam tendo a arma apoiada no quadril, e com os olhos fechados. O recuo, eu sustentava — e eu estava certo — havia sido provocado pelo som do apito do vapor. Com isso eles esqueceram Kurtz, e começaram a berrar indignados contra mim.

“O gerente estava de pé, junto ao timão, murmurando confidencialmente a respeito da necessidade de descermos bastante o rio antes do anoitecer, quando avistei na distância uma clareira nas margens do rio e o contorno de algum tipo de edifício. ‘O que é aquilo?’, perguntei. Ele bateu palmas maravilhado. ‘O posto!’, gritou. Segui para lá, acompanhando a margem, ainda em meia velocidade.

“Com a ajuda do binóculo eu podia ver a encosta de um morro pontilhada de umas raras árvores e perfeitamente livres do matagal. Um comprido edifício, caindo aos pedaços, no topo, estava meio enterrado atrás do mato; os grandes buracos no telhado de palha pareciam negros quando vistos de longe; a selva e o matagal faziam o pano de fundo. Não havia muro ou cerca de espécie alguma; mas havia vestígios da existência prévia de algo assim, pois junto da casa meia dúzia de finas estacas permaneciam de pé, enfileiradas, rudemente desbastadas, e com as extremidades ornamentadas com bolas esculpidas. A cerca, ou o que quer que houvesse entre elas,

havia desaparecido. É claro que a floresta cercava tudo aquilo. A margem do rio estava limpa, e na beira da água vi um branco sob um chapéu que parecia uma roda de carro, acenando insistentemente com o seu braço estendido. Examinando a borda da floresta, acima e abaixo, eu estava quase certo de que enxergava movimentos — formas humanas deslizando aqui e ali. Naveguei com prudência, depois desliguei os motores e deixei o vapor à deriva. O homem na margem começou a gritar, apressando-nos ao desembarque. ‘Fomos atacados’, bradou o gerente. ‘Eu sei, eu sei. Está tudo bem,’ gritou de volta o outro, muito entusiasmado. — ‘Venham. Está tudo bem. Estou muito contente.’

“Sua aparência fez-me recordar de algo que eu vira — algo engraçado que eu vira em algum lugar. Enquanto eu manobrava para encostar, perguntava-me: ‘Com o que se parece esse sujeito?’ De súbito, lembrei-me. Ele se parecia com um Arlequim. Suas roupas eram feitas de um linho cru, provavelmente, mas tinha remendos por toda parte, com tecidos coloridos, azuis, vermelhos e amarelos — remendos nas costas, remendos na frente, remendos nos cotovelos, nos joelhos; seu paletó estava todo colorido, enquanto as bocas das calças tinham a borda escarlate; e o brilho do sol fê-lo parecer extremamente alegre e maravilhosamente elegante simultaneamente, porque era possível notar com que beleza aqueles remendos haviam sido feitos. Um rosto sem barba, jovem, muito belo, sem características que possam ser destacadas, nariz pelado, pequenos olhos azuis, sorrisos e caretas se alternando naquela expressão aberta, tal como ocorre com a luz do sol e as sombras numa planície batida pelo vento.

“‘Cuidado, capitão!’ ele bradou; ‘Há um tronco que foi colocado aqui na noite passada’. O quê? Outro tronco? Confesso que praguejei vergonhosamente. Eu quase furara o meu aleijão para realizar aquela viagem encantadora. O Arlequim na margem suspendeu o seu narizinho arrebitado para mim. ‘O senhor é inglês?’, perguntou, desmanchando-se em sorrisos. ‘O senhor é?’, gritei da cabine de comando.

“Os sorrisos desapareceram, e ele balançou sua cabeça como se lamentasse o meu desapontamento. ‘Não se preocupe!’ afirmou, encorajadamente. ‘Chegamos a tempo?’, perguntei. ‘Ele está lá em cima’, replicou, apontando a cabeça para o topo da colina, tornando-se subitamente sombrio. Seu rosto era como o céu outonal, encoberto num instante e brilhante no instante seguinte.

“Quando o gerente, escoltado pelos peregrinos, todos eles armados até os dentes, se dirigiram para a casa, esse sujeito subiu a

bordo. 'Sabe, eu não gosto disso. Esses nativos estão nos arbustos', afirmei.

"Ele me assegurou veementemente que tudo estava bem. 'São pessoas simples', acrescentou. 'Bem, estou feliz que tenham vindo. Precisei de todo o meu tempo para mantê-los afastados'. 'Mas o senhor disse que tudo estava bem', exclamei. 'Oh, eles não querem fazer nenhum mal', ele disse; e quando o olhei com espanto, ele se corrigiu. 'Não exatamente'. Depois, com vivacidade: 'Meu Deus, a sua cabine de comando precisa de uma limpeza!' E logo a seguir me aconselhava a manter bastante vapor na caldeira para fazer funcionar, caso houvesse algum problema. 'Um bom apito fará mais por vocês do que todos os seus rifles. São um povo simples', repetiu.

"Falava tão rápido que praticamente me subjugou. Parecia estar tentando compensar grandes períodos de silêncio, e na verdade insinuou, rindo, que esse era mesmo o caso. 'O senhor não conversa com o Sr. Kurtz?', perguntei. 'Não se pode conversar com aquele homem; só se pode ouvi-lo', exclamou, com severa exaltação. 'Mas agora...' Acenou o braço, e num piscar de olhos encontrava-se nas maiores profundezas da melancolia. Em um momento recobrou a alegria com um salto, tomou as minhas mãos, balançou-as continuamente, enquanto tagarelava: '... Irmão marinheiro... honra... prazer... deleite... apresentar-me... russo... filho de um arcebispo... Governo de Tambov... Quê? Tabaco! Tabaco inglês; o excelente tabaco inglês? Isso é generoso. Fumo? Onde está o marinheiro que não fuma?'

"O cachimbo aliviou-o e gradualmente compreendi que fugira da escola, ganhara o mar num navio russo; tornara a fugir; servira algum tempo em navios ingleses; e estava agora reconciliado com o arcebispo. Insistiu nisso.

"'Mas quando se é jovem, é preciso ver as coisas, adquirir experiência, ter idéias, alargar a mente'. 'Aqui!', interrompi. 'Nunca se sabe! Aqui eu conheci o Sr. Kurtz', afirmou, juvenilmente solene e apreensivo.

"'Segurei minha língua depois disso. Parece que ele convencera uma empresa holandesa do litoral a equipá-lo com mercadorias e partira rumo ao interior com o coração anuviado, e sem ter idéia do que lhe aconteceria, tal qual um bebê. Andara peregrinando por aquele rio ao longo de quase dois anos, sozinho, isolado de todos e de tudo.

“ ‘Não sou tão jovem quanto pareço. Tenho vinte e cinco anos’, disse. ‘A princípio o velho Van Shuyten me mandou para o diabo’, narrou com agudo prazer. ‘Mas agarrei-me a ele, e conversei e conversei, até que finalmente ele teve medo que eu tomasse a pata traseira do seu cão favorito, então me deu algumas mercadorias baratas e algumas armas, e me disse que esperava jamais tornar a ver o meu rosto novamente. O bom e velho holandês, Van Shuyten. Mande-lhe um pequeno carregamento de marfim há cerca de um ano, de modo que não me possa chamar de pequeno ladrão quando eu retornar. Espero que ele tenha recebido. Quanto ao mais, não me importo. Tenho um pouco de lenha empilhada para o senhor. Ali erguia-se a minha antiga casa. O senhor a viu?’

“Dei-lhe o livro de Towson. Fez menção de beijar-me, mas conteve-se. ‘Era o único livro que me restava, e eu pensei que o havia perdido’, afirmou, olhando-o em êxtase. ‘Tantos acidentes ocorrem com um homem que vai por aí sozinho, o senhor sabe. As canoas às vezes viram, e a gente tem de desaparecer quando as pessoas ficam nervosas.’ Ele folheou as páginas. ‘O senhor escreveu essas notas em russo?’, perguntei. Ele assentiu. ‘Eu pensava que se tratava de algum tipo de código’, falei.

“Ele riu, em seguida ficou com uma expressão séria. ‘Tive muitos problemas para manter essa gente afastada’, afirmou. ‘Queriam matá-lo?’, indaguei. ‘Oh, não!’, ele exclamou, e conteve-se. ‘E por que nos atacaram?’, prossegui. Ele hesitou, depois disse desavergonhadamente: ‘Não querem que ele se vá’. ‘Não querem?’, perguntei curioso. ‘Ele assentiu com a cabeça, num gesto cheio de mistério e sabedoria. ‘Estou lhe afirmando’, exclamou, ‘esse homem abriu a minha mente’.

“Abriu bem os seus braços, fixando seus pequenos olhos azuis, perfeitamente redondos, nos meus”.



III

“O lhei-o, em completa perplexidade. Ali estava ele diante de mim, envolto em seus retalhos, como se houvesse escapado de uma trupe de mimos, entusiástico, fabuloso. Sua própria existência era improvável, inexplicável e, em sua totalidade, desconcertante. Ele era um problema insolúvel. Era inconcebível o modo como sobrevivera, como havia chegado tão longe, como havia conseguido permanecer ali. Por que não desaparecera instantaneamente? ‘Eu avançava um pouco’, disse, ‘e depois mais um tanto — até que eu tivesse ido tão longe que não mais soubesse como regressar. Não importa. Há tempo de sobra. Posso suportar. O senhor deve levar Kurtz o mais rápido — o mais rápido — é o que eu digo’. O brilho da juventude envolveu os seus trapos multicoloridos, a sua indigência, sua solidão, a desolação essencial de suas fúteis peregrinações. Meses a fio — anos a fio — sua vida não valera o soldo de um dia; e ali estava galantemente e despreocupadamente vivo, indestrutível para todos os efeitos, e tudo em virtude de uma decisão tomada na juventude, num momento de audácia irrefletida. Fui seduzido por um tipo de admiração — algo próximo à inveja. Havia um brilho que o fazia prosseguir, era esse brilho que o preservava incólume. Era certo que ele nada queria da selva além do espaço para respirar e para seguir adiante. Sua necessidade era existir, e mover-se à custa dos maiores riscos, e com o máximo de privação. Se alguma vez um espírito aventureiro inteiramente puro, desinteressado, sem qualquer vínculo utilitário governou a vida de um ser humano, esse ser humano era aquele jovem revestido de retalhos. Quase invejei a posse daquela chama modesta e luminosa. Ela parecia ter consumido a sua idéia de ego tão inteiramente, que

mesmo enquanto conversava conosco, esquecíamos-nos que fora ele — o homem diante de nossos olhos — que passara por tudo aquilo. Mas não invejava sua dedicação a Kurtz. Ele não refletira sobre ela. A coisa viera sobre ele, e ele o aceitou com uma espécie de ansioso fatalismo. Devo dizer que, no meu entender, essa parecia ser a experiência mais perigosa que ele já enfrentara até então, sob todos os aspectos.

“Haviam se encontrado inevitavelmente, como dois navios atingidos por uma calmaria que se aproximam um do outro e acabam roçando seus flancos afinal. Suponho que Kurtz precisasse de uma audiência, porque em certa ocasião, quando acampavam numa floresta, haviam conversado a noite inteira, ou mais provavelmente Kurtz falara. ‘Conversamos sobre tudo’, ele disse, bastante arrebatado por aquela memória. ‘Esqueci-me de que existia algo chamado sono. A noite passou tão rápida quanto uma hora. Tudo! Tudo!... De amor também’. ‘Ah, ele lhe falou sobre o amor!’, eu disse, considerando o fato muito divertido. ‘Não é o que o senhor está pensando’, exclamou, quase apaixonadamente. ‘Foi em termos gerais. Ele me fez enxergar certas coisas... coisas’.

“Jogou seus braços para o alto. Estávamos no convés naquela hora, e o chefe dos meus lenhadores, vadiando por ali, voltou para ele os seus olhos pesados e brilhantes. Olhei em volta, e não sei por que, mas posso assegurar-lhes que jamais, jamais aquela terra, aquele rio, aquela selva, e o próprio arco daquele céu resplandecente me pareceram tão desprovidos de esperança e tão sombrios, tão impenetráveis ao pensamento humano, tão impiedosos às fraquezas humanas. ‘E, desde então, o senhor tem estado com ele, é claro’, eu disse.

“Ao contrário. Parece que o relacionamento entre ambos havia sido rompido por motivos vários. Segundo informou-me orgulhoso, ele havia conseguido tratar de Kurtz em duas ocasiões que estivera enfermo (referia-se a isso como se falasse de prodígios arriscados), mas em regra Kurtz errava sozinho nas profundezas da floresta. ‘Frequentemente, ao vir para este posto, eu tinha de aguardar dias e mais dias até que ele aparecesse’, afirmou. ‘Ah, valia a pena aguardar! — às vezes’. ‘O que fazia ele? Explorações, ou o quê?’, perguntei. ‘Oh, sim, evidente.’ Kurtz descobrira muitas aldeias, e um lago também — ele não sabia exatamente em que direção; era perigoso perguntar demais, mas quase sempre essas expedições eram em busca de marfim. ‘Mas ele não tinha mercadorias com as quais

negociar nesse período', objetei. 'Ainda há uma sobra considerável de cartuchos', respondeu, desviando seu olhar. 'Falando francamente, ele saqueou a região', eu disse. Ele assentiu. 'Não sozinho, é claro! O homem murmurou algo a respeito das aldeias em torno do tal lago. 'Kurtz conseguiu que a tribo o seguisse, não foi?', sugeri. Ele mostrou-se um pouco irrequieto. 'Eles o adoravam', disse. O tom dessas palavras foi tão extraordinário que olhei para ele, em busca de uma compreensão mais profunda. Era curioso observar a mistura de avidez e relutância com que falava sobre Kurtz. O homem enchia a sua vida, ocupava os seus pensamentos, abalava as suas emoções. 'O que poderíamos esperar?', explodiu; 'ele chegou a eles como trovão e raio, o senhor sabe... e eles jamais tinham visto algo assim... e tão terrível. Ele sabia como ser muito terrível. Não se pode julgar o Sr. Kurtz como se julgaria um homem comum. Não, não, não! Ora... apenas para lhe dar uma idéia — não me importo de contar ao senhor, ele quis atirar em mim, também, um dia — mas eu não o julgo'. 'Atirar no senhor!', exclamei. 'Por quê?' 'Bem, eu tinha um pequeno carregamento de marfim com que o chefe daquela tribo vizinha à minha casa me presenteara. Veja, eu costumava matar a caça para eles. Bem, ele queria o marfim, e não queria ouvir meus argumentos. Declarou que atiraria em mim se não lhe entregasse o marfim e depois sumisse da região, porque ele tinha o poder para fazê-lo, e tinha vontade de fazê-lo, e não havia nada na terra que poderia impedi-lo de matar quem ele bem entendesse. E isso era bem uma verdade. Dei-lhe o marfim. Que me importava! Mas não desapareci. Não, não. Não poderia deixá-lo. Tinha de ser cauteloso, é claro, até que pudéssemos voltar a ser amigos. Ele ficou doente pela segunda vez. Depois tive de manter-me a distância, mas eu não me importava. Ele passava a maior parte de seus dias naquelas aldeias junto ao lago. Quando descia para o rio, algumas vezes ele se comunicava comigo e outras vezes era melhor que eu tomasse cuidado. Aquele homem sofria demais. Ele odiava isso tudo, e de algum modo não podia ir embora. Quando tive uma chance, implorei-lhe que tentasse partir enquanto era tempo; oferecia-me para regressar com ele. E ele dizia sim, e depois ele ficava; partia em outra caçada ao marfim; desaparecia durante semanas; esquecia-se de si mesmo em meio àquele povo... esquecia-se de si mesmo, o senhor sabe'. 'Ora! É um louco', afirmei. Ele protestou indignado. O Sr. Kurtz não podia ser louco. Se eu o ouvisse falar, há apenas dois dias, não ousaria insinuar

aquilo... Eu tinha apanhado meu binóculo enquanto conversávamos e estava observando a margem, vasculhando o limite da floresta em cada lateral e atrás da casa. A consciência de que havia gente atrás daqueles arbustos, gente tão silenciosa, tão quieta — tão silenciosa e quieta quanto a casa arruinada na colina — deixava-me incomodado. Não havia sinal na face da natureza daquela espantosa história que não estava sendo exatamente contada, mas sugerida a mim em desoladas exclamações, completadas com jogadas de ombro, em frases interrompidas, em insinuações que terminavam com suspiros profundos. A mata estava imóvel, como uma máscara — pesada, como a porta fechada de uma prisão; eles olhavam com seu ar de oculta sabedoria, paciente expectativa, inabordável silêncio. O russo explicava-me que só recentemente o Sr. Kurtz tinha descido para o rio, trazendo consigo todos os guerreiros da tribo do lago. Ele estivera ausente por vários meses — fazendo-se adorar, suponho — e descera inesperadamente, com a intenção, a julgar pelas aparências, de realizar uma incursão do outro lado do rio ou de descer a correnteza. Evidentemente o apetite por mais marfim levava a melhor sobre — como devo dizer? — as aspirações menos materiais. Todavia, sua saúde havia piorado muito de repente. ‘Soube que ele estava prostrado, sem perspectivas de melhoras, e então subi... assumi o risco’, disse o russo. ‘Oh, ele está mal, muito mal.’ Dirigi o meu binóculo para a casa. Não havia sinais de vida, mas havia o telhado arruinado, a comprida parede de barro aparecendo por sobre o mato, com três pequenas janelas quadradas, sem qualquer simetria; tudo aquilo trazido ao alcance de minha mão, por assim dizer. E então fiz um movimento brusco, e uma das últimas estacas daquela cerca desaparecida saltou no campo de meu binóculo. Vocês se lembram de que ficara chocado, a distância, por certas tentativas de ornamentação, um tanto notáveis, no ruinoso aspecto do lugar? Agora, subitamente, eu tinha uma visão mais próxima, e o primeiro resultado disso foi fazer-me jogar a cabeça para trás, como se tivesse levado um soco. Depois passei cuidadosamente de estaca a estaca com meu binóculo, e percebi meu engano. Aquelas bolas não eram ornamentais, mas simbólicas; eram expressivas e desnorteadoras, chocantes e desconcertantes — alimento para o cérebro, mas também para os abutres, se tivesse havido algum olhando do céu cá para baixo; mas de qualquer modo para aquelas formigas que eram industriosas o bastante para escalar as estacas. Teriam sido ainda mais impressionantes, aquelas cabeças

nas estacas, se suas faces não estivessem viradas para a casa. Apenas uma, a primeira que eu divisara, estava voltada para mim. Não fiquei tão chocado quanto vocês possam imaginar. O salto que dei para trás não foi nada realmente; apenas um movimento de surpresa. O que eu esperava ver ali era uma bola de madeira, vocês entendem. Retornei deliberadamente à primeira que avistara — e lá estava ela, negra, seca, murcha, com olhos fechados — uma cabeça que parecia dormir no topo daquela estaca, e, com os lábios murchos e secos exibindo uma fileira estreita e branca de dentes, estava sorrindo, também, sorrindo continuamente de algum sonho eterno e jocoso, naquele sono sem fim.

“Não estou revelando nenhum segredo comercial. Na verdade, o gerente disse mais tarde que os métodos do Sr. Kurtz haviam arruinado o distrito. Não tenho uma opinião formada sobre o assunto, mas desejo que vocês compreendam claramente que não havia nada exatamente lucrativo no fato de aquelas cabeças estarem ali. Elas apenas demonstravam que o Sr. Kurtz não tinha limites na gratificação de seus vários desejos, que ele sentia falta de algo — alguma materiazinha que, quando surgia a necessidade premente, não podia ser encontrada embaixo de sua eloquência magnífica. Se ele tinha consciência dessa sua deficiência, não posso dizer. Creio que o conhecimento lhe chegou afinal — mas somente bem no final. Mas a selva descobriu-o cedo, e lograra sobre ele uma terrível vingança pela fantástica invasão. Creio que lhe sussurrara coisas sobre ele mesmo que ele desconhecia, coisas das quais ele não fazia idéia até aconselhar-se com a grande solidão — e o sussurro revelara-se irresistivelmente fascinante. Ecoava alto dentro dele porque ele no fundo era vazio... Abaixei o binóculo, e a cabeça que surgira próxima o bastante para que eu falasse com ela, pareceu ter saltado, de súbito, a uma distância inacessível de mim.

“O admirador do Sr. Kurtz estava um pouco desanimado. Com voz apressada, indistinta, pôs-se a assegurar-me que ele não se atrevera a remover aqueles — digamos — símbolos. Ele não temia os nativos; eles não se moveriam até que o Sr. Kurtz falasse. Sua ascendência era extraordinária. Os acampamentos daquela gente cercavam o local, e os líderes iam ter com ele diariamente. Eles se arrastavam... ‘Nada quero saber a respeito das cerimônias usadas quando se aproximavam do Sr. Kurtz’, gritei.

“Curioso, tive a sensação que tais detalhes seriam mais intoleráveis do que aquelas cabeças secando sobre as estacas, debaixo

das janelas do Sr. Kurtz. Afinal, aquela era apenas uma visão selvagem, enquanto eu parecia ter sido transportado, num único lance, para alguma região sombria de horrores sutis, onde a pura e simples selvageria era realmente um alívio, já que era algo que tinha o direito de existir — obviamente — debaixo do sol. O jovem olhou-me com surpresa. Suponho que não lhe havia ocorrido que o Sr. Kurtz não era ídolo algum para mim. Ele esquecera que eu não ouvira aqueles esplêndidos monólogos sobre... quais eram mesmo os temas? O amor, a justiça, a conduta de vida — e sei lá o quê. Se a questão era arrastar-se perante o Sr. Kurtz, ele se arrastava como se fosse o mais selvagem entre todos. ‘Eu não fazia idéia das condições’, disse-me: essas cabeças eram cabeças de rebeldes. Choquei-o em excesso quando soltei uma risada. Rebeldes! Qual seria a próxima definição que eu ouviria? Houvera inimigos, criminosos, trabalhadores — e esses eram rebeldes. Aquelas cabeças rebeladas pareciam-me bastante subjugadas em cima daquelas estacas. ‘O senhor não sabe como a vida testa um homem como Kurtz’, exclamou o último discípulo de Kurtz. ‘Bem, e quanto ao senhor?’, indaguei. ‘Eu? Eu! Sou um homem simples. Não tenho grandes pensamentos. Não quero coisa alguma de ninguém. Como pode comparar-me ao...?’ Seus sentimentos estavam exaltados demais para falar e de repente entrou em colapso. ‘Não compreendo’, gemeu. ‘Tenho feito o melhor que posso para mantê-lo vivo, e isso é o que basta. Não tive participação em nada disso. Não tenho habilidades. Há meses não temos aqui uma única gota de remédio ou um punhado sequer de alimentos para enfermos. Ele foi vergonhosamente abandonado. Um homem como esse, com idéias tais. Vergonhosamente! Vergonhosamente! Eu... eu não pude dormir nas últimas dez noites...’

“Sua voz perdeu-se na calma do anoitecer. As longas sombras da floresta haviam despencado colina abaixo enquanto conversávamos, passando muito além do casebre arruinado, além da fileira simbólica de estacas. Tudo aquilo fora envolvido pela escuridão, enquanto nós ali embaixo ainda nos encontrávamos sob a luz do sol, e o trecho do rio adiante da clareira reluzia num esplendor estático e deslumbrante, com uma curva lamacenta e obscurecida acima e mais uma abaixo. Nenhuma viva alma podia ser vista na margem. Os arbustos não farfalhavam.

“De repente, da esquina da casa um grupo de homens apareceu, como se tivesse brotado do solo. Eles tinham mato pela cintura e

formavam um corpo compacto, carregando uma maca improvisada no meio deles. Instantaneamente, no vazio da paisagem, ouviu-se um grito cuja estridência perfurou o ar como uma flecha pontiaguda voando bem no rumo do coração da terra; e, como por encanto, rios de seres humanos — seres humanos nus — com lanças nas mãos, com arcos, com escudos, com olhares e movimentos selvagens, derramaram-se na clareira pela floresta sombreada e pensativa. Os arbustos se agitaram, a relva balançou durante algum tempo, e depois tudo ficou em silêncio, em atenta imobilidade.

“‘Agora, se ele não disser a coisa certa a eles, estamos todos terminados’, disse o russo junto de mim. O grupo de homens com a maca havia parado, também, a meio caminho do vapor, como que petrificado. Vi quando o homem na maca sentou-se, esguiou e com o braço erguido, acima da altura dos ombros dos carregadores. ‘Vamos esperar que o homem que pode falar tão bem de amor em termos gerais encontre alguma razão particular para poupar a nossa vida desta vez’, afirmei. Ressentia-me amargamente do absurdo perigo da situação em que nos encontrávamos, como se estar à mercê daquele fantasma atroz fosse uma contingência desonrosa. Não ouvíamos um único som, mas através do binóculo, enxerguei o fino braço estendido em posição de comando, o queixo movendo-se, os olhos daquela aparição brilhando sombriamente, distante, com a sua cabeça ossuda que acenava em convulsão grotesca. Kurtz — Kurtz — isso significa curto em alemão, não é? Bem, o nome era verdadeiro como tudo o mais em sua vida — e em sua morte. Parecia ter ao menos uns dois metros e dez centímetros de altura. A sua coberta caíra, e seu corpo emergira miserável e apavorante como que de dentro de uma mortalha. Eu enxergava as suas costelas que se agitavam todas, os ossos de seu braço acenando. Era como se uma imagem animada da morte, esculpida em marfim envelhecido, estivesse sacudindo a mão com ameaças a uma multidão paralisada de homens feita de bronze escuro e reluzente. Vi quando ele escancarou a boca — esse gesto conferiu-lhe um aspecto de estranha voracidade, como se tentasse engolir todo o ar, toda a terra, todos os homens que estavam à sua frente. Uma voz profunda alcançou-me debilmente. Ele devia estar gritando. De súbito, caiu de costas. A maca estremeceu quando os carregadores cambalearam adiante novamente, e quase ao mesmo tempo notei que a multidão de selvagens ia desaparecendo sem nenhum movimento perceptível de recuo, como se a floresta que havia ejetado aqueles seres tão de

repente os houvesse recolhido novamente, como o ar é puxado numa longa aspiração.

“Alguns dos peregrinos atrás das macas carregavam as suas armas — duas espingardas, um pesado rifle e um leve revólver-carabina — os raios daquele Júpiter miserável. O gerente inclinou-se sobre ele murmurando, enquanto ele andava ao lado de sua cabeça. Deitaram-no em uma das pequenas cabines — com espaço para uma cama e um ou dois banquinhos de acampamento, vocês sabem. Havíamos trazido a sua correspondência atrasada, e muitos envelopes rasgados e cartas abertas pareciam com um lixo que enchia sua cama. Ele passava a mão frouxamente entre aqueles papéis. Fiquei impressionado com o fogo que brilhava nos seus olhos e o composto langor de sua expressão. Não era tanto a exaustão da enfermidade. Ele não parecia estar sofrendo. Aquela sombra parecia saciada e calma, como se por hora já tivesse tido a sua dose de todas as emoções.

“Ele puxou uma das cartas, e, olhando direto nos meus olhos, falou: ‘Estou feliz em conhecê-lo’. Alguém havia escrito para ele sobre mim. As tais recomendações especiais estavam novamente vindo à tona. O volume de tom que ele emitiu sem fazer esforço, quase sem se dar ao trabalho de mover os seus lábios, surpreendeu-me. Uma voz! Uma voz! Era grave, profunda, vibrante, enquanto o homem não parecia ser capaz de um sussurro. Todavia, ele tinha bastante energia em si — artificial, sem dúvida — para quase nos destruir, como vocês verão.

“O gerente apareceu silenciosamente na entrada. Saí imediatamente e ele puxou a cortina atrás de mim. O russo, examinado com curiosidade pelos peregrinos, estava olhando a margem fixamente. Segui a direção de seu olhar.

“Era possível distinguir, na distância, negros vultos humanos, correndo indistintamente contra a sombria borda da floresta, e perto do rio duas figuras de bronze, apoiando-se em lanças compridas, erguiam-se à luz do sol sob fantásticos adornos de cabeça de peles malhadas, belicosos e paralisados em um repouso de estátua. E da direita para a esquerda, ao longo da margem iluminada, movia-se uma bela e selvagem aparição feminina.

“Ela caminhava com passos medidos; envolta em tecidos lis-trados com franjas, pisando a terra orgulhosamente, com um ligeiro tilintar e o brilho de ornamentos bárbaros. Sua cabeça estava bem erguida; seu cabelo estava penteado como se fosse um elmo; vestia

perneiras metálicas até a altura dos joelhos, manoplas de arame de bronze até a altura dos cotovelos, uma mancha carmim no rosto fulvo, inumeráveis colares de contas de vidro; coisas bizarras, amuletos, presentes de feiticeiros, que pendiam dela, cintilavam e tremiam a cada passo. Era provável que trouxesse o valor de várias presas de elefante nesses adornos de seu corpo. Era selvagem e soberba, tinha olhos selvagens e magníficos; havia algo de sinistro e pomposo em seu passo deliberado. E na quietude que subitamente caiu sobre toda a terra pesarosa, a imensa vastidão, o corpo colossais da vida fecunda e misteriosa parecia olhar para ela, pensativa, como se olhasse para a imagem de sua própria alma tenebrosa e apaixonante.

“Ela veio até o vapor, parou e olhou-nos. A sua sombra comprida caía até a beira da água. Seu rosto tinha um aspecto trágico e ameaçador de mágoa selvagem e de dor reprimida misturadas com o medo de uma resolução conflituosa e tomada sem muita convicção. Ficou parada olhando-nos, sem se mover, tal como a própria natureza, com um ar de quem estuda um propósito inescrutável. Um minuto inteiro decorreu e ela, então, deu um passo adiante. Ouviu-se um fraco tilintar, uma cintilação de metal amarelo, uma agitação de tecidos franjados, e ela parou como se o coração lhe falhasse. O jovem ao meu lado resmungou. Os peregrinos murmuraram às minhas costas. Ela olhava para todos nós como se a sua vida dependesse da inabalável firmeza de seu olhar. De repente, abriu seus braços nus e os ergueu, rígidos, sobre a cabeça, como que tomada por um desejo incontrolável de tocar o céu, e ao mesmo tempo as sombras ligeiras projetavam-se pelo chão, envolviam o rio e o vapor num abraço sombrio. Um silêncio formidável pairava sobre a cena.

“Ela se virou lentamente e continuou a caminhar, seguindo a margem do rio, e adentrou pelo meio dos arbustos à esquerda. Apenas uma vez seus olhos brilharam em nossa direção em meio a escuridão da mata, antes de desaparecer.

“‘Se pedisse para vir a bordo, acho que realmente teria tentado atirar nela’, disse o homem dos remendos, nervoso. ‘Tenho arriscado minha vida diariamente, nos últimos quinze dias, para mantê-la longe da casa. Um dia ela entrou e armou uma confusão danada por causa desses míseros trapos que peguei no depósito para remendar minhas roupas. Eu não estava decentemente vestido. Deve ter sido por causa disso, porque falou com Kurtz durante uma hora, possessa,

apontando para mim de vez em quando. Não compreendo o dialeto dessa tribo. Para minha sorte, acho que Kurtz estava doente demais naquele dia para se importar, ou teria me dado mal. Não consigo entender... Não... é demais para mim. Bom, está tudo acabado agora.'

"Nesse momento, ouvi a voz penetrante de Kurtz por trás da cortina: 'Salvar-me!... salvar o marfim, você quer dizer. Não me venha com essa. Salvar a *mim*! Ora, tive de salvá-lo. Você está atrapalhando meus planos agora. Doente! Doente! Não tão doente quanto você gostaria que eu estivesse. Pouco importa. Ainda vou disseminar minhas idéias — eu voltarei. Vou lhe mostrar o que pode ser feito. Você e suas idéias desprezíveis... você está se metendo comigo. Eu voltarei. Eu...'

"O gerente saiu. Deu-me a honra de pegar-me pelo braço e levar-me para um canto. 'Ele está muito mal, muito mal', disse. Considerou necessário dar um suspiro, mas esqueceu-se de mostrar-se verdadeiramente sentido. 'Fizemos tudo o que podíamos por ele, não fizemos? Mas não há como esconder o fato; o Sr. Kurtz causou mais prejuízos do que benefícios à Companhia. Não percebeu que ainda não era a hora certa para uma ação vigorosa. Cautela, cautela, este é o meu princípio. Ainda precisamos ser cautelosos. O distrito está fechado para nós temporariamente. Deplorável! De um modo geral, o comércio vai sofrer com isso. Não nego que haja uma considerável quantidade de marfim... na maior parte, fóssil. Devemos salvá-lo, a qualquer custo... mas veja como nossa posição é precária... e por quê? Porque o método é insano.' 'O senhor', disse eu, olhando para a margem, 'chama isso de 'método insano?' 'Sem dúvida', exclamou ele, com fervor. 'Você não acha?' 'Mas não há método algum', murmurei após algum tempo. 'Exatamente', exclamou. 'Eu previa isso. Demonstra uma completa falta de juízo. É meu dever apontar para isso da maneira apropriada.' 'Oh', disse eu, 'aquele sujeito... como é mesmo o nome dele?... o oleiro, fará um relatório apresentável para o senhor.' Ele pareceu perturbado por um instante. Tinha a impressão que jamais havia respirado uma atmosfera tão vil, e voltei-me mentalmente para Kurtz, em busca de alívio — decididamente de alívio. 'Apesar de tudo, acho que o Sr. Kurtz é um homem notável', disse eu, com ênfase. Ele se abalou, lançou-me um olhar frio e pesado, disse bem baixinho que 'ele *era*' e deu as costas para mim. Minha hora de consideração acabara ali; vi-me confundido como partidário de Kurtz e seus métodos para os

quais o momento não havia chegado: eu era insano. Ah, mas já era alguma coisa ter ao menos uma opção entre pesadelos.

“Na realidade, eu havia me voltado para a selva, não para o Sr. Kurtz, que, devo admitir, estava praticamente morto e enterrado. E por um momento tive a impressão de também estar sendo enterrado numa grande sepultura de segredos inenarráveis.

“Sentia um peso insuportável oprimindo-me o peito, o cheiro da terra úmida, a invisível presença de uma corrupção vitoriosa, as trevas de uma noite impenetrável... O russo deu-me um tapinha no ombro. Ouvi-o murmurar e gaguejar algo sobre ‘irmão do mar... não podia esconder... conhecimento de assuntos que afetariam a reputação do Sr. Kurtz’. Esperei. Para ele, evidentemente, o Sr. Kurtz não estava no túmulo; desconfio que, para ele, o Sr. Kurtz era um dos imortais. ‘Bem!’, disse eu, afinal, ‘fale. Na verdade, eu sou amigo do Sr. Kurtz... por assim dizer.’

“Ele afirmou com grande formalidade que, se não fôssemos ‘da mesma profissão’, teria mantido o assunto somente para si, sem levar em conta as consequências. ‘Suspeitava que havia muita má vontade da parte daqueles brancos que...’ ‘Você tem razão’, disse eu, lembrando-me de certa conversa que me chegara aos ouvidos. ‘O gerente acha que você deveria ser enforcado.’ Demonstrou muita preocupação com essa informação, o que me divertiu a princípio. ‘Melhor eu sair discretamente’, disse ansioso. ‘Nada mais posso fazer por Kurtz agora, e eles logo encontrariam algum pretexto. O que poderia impedi-los? Há um posto militar a quinhentos quilômetros daqui.’ ‘Bem, palavra de honra’, disse eu, ‘talvez seja melhor você partir, se tiver alguns amigos entre os selvagens da região.’ ‘Muitos’, respondeu. ‘São gente simples ... e eu nada quero, o senhor sabe.’ Ficou parado, mordendo os lábios, e depois disse: ‘Não quero que nenhum mal aconteça a esses brancos daqui, mas, claro, estava pensando na reputação do Sr. Kurtz... mas o senhor é um irmão do mar e...’ ‘Tudo bem’, disse eu, após algum tempo. ‘A reputação do Sr. Kurtz está a salvo comigo.’ Eu não sabia o quanto era verdade aquilo que dizia.

“Informou-me, baixando a voz, que fora Kurtz quem ordenara o ataque contra o vapor. ‘Às vezes, odiava a idéia de ser levado daqui... e, outras vezes... Mas eu não entendo dessas coisas. Sou um homem simples. Ele achava que aquilo iria afugentá-los daqui... que vocês desistiriam, julgando que ele estava morto. Não pude detê-lo. Oh, tive dias horríveis neste último mês’. ‘Muito bem’, eu

disse, 'ele está bem agora'. 'Si-i-im-m', murmurou, aparentemente não muito convicto. 'Obrigado', afirmei, 'vou manter os meus olhos bem abertos'. 'Mas em silêncio, hein?', pediu ansiosamente. 'Seria terrível para a sua reputação se alguém aqui...' Prometi discrição completa com uma expressão de grande seriedade. 'Tenho uma canoa e três negros à minha espera não muito longe daqui. Vou-me embora. O senhor poderia me ceder alguns cartuchos de Martini-Henry?' Eu podia, e cedi, com a devida discrição. Ele serviu-se, com uma piscadela para mim, de um punhado do meu tabaco. 'Entre marinheiros... o senhor sabe... bom tabaco inglês'. Na porta da cabine de comando virou-se. 'Pergunto: você não teria um par de sapatos de que pudesse dispor?' Ergueu uma perna. 'Veja'. As solas estavam amarradas por tiras que continham nós, como uma sandália, sob os pés nus. Alcancei um par antigo, que ele olhou com admiração antes de enfiá-lo embaixo de seu braço esquerdo. Um de seus bolsos (de um vermelho vivaz) transbordava com os cartuchos, e de outro (azul-escuro) aparecia a ponta da *Investigação de Towson*, etc. Ele parecia julgar-se excelentemente bem equipado para um renovado empreendimento na selva. 'Ah, jamais, jamais encontrar-me-ei com um homem daqueles de novo. O senhor devia tê-lo ouvido recitar poesia — de sua própria autoria, além do mais, ele me disse. Poesia!' Ele girava os olhos à lembrança daqueles deleites. 'Oh, ele ampliou-me os horizontes!' 'Adeus!', eu disse. Cumprimentamo-nos e ele desapareceu na noite. Às vezes pergunto a mim mesmo se eu de fato o encontrei algum dia — se era possível encontrar um fenômeno tal!...

"Quando acordei, pouco após a meia-noite, a advertência que ele me dera voltou-me à mente com sua insinuação de perigo, que parecia, na estrelada escuridão, suficientemente real para fazer-me levantar a fim de dar uma olhada ao redor. Sobre a colina uma grande fogueira ardia, devidamente iluminando um canto tortuoso da casa do posto. Um dos agentes, com um piquete de alguns dos nossos negros, armados para esse fim, tomava conta do marfim; mas nas profundezas da floresta, rubros fulgores que oscilavam, que pareciam afundar e emergir do solo, em meio às confusas formas de coluna de intenso negror, mostravam a exata posição do acampamento onde os adoradores do Sr. Kurtz mantinham sua vigília inquieta. As monótonas batidas de um grande tambor enchiam o ar com impactos abafados e uma vibração prolongada. O constante e frouxo som de muitos homens cantando, cada um para si mesmo,

algun misterioso encantamento, saía da escura e lisa muralha da floresta como o zunido das abelhas saindo de uma colméia, e tinha um estranho efeito narcótico sobre os meus sentidos mal despertados. Acredito que cochilei inclinado sobre a amurada, até que uma abrupta explosão de gritos, uma arrasadora erupção de acumulado e misterioso frenesi, acordou-me num desnorteado assombro. O barulho cessou repentinamente, e a fala frouxa baixa prosseguiu, com um efeito de um audível e tranqüilizante silêncio. Olhei casualmente para dentro da pequena cabine. Uma luz ardia lá dentro, mas o Sr. Kurtz não estava lá.

“Penso que eu teria gritado se pudesse apenas crer no que os meus olhos viam. Mas não dei crédito a princípio — tal era a impossibilidade da coisa. A verdade é que fiquei completamente enervado, por uma ligeira sensação de terror, puro e abstrato terror, sem conexão com qualquer forma de perigo físico. O que tornou essa emoção tão arrasadora foi — como poderei defini-lo? — o choque moral que recebi, como se algo inteiramente monstruoso, intolerável ao pensamento e odioso para a alma, tivesse sido lançado sobre mim inesperadamente. Isso durou, é óbvio, apenas uma fração de segundo, e então o senso comum de perigo vulgar, a possibilidade de uma súbita investida e um massacre, ou algo desse tipo, que eu percebia iminente, foi positivamente bem-vindo e reconfortante. Isso me pacificou, de fato, tanto, que não dei o alarme.

“Lá estava um agente todo abotoado dentro de um grande casaco e dormindo numa cadeira sobre o convés, a menos de um metro de mim. Os berros não o haviam despertado; abandonei-o em seu sono e saltei para a praia. Não traí o Sr. Kurtz — foi-me ordenado que eu jamais o traísse — estava escrito que eu deveria ser leal ao pesadelo de minha escolha. Estava ansioso para lidar sozinho com aquela sombra — e até hoje não sei porque tinha tanto ciúme de compartilhar com qualquer um a escuridão peculiar daquela experiência.

“Assim que cheguei à margem avistei uma trilha — uma trilha larga que atravessa o mato. Recordo-me com que exultação disse a mim mesmo: ‘Ele não pode andar — está se arrastando de quatro — peguei-o’. O mato estava molhado em virtude do orvalho. Eu caminhava rápido, com os punhos cerrados. Imagino que alimentava uma vaga idéia de me atirar sobre ele e surrar-lhe, não sei. Tinha alguns pensamentos imbecis. A velha que tricotava com o gato no colo intrometeu-se em minhas lembranças como a pessoa mais imprópria para estar sentada no outro lado de uma situação como aquela.

Avistei uma fila de peregrinos despejando chumbo no ar, tendo suas Winchesters apoiadas no quadril. Pensei que jamais regressaria ao vapor, e imaginei-me vivendo sozinho e desarmado na floresta até uma idade bem avançada. Essas tolices, vocês sabem. E recordo-me de que confundi as batidas do tambor com as batidas de meu coração, e eu estava satisfeito com a sua tranqüila regularidade.

“Mantinha-me na trilha, contudo — e então parava para escutar. A noite estava muito clara; um escuro espaço azul, faiscando de orvalho e com a luz das estrelas, no qual vultos negros erguiam-se perfeitamente imóveis. Pensei que podia ver um tipo de movimento adiante de mim. Estava estranhamente convencido de todas as coisas naquela noite. Na verdade, deixei a trilha e saí correndo num largo semicírculo (creio piamente que rindo sozinho) para adiantar-me àquela agitação, àquele movimento que eu avistara — se de fato eu tinha visto algo. Eu circundava Kurtz como se aquilo fosse um jogo de meninos.

“Encontrei-o, e se ele não tivesse ouvido a minha aproximação, eu teria caído sobre ele, também, mas ele ergueu-se a tempo. Levantou-se, desequilibrado, comprido, de uma palidez indistinta, como um vapor exalado pela terra, e oscilava ligeiramente, nebuloso e calado diante dos meus olhos; enquanto às minhas costas as fogueiras surgiam entre as árvores, e o murmúrio de muitas vozes vinham da floresta. Eu o interceptara astutamente; mas quando de fato o confrontei, parece que retomei os meus sentidos, e enxerguei o perigo em suas devidas proporções. Não estava de modo algum acabado. Suponhamos que ele comesse a gritar? Embora mal pudesse ficar de pé, ainda havia bastante energia em sua voz. ‘Vá embora... esconda-se’, disse ele, com aquele tom profundo. Era horrível. Olhei para trás. Estávamos a trinta metros da fogueira mais próxima. Um vulto negro ergueu-se, avançou com suas longas e negras pernas, acenando com seus longos e negros braços através do clarão. Tinha chifres — de antílope, creio — na cabeça. Algum bruxo ou feiticeiro, sem dúvida, de aparência bastante demoníaca. ‘O senhor sabe o que está fazendo?’, sussurrei. ‘Perfeitamente’, respondeu, elevando a voz para pronunciar essa única palavra, que me soou muito distante e ainda assim alta, como uma saudação num alto-falante. ‘Se fizer barulho, estamos perdidos’, pensei comigo. Evidentemente, não era caso para troca de socos, mesmo sem levar em conta a aversão natural que eu sentia em bater naquela sombra... naquela coisa errante e atormentada. ‘O senhor se perderá’, disse eu, ‘se perderá completamente.’ Às vezes temos tais lampejos

de inspiração, vocês sabem. Eu dissera a coisa certa, embora, de fato, ele não pudesse estar mais irrecuperavelmente perdido do que estava naquele exato momento, quando os fundamentos de nossa intimidade estavam sendo postos... para durar... durar... até o fim... e mesmo além. “ ‘Tinha planos imensos’, murmurou irresoluto. ‘Sim’, disse eu, ‘mas, se tentar gritar, esmago sua cabeça com...’ Não havia nem um pau nem uma pedra por perto. ‘Vou lhe esganar de verdade’, corrigi. ‘Estava no limiar de coisas grandes’, alegou, com voz saudosa e num tom tão melancólico, que fez meu sangue correr gelado pelas artérias. ‘E agora, por causa desse canalha, desse imbecil...’ ‘Sua fama na Europa está garantida de qualquer maneira’, afirmei com segurança. Eu não queria ter de esganá-lo, compreendem... e, na prática isso teria sido de muito pouca utilidade. Tentei quebrar o encanto — o pesado e mudo encanto da selva — que parecia atraí-lo para seu impiedoso seio, ao despertar esquecidos e brutais instintos, através da lembrança de paixões gratificantes e monstruosas. Eu estava convencido de que unicamente isso o impelira para a borda da floresta, para a mata, em direção ao brilho das fogueiras, ao bater dos tambores, ao rumor de estranhos encantamentos; unicamente isso havia atraído sua alma fora da lei para além dos limites das aspirações permitidas. E — não percebem? — o terror daquela situação não residia no risco de levar uma paulada na cabeça — embora eu tivesse vívida consciência desse perigo, também —, mas no fato de eu ter de lidar com um ser a quem eu não podia apelar em nome de coisa alguma, elevada ou inferior. Tinha, como faziam os negros, de invocá-lo — a ele mesmo — à sua própria exaltada e incrível degradação. Não havia nada acima ou abaixo dele, e eu sabia disso. Desprendera-se da Terra a pontapés, diabo de homem! Chutara a própria Terra, desfazendo-a em pedaços. Estava só, e, diante dele, eu não sabia se permanecia no chão ou flutuava no ar. Tenho contado a vocês o que falamos... repetindo as frases que pronunciávamos, mas de que adianta? Eram palavras comuns, do dia a dia — os sons familiares, vagos, trocados corriqueiramente ao despertar de cada manhã. Mas e daí? Para mim, elas traziam em si a fabulosa sugestividade de palavras ouvidas em sonhos, de frases proferidas em pesadelos. Alma! Se alguém alguma vez já lutou com uma alma, esse alguém sou eu. Também não estava argumentando com um lunático. Acreditem ou não, sua mente encontrava-se em perfeita lucidez, concentrada, é verdade, nele próprio com intensidade medonha, mas lúcida; e nisso residia

minha única oportunidade... a não ser, é claro, a de matá-lo ali mesmo, o que não era uma boa idéia, pois faria um barulho inevitável. Mas sua alma havia enlouquecido. Ficando sozinha na selva, olhara para dentro de si mesma e, por Deus! garanto a vocês que enlouquecera. Eu tinha — creio que para pagar meus pecados — de passar por aquela provação de olhar para dentro dela também. Nenhuma eloquência poderia ter sido tão prejudicial à nossa crença na humanidade quanto sua explosão derradeira de sinceridade. Lutava consigo mesmo, também. Eu a tudo assistia, vendo-o... ouvindo-o. Vi o mistério inconcebível de uma alma que não conhecia barreiras, nem fé, nem medo, embora lutasse cegamente contra si própria. Mantive minha cabeça em ordem; mas, quando finalmente o coloquei estendido sobre o sofá, enxuguei a minha testa, as pernas tremendo como se tivesse carregado meia tonelada nas costas por aquela colina abaixo. E, no entanto, eu havia apenas servido de apoio, seus braços ossudos em volta do meu pescoço... e não pesava muito mais do que uma criança.

“Quando partimos no dia seguinte, ao meio-dia, a multidão, de cuja presença atrás da cortina de árvores eu estivera extremamente consciente durante o tempo todo, seguiu novamente para fora da mata, ocupando a clareira e cobrindo toda a encosta do morro de corpos nus e bronzeados, trêmulos e ofegantes. Naveguei um pouco rio acima, depois retornei e segui correnteza abaixo, enquanto dois mil olhos acompanhavam as evoluções do rio-demônio, golpeando as águas ferozmente com sua cauda horrenda e cuspidando fumaça negra pelo ar. Ao longo da margem do rio, agrupados na frente da primeira fileira, três homens, cobertos da cabeça aos pés com barro vermelho-fogo, pavoneavam-se de um lado para o outro, inquietos. Quando novamente nos emparelhamos a eles, todos se voltaram para o rio, batendo os pés, agitando as cabeças enfeitadas com chifres e oscilando seus corpos escarlates; depois chacoalharam um punhado de penas pretas e uma pele sarnenta com um rabo pendurado em direção ao rio-demônio... algo que parecia uma cuia ressecada; e gritavam, periodicamente, todos juntos, segmentos de palavras estranhas que em nada se assemelhava aos sons de uma linguagem humana; e os profundos murmúrios da multidão, subitamente interrompidos, pareciam respostas a alguma ladainha satânica.

“Havíamos levado Kurtz para a cabine do leme, pois era mais arejada. Deitado no sofá, ele olhava pela janela. Havia um turbilhão em meio à massa de corpos humanos, e a mulher de faces trigueiras,

com um elmo na cabeça, correu em direção à margem rio; estendeu as mãos, gritando algo, e toda aquela multidão de selvagens começou a gritar também, num coro de sons articulados, rápidos e arquejantes.

“O senhor entende o significado disso?”, perguntei.

“Ele continuou olhando distante. Seus olhos brilhavam, saudosos, numa expressão de melancolia mesclada com ódio. Nada respondeu, mas percebi um sorriso, um sorriso de significado indecifrável, que aparecia em seus lábios pálidos, e que logo se contorceram convulsivamente. ‘Se entendo?’, disse ele devagar, ofegante, como se as palavras lhe tivessem sido arrancadas por uma força sobrenatural.

“Puxei o cordão do apito, e o fiz porque avistei os peregrinos no convés sacando seus rifles, com ares de quem vê uma bela cotovia. Diante do barulho repentino e estridente, um movimento de terror abjeto atravessou aquela massa compacta de corpos.

“‘Não, não os afugente’, gritou alguém no convés, desoladamente. Puxei o cordão várias vezes. Eles saíram em disparada, correndo sem rumo, saltando, agachando-se, como se pudessem desviar do som aterrorizante que se propagava pelo ar. Os três homens pintados de vermelho atiraram-se no chão, com a cara voltada para a margem, como se tivessem sido mortalmente baleados. Somente a mulher bárbara e soberba ali permaneceu, hesitante e estendendo dramaticamente seus braços nus em nossa direção e sobre o rio lúgubre e reluzente.

“Então, aquele bando de idiotas, amontoados no convés, começou a farra, e não pude ver mais nada por causa da fumaça.

“A correnteza barrenta fluía com velocidade para fora do coração das trevas, levando-nos em direção ao mar com o dobro da velocidade de nossa marcha rio acima; e a vida de Kurtz fluía também rapidamente, esgotando-se, esgotando-se de seu coração para desaguar no mar do tempo inexorável. O gerente agora parecia muito calmo, e não demonstrava nenhuma preocupação importante. Lançou-nos um olhar envolvente e satisfeito: o ‘caso’ se solucionara da melhor maneira possível. Eu via chegar o momento em que seria deixado sozinho no grupo do ‘método insano’. Os peregrinos olhavam-me com desprezo. Eu era, por assim dizer, contado entre os mortos. É estranho como eu aceitara essa parceria infeliz, essa escolha forçada entre pesadelos de uma terra tenebrosa invadida por fantasmas ordinários e avarentos.

“Kurtz discursava. Uma voz! Uma voz, que ressoou profundamente até o momento derradeiro. Uma voz que sobrevivera às suas

próprias forças para ocultar nas magníficas manobras da eloquência as trevas infecundas de seu coração. Oh, ele lutava! Lutava! Os restos de seu cérebro fatigado eram agora assombrados por imagens quiméricas — imagens de riqueza e fama revolvendo servilmente em torno do seu inextinguível dom de nobre e altiva expressão. Minha Prometida, meu posto, minha carreira, minhas idéias — eram os temas daquelas expressões ocasionais de sentimentos elevados. A sombra do Kurtz original freqüentava a beirada da cama da impostura vazia, cujo destino era ser enterrada no barro da terra primeva. Mas tanto o amor diabólico como o ódio extraordinário dos mistérios em que havia penetrado lutavam pela posse daquela alma saturada de emoções primárias, ávida de falsa glória, de deferências enganosas e de todas as formas de sucesso e poder.

“Às vezes ele era desprezivelmente infantil. Desejava ser recebido por reis em estações ferroviárias ao retornar de algum tenebroso Lugar Nenhum, onde pretendia realizar grandes feitos. ‘É só mostrar que somos capazes de realizar empreendimentos lucrativos, e o reconhecimento de nossa capacidade será ilimitado’, dizia. ‘Evidentemente, é preciso que os motivos sejam levados em consideração. Motivos certos, sempre.’ Os longos trechos do rio, que pareciam todos iguais, bem como as curvas monótonas, que pareciam sempre as mesmas, passavam pelo vapor com sua multidão de árvores seculares olhando pacientemente para aquele encardido fragmento de um outro mundo, precursor da mudança, da conquista, do comércio, de massacres, de bênçãos. Eu olhava para a frente, pilotando. ‘Feche a janela’, disse Kurtz, de repente, um dia. ‘Não suporto ficar olhando para isso.’ Fechei. Fez-se um silêncio. ‘Ah, mas hei de arrancar seu coração!’, gritou para a selva invisível.

“O motor enguiçou — como eu já esperava — e tivemos de encostar à beira de uma ilha, para reparos. Esse atraso foi a primeira coisa a abalar a confiança de Kurtz. Certa manhã, ele me deu um pacote de papéis e uma fotografia — tudo amarrado com um cadarço de sapato. ‘Guarde isso para mim’, disse. ‘Aquele imbecil (o gerente) é bem capaz de bisbilhotar nas minhas caixas quando eu não estiver por perto.’ À tarde fui vê-lo. Estava deitado de barriga para cima, com os olhos fechados, e já ia me retirando em silêncio, quando o ouvi murmurar: ‘Viver corretamente e morrer, morrer...’ Fiquei à escuta. Não houve mais nada. Estaria ele ensaiando algum discurso enquanto dormia, ou seria aquilo um fragmento de uma frase de algum artigo de jornal? Ele andara escrevendo para jornais e pretendia

fazê-lo novamente, ‘para a divulgação de minhas idéias. Isso é um dever’.

“Sua escuridão era impenetrável. Eu o olhava como quem observa um homem deitado no fundo de um abismo, onde a luz do sol jamais brilha. Mas eu não tinha muito tempo para perder com ele, porque estava ajudando o maquinista a desmontar os cilindros com vazamento, a desentortar uma biela, dentre outros afazeres. Vivia numa bagunça infernal de ferrugem, limalha, parafusos, ferrolhos, chaves, martelos e furadeiras — coisas que eu abominava, porque eu não me dava bem com elas. Cuidava da pequena forja que felizmente tínhamos a bordo; trabalhava exausto sobre o maldito monte de ferro-velho — a não ser quando as pernas tremiam demais para ficar de pé.

“Certa noite, ao entrar na cabine com uma vela, fiquei assustado ao ouvi-lo dizer com a voz um pouco trêmula: ‘Estou aqui deitado, na escuridão, a esperar pela morte’. A luz estava a um palmo dos seus olhos. Esforcei-me por murmurar: ‘Oh, bobagem!’, e fiquei ali parado junto a ele, como que petrificado.

“Ocorrera então uma mudança em sua fisionomia que eu nunca tinha visto antes, e espero não tornar a ver. Oh, não que tivesse ficado emocionado. Eu fiquei fascinado. Era como se um véu tivesse sido tirado. Enxerguei naquele rosto de marfim uma sombra de orgulho, de poder impiedoso, de terror covarde — de um intenso e irremediável desespero. Estaria ele revivendo sua vida em cada detalhe, com seus desejos, tentações e entregas durante aquele momento supremo de plena consciência? Gritou, então, num sussurro, para alguma imagem, alguma visão — gritou duas vezes, um grito que não era mais do que um sussurro:

“‘O horror! O horror!’

“Apaguei a vela e saí da cabine. Os peregrinos jantavam no refeitório e sentei-me diante do gerente, que ergueu os olhos num olhar interrogador que consegui ignorar com sucesso. Ele se reclinou, sereno, com aquele seu sorriso peculiar selando as profundezas inexprimidas de sua mediocridade. Um exame contínuo de pequenas moscas voava pela lâmpada, pela toalha da mesa, pelas nossas mãos e rostos. De repente, o garoto do gerente pôs a insolente cabeça negra na porta e disse num tom de sarcástico desdém:

“‘O sinhô Kurtz... morreu.’

“Todos os peregrinos saíram correndo para ver. Eu permaneci onde estava e continuei o meu jantar. Acho que fui considerado um

bruto insensível. No entanto, não comi muito. Havia uma lâmpada ali... uma luz, compreendem?... e lá fora estava tão escuro, de uma escuridão abominável. Não mais me aproximei do homem notável que havia pronunciado um julgamento sobre as aventuras de sua alma neste mundo. A voz se calara. Que mais restara ali? Mas estou ciente, é claro, de que no dia seguinte os peregrinos enterraram algo numa cova enlameada.

“E depois, estiveram muito perto de me enterrar também.

“No entanto, como podem ver, não fui me juntar ao Sr. Kurtz. Não. Fiquei para sonhar o pesadelo até o fim e mostrar minha lealdade a Kurtz mais uma vez. Destino. Meu destino! Coisa engraçada é a vida — misterioso arranjo de lógica implacável para um propósito frívolo. O máximo que você pode esperar dela é algum conhecimento de si mesmo... que chega tarde demais... e uma colheita de arrependimentos sem fim. Eu já havia lutado contra a morte. É a batalha menos interessante que se pode imaginar. Acontece numa impalpável zona cinzenta, sem nada sob os pés, nada ao redor, sem espectadores, sem alarido, sem glória, sem o grande desejo de vitória, sem o grande medo da derrota, numa atmosfera doentia de túbio ceticismo, sem muita fé em nossos próprios direitos, e menos ainda nos direitos do adversário. Se este é o formato da última palavra em sabedoria, então a vida é um enigma maior do que muitos de nós podem imaginar. Eu estava a um passo da minha última oportunidade para me pronunciar, e descobri, humilhado, que provavelmente não teria nada para dizer. Esta é a razão pela qual afirmo que Kurtz foi um homem notável. Ele tinha algo a dizer. E disse. Como eu mesmo já havia espiado além da margem, compreendi melhor o significado daquele seu olhar, que não podia ver a chama da vela, mas era amplo o suficiente para conter o universo inteiro, forte o bastante para penetrar todos os corações que pulsavam nas trevas. Ele havia resumido — ele havia julgado. ‘O horror!’ Era um homem notável. Afinal, aquilo era expressão de algum tipo de crença; havia candura, havia convicção, havia uma vibrante nota de revolta em seu sussurro, havia a face estareçada de uma verdade vislumbrada — estranha combinação de ódio e desejo. E não é da minha própria experiência que me recordo melhor — uma visão cinzenta, sem forma, repleta de dor física, e de um desprezo pela evanescência de todas as coisas... até mesmo da própria dor. Não! É a experiência dele que tenho a impressão de ter vivido. Certamente ele dera o passo derradeiro e

atravessara a margem, enquanto a mim fora permitido recuar o pé hesitante. E talvez aí esteja a grande diferença; talvez toda a sabedoria, toda a verdade e toda a sinceridade estejam comprimidas naquele intervalo de tempo imperceptível em que transpomos as fronteiras do invisível. Talvez! Gosto de imaginar que minhas palavras finais não teriam sido de desprezo ou indiferença. Melhor o seu grito — muito melhor! Era um grito de afirmação, de vitória moral, conquistada por derrotas incontáveis, por medos e prazeres abomináveis. Mas foi uma vitória! Foi por isso que permaneci leal a Kurtz até o fim, e mesmo depois, quando, após muito tempo, ouvi mais uma vez, não a sua própria voz, mas o eco de sua magnífica eloquência lançada em mim por uma alma de pureza tão translúcida como uma rocha de cristal.

“Não, não me enterraram, embora tenha havido um período do qual mal me recordo, estremecido de horror que estava, como uma passagem por algum mundo incompreensível, onde não existia esperança nem desejo. Achei-me de volta à cidade sepulcral, indignado com a visão das pessoas apressadas pelas ruas a furtar trocados umas das outras, devorar sua comida infame, beber sua cerveja insalubre, sonhar seus sonhos tolos e insignificantes. Essas pessoas violavam meus pensamentos. Eram intrusos, cujo conhecimento de vida era para mim uma pretensão irritante porque eu tinha certeza de que eles não conheciam as mesmas coisas que eu conhecia. Suas condutas, que eram simplesmente condutas de indivíduos comuns, tratando de seus negócios para garantir uma segurança perfeita, eram ofensivas para mim como a ultrajante ostentação da loucura diante de um perigo que ela é incapaz de compreender. Não sentia nenhum desejo especial de esclarecê-los, mas sentia alguma dificuldade em conter minha vontade de rir nas suas caras tão cheias de estúpida autoridade. Acho que não me sentia muito bem naqueles dias. Circulava pelas ruas — havia muitos assuntos para serem resolvidos — forçando um sorriso amargo para pessoas muito respeitáveis. Admito que meu comportamento era imperdoável, mas minha temperatura raramente se mantinha normal naquele tempo. Os cuidados de minha querida tia para me ‘reabastecer as forças’ pareciam totalmente fora de propósito. Não eram as minhas forças que precisavam ser reabastecidas, era a minha imaginação que precisava ser acalmada. Guardava comigo o pacote de papéis que Kurtz me entregara, sem saber exatamente o que fazer com ele. Sua mãe morrera recentemente, sendo velada, segundo me disseram,

por sua Prometida. Um homem limpo e barbeado, com modos de oficial e usando óculos de armação dourada, visitou-me um dia e fez perguntas, a princípio indiretas, depois cuidadosamente mais contundentes a respeito do que lhe agradava denominar certos 'documentos'. Não fiquei surpreso, porque já havia tido duas discussões com o gerente sobre o assunto anteriormente. Eu me recusara a entregar o menor fragmento daquele pacote, e tomei a mesma atitude com o homem de óculos. Por fim, mostrou-se ameaçador, argumentando veementemente que a Companhia tinha o direito de obter qualquer informação, a mais simples que fosse, sobre seus 'territórios'. E disse que: 'O conhecimento do Sr. Kurtz sobre regiões inexploradas devia ser necessariamente abrangente e específico... graças às suas grandes habilidades e condições deploráveis em que fora colocado; portanto...' Garanti a ele que o conhecimento do Sr. Kurtz, embora abrangente, não contemplava os problemas do comércio ou da administração. Invocou, então, o nome da ciência. 'Seria uma perda imensurável, se', etc. Ofereci a ele o relatório sobre *A Repressão dos Costumes Selvagens*, com o *post-scriptum* arrancado. Apanhou-o ansiosamente, mas terminou torcendo o nariz com um ar de desprezo. 'Não é isso o que tínhamos o direito de esperar', ressaltou. 'Não espere mais do que isso', respondi. 'Existem apenas cartas particulares.' Ele se retirou, ameaçando recorrer a procedimentos legais, e não o vi mais. Dois dias depois apareceu um outro indivíduo, dizendo-se primo de Kurtz, e estava ansioso para ouvir todos os detalhes sobre os últimos instantes de seu ente querido. Incidentalmente, deu-me a entender que Kurtz teria sido, em essência, um grande músico. 'Ali estava um grande talento em potencial', disse o homem, que era organista, imagino, com cabelos grisalhos que escorriam pela gola engordurada de seu casaco. Não tinha motivos para duvidar de sua afirmação; e até hoje não sei dizer qual era a profissão de Kurtz, se é que algum dia teve uma — e qual era o maior de seus talentos. Achava que fosse um pintor que escrevia para jornais ou então um jornalista que pintava, mas até mesmo seu primo (que cheirava rapé durante a entrevista) não sabia dizer ao certo o que ele havia sido. Era um gênio universal — neste ponto concordei com o velho, que assoava o nariz ruidosamente num grande lenço de algodão, para depois se retirar, numa agitação caduca, levando algumas cartas familiares e memorandos sem importância. Por fim, apareceu um jornalista ansioso para saber alguma coisa sobre o destino de seu 'caro

colega'. Esse visitante informou-me que a esfera apropriada para Kurtz deveria ter sido a política 'do lado popular'. Tinha sobrancelhas retas e grossas, cabelos curtos e espetados, um monóculo amarrado numa fita larga, e, tornando-se mais expansivo, confessou-me sua opinião de que o forte de Kurtz realmente não era a escrita... 'Mas, céus, como aquele homem sabia falar! Eletrizava grandes platéias. Botava fé naquilo que dizia... entende... fé! Tinha a capacidade de acreditar nas coisas... qualquer coisa. Teria sido um esplêndido líder de um partido extremista.' 'Qual partido?', perguntei. 'Qualquer um', respondeu. 'Ele era um... um extremista.' Eu também não pensava da mesma forma? Admiti. 'Você sabia', perguntou, com um súbito relampejo de curiosidade, 'o que o induzira a ir para lá?' 'Sim', respondi, entregando-lhe imediatamente o famoso relatório para publicação, caso achasse conveniente. Examinou o texto rapidamente, resmungando o tempo todo, julgou que 'serviria', e retirou-se com esse espólio.

"Dessa maneira, fiquei finalmente com um magro pacote de cartas e o retrato da jovem. Ela me chamou a atenção pela beleza... quero dizer, tinha uma bela expressão. Sei que a luminosidade pode criar efeitos ilusórios, mas dava para ver que nenhum artifício de luz ou de ângulo poderia ter transferido tão delicadas nuanças de autenticidade àqueles traços. Ela parecia pronta para ouvir sem restrições mentais, sem desconfianças, sem pensar em si mesma. Decidi que iria pessoalmente devolver-lhe o retrato e aquelas cartas. Curiosidade? Sim... e talvez um outro sentimento também. Tudo que havia pertencido a Kurtz tinha escapulado de minhas mãos: sua alma, seu corpo, seu posto, seus planos, seu marfim, sua carreira. Restavam apenas sua memória e sua Prometida. E eu queria renunciar a tudo isso, relegando ao passado, de certa forma, entregando pessoalmente tudo que restara dele comigo àquele esquecimento que é a última palavra de nosso destino comum. Não estou me defendendo. Eu não tinha uma idéia clara do que realmente desejava. Talvez fosse um impulso inconsciente de lealdade ou a satisfação de uma dessas necessidades irônicas que se escondem nos fatos da existência humana. Não sei. Não sei dizer. Mas fui vê-la.

"Achava que a lembrança dele era como todas as outras lembranças de mortos que se acumulavam na vida de cada um de nós — uma vaga impressão no cérebro de sombras que tombaram em sua passagem rápida e derradeira; mas diante da porta alta e imponente, por entre as altas casas de uma rua tão calma e recatada como uma

bem cuidada alameda de um cemitério, me veio à mente a imagem dele na maca, abrindo a boca vorazmente, como se fosse devorar toda a terra, com toda a humanidade. Ele viveu então diante de mim; viveu como sempre vivera — uma sombra insaciável de esplêndidas aparências ou de assustadoras realidades; uma sombra mais negra que a sombra da noite, e envolta nobremente nas dobras da magnífica eloquência. A visão parecia entrar na casa comigo — a maca, os maqueiros-fantasmas, a multidão selvagem de devotos obedientes, a escuridão da floresta, o brilho do rio entre as curvas tenebrosas, o bater do tambor, regular e abafado como o bater de um coração — o coração de uma escuridão triunfante. Foi um momento de triunfo para a selva, um ataque invasor e vingativo que, pareceu-me, eu teria de enfrentar sozinho pela salvação de outra alma. E a recordação do que eu o ouvira dizer lá longe, com os vultos chifrudos se agitando às minhas costas, ao clarão das chamas das fogueiras, dentro da mata paciente, aquelas frases truncadas voltaram-me à memória, repercutindo novamente em sua sinistra e aterrorizante simplicidade. Lembrei-me de sua súplica abjeta, suas ameaças abjetas, a escala colossal de seus desejos vis, a maldade, o tormento, a angústia tempestuosa de sua alma. E mais tarde pareceu-me ver seus modos lânguidos e comedidos, quando disse um dia: ‘Esse lote de marfim agora é realmente meu. A Companhia não pagou por ele. Eu mesmo o recolhi, à custa de risco pessoal. Contudo, temo que tentem reclamá-lo como deles. Hum! Caso difícil, esse. O que você acha que eu deveria fazer... resistir? Hein? Quero nada mais que justiça...’ Queria apenas justiça... nada mais que justiça. Toquei a campainha da porta de mogno no térreo, e enquanto esperava, parecia que ele encarava-me através do painel vítreo... a fixar-me com aquele olhar amplo e imenso, abraçando, condenando, odiando todo o universo. Pareceu-me ouvir seu grito sussurrado: ‘O horror! O horror!’

“A noite caía. Tive de esperar numa majestosa sala de estar com três janelas compridas que iam do chão ao teto e se assemelhavam a três colunas luminosas e acortinadas. O dourado dos estofados e das pernas curvilíneas das mobílias reluziam em curvas indistintas. A magnífica lareira de mármore tinha uma brancura fria e monumental. Um piano de cauda repousava pesadamente num canto, com negros reflexos nas superfícies planas, como um soturno sarcófago envernizado. Uma porta alta abriu-se — e fechou-se. Levantei-me.

“Ela avançou, toda de negro, pálida, flutuando em minha direção

em meio à penumbra. Estava de luto. Já havia passado mais de um ano desde a morte dele, mais de um ano desde que a notícia havia chegado; ela parecia que ia lembrar e manter o luto para sempre. Tomou-me ambas as mãos nas suas e murmurou: ‘Disseram-me que o senhor viria’. Notei que não era muito jovem... quer dizer, não era mais uma menina. Tinha maturidade que a capacitava para a fidelidade, a crença e o sofrimento. A sala parecia ter ficado mais escura, como se toda a triste claridade daquele nublado entardecer se houvesse refugiado em sua fronte. Aqueles cabelos louros, aquele rosto pálido e aquele semblante puro pareciam emoldurados por um halo cinzento, de dentro do qual os olhos negros me olhavam. O olhar era inocente, profundo, seguro e verdadeiro. Portava a cabeça sofrida como se tivesse orgulho de sua dor, como quem dissesse: ‘Eu... somente eu sei pranteá-lo como merece’. Mas enquanto ainda estávamos apertando nossas mãos, surgiu-lhe no rosto uma expressão de terrível desolação, e percebi que não era uma dessas criaturas que são joguetes do tempo. Para ela, Kurtz havia morrido no dia anterior. E, por Deus!, a impressão que ela passou foi tão forte que também para mim ele parecia ter morrido na véspera — não, naquele exato momento. Vislumbrei os dois, no mesmo lapso de tempo — a morte dele e a dor dela; a dor dela, no mesmo instante da morte dele. Compreendem? Eu os vi juntos — os ouvi juntos. Ela dissera, depois de respirar fundo: ‘Eu sobrevivi’, enquanto meus ouvidos atentos pareciam ouvir nitidamente, mesclado com seu tom de desesperado pesar, o sussurro que resumia a eterna condenação dele. Perguntei a mim mesmo o que estava fazendo ali, com uma sensação de pânico no coração, como se tivesse entrado de gaiato num lugar de mistérios absurdos e cruéis, não apropriados à visão de um ser humano. Ela apontou uma cadeira. Sentamo-nos. Coloquei o pacote gentilmente em cima de uma pequena mesa, e ela pôs a mão sobre ele... ‘O senhor o conheceu bem’, murmurou, após um momento de pesaroso silêncio.

“‘As amizades crescem depressa por lá’, respondi. ‘Conhecia-o tão bem quanto é possível a um homem conhecer outro.’

“‘E o senhor o admirava’, disse ela. ‘Era impossível conhecê-lo sem admirá-lo. Não era?’

“‘Era um homem notável’, disse, inseguro. Depois, diante de seu olhar fixo e suplicante, que parecia esperar por mais palavras de minha boca, prossegui: ‘Era impossível não...’

“‘Amá-lo’, completou, impetuosamente, silenciando-me numa

mudez apavorante. 'Como isso é verdade! Como isso é verdade! Mas quando se pensa que ninguém o conheceu tão bem quanto eu! Eu tinha toda a sua nobre confiança. Fui eu quem o conheceu melhor.'

"'Ninguém o conheceu melhor', repeti. E talvez fosse verdade. Mas a cada palavra dita a sala tornava-se mais escura, e somente sua fronte, lisa e branca, permanecia iluminada pela luz inextinguível da fé e do amor.

"'O senhor foi amigo dele', ela prosseguiu. 'Amigo dele', repetiu, um pouco mais alto. 'Deve ter sido, se ele lhe deu isto e o enviou a mim. Sinto que posso falar com o senhor... e, oh, preciso falar. Quero que o senhor... o senhor, que ouviu as suas últimas palavras... saiba que tenho sido digna dele... Não se trata de orgulho... Sim! Tenho orgulho de saber que o compreendi melhor do que qualquer um na terra... ele mesmo me disse isso. E desde que sua mãe morreu, não tive mais ninguém... ninguém para... para...'

"'Eu a ouvia. A escuridão adensava-se. Eu não tinha sequer a certeza de que ele me dera o pacote certo. Suspeito inclusive que ele queria que eu cuidasse de outro pacote de documentos, o qual, após sua morte, vira o gerente examinando sob uma lâmpada. E a moça falava, aliviando sua dor na certeza da minha simpatia; falava como pessoas sedentas bebem. Eu ouvira dizer que o noivado com Kurtz não havia sido aprovado pela família dela. Ele não era rico o suficiente ou algo assim. E na verdade não sei se ele foi pobre durante a vida inteira. Dera-me alguma razão para inferir que fora a insatisfação com sua relativa pobreza que o conduziu para lá.

"'... Quem não se tornaria seu amigo, uma vez que o ouvisse falar?', dizia ela. 'Ele despertava nas pessoas aquilo que elas tinham de melhor.' Olhava para mim com intensidade. 'Esse é o dom dos grandes homens', prosseguiu, e o som de sua voz baixa parecia ser acompanhado de todos os outros sons, carregados de mistério, desolação e dor — o barulho das águas do rio, o farfalhar das árvores agitadas pelo vento, os murmúrios da multidão, o débil soar das incompreensíveis palavras gritadas ao longe, o sussurro de uma voz falando além dos umbrais de trevas eternas. 'Mas o senhor o ouviu! O senhor sabe!', exclamou em voz alta.

"'Sim, eu sei', respondi, com um certo desespero em meu coração, mas curvando a cabeça diante da fé que havia nela, diante daquela grande e redentora ilusão que brilhava com um fulgor sobrenatural na escuridão, na escuridão triunfante da qual eu não

poderia defendê-la... da qual eu não poderia nem sequer defender a mim mesmo.

“‘Que perda para mim... para nós!’, corrigiu-se com bela generosidade, acrescentando num murmúrio: ‘Para o mundo’. Sob os últimos raios do crepúsculo, pude ver o brilho de seus olhos, cheios de lágrimas... lágrimas que se recusavam a cair.

“‘Eu fui muito feliz... muito afortunada... me sentia muito orgulhosa’, prosseguiu. ‘Afortunada demais. Feliz demais por algum tempo. E agora serei infeliz para... para o resto da vida.’

“‘Levantou-se; seus cabelos louros pareciam captar toda a luz que restara, num brilho dourado. Levantei-me também.

“‘E de tudo isso’, prosseguiu lamentando, ‘de todas as suas promessas, de toda sua grandeza, de sua mente generosa, do seu nobre coração, nada restou... nada além de uma lembrança. O senhor e eu...’

“‘Lembraremos dele para sempre’, apressei-me em dizer.

“‘Não’, exclamou. ‘Não é possível que tudo isso se perca — que uma vida assim seja sacrificada a não deixar nada... além de tristeza. O senhor conhece os grandes planos que ele tinha. Eu os conhecia, também... Talvez não pudesse compreendê-los... Mas outros sabiam deles. Alguma coisa tem de ficar. Suas palavras, pelo menos, não morreram.’

“‘Suas palavras permanecerão’, disse eu.

“‘E seu exemplo’, murmurou para si mesma. ‘As pessoas se inspiravam nele... Sua bondade brilhava em cada gesto. Seu exemplo...’

“‘É verdade’, disse eu. ‘Seu exemplo também. Sim, seu exemplo. Havia me esquecido disso.’

“‘Mas eu não. Não posso... Não consigo acreditar... Ainda não. Não consigo acreditar que nunca mais voltarei a vê-lo, que ninguém nunca mais o verá novamente, nunca, nunca, nunca.’

“‘Esticou os braços, como que tentando alcançar um vulto que se afastava, estendendo-os negros e com as pálidas mãos apertadas através do estreito e esmaecido clarão da janela. Nunca mais tornar a vê-lo! Eu o via com toda a nitidez. E hei de ver este eloqüente fantasma enquanto viver, e verei também a ela, uma sombra trágica e familiar, assemelhando-se naquele gesto a uma outra, trágica também, enfeitada de amuletos inúteis, estendendo os braços trigueiros e nus sobre o brilho do rio infernal, o rio das trevas. Então, de repente, ela disse bem baixinho: ‘Morreu como viveu’.

“‘Seu fim’, disse eu, com uma raiva surda agitando minhas entranhas, ‘foi, em todos os sentidos, digno da vida que levou.’

“‘E eu não estava com ele’, murmurou. Minha raiva acalmouse diante de um sentimento de piedade infinda.

“‘Tudo podia ser feito...’, resmunguei em voz baixa.

“‘Ah, mas eu acreditava nele mais do que qualquer pessoa no mundo... mais do que sua própria mãe, mais do que... ele mesmo. Ele precisava de mim! De mim! Eu teria guardado cada suspiro, cada palavra, cada gesto, cada olhar.’

“‘Senti uma espécie de aperto no peito: ‘Não fique assim’, disse eu, com voz abafada.

“‘Perdoe-me, eu... Eu tenho chorado por muito tempo em silêncio... Em silêncio... O senhor esteve com ele... até o final. Penso na solidão dele. Ninguém perto para compreendê-lo como eu o teria compreendido. Talvez ninguém para ouvi-lo...’

“‘Até o último momento’, disse eu, trêmulo. ‘Ouvi suas últimas palavras...’ Calei-me, assustado.

“‘Repita-as’, murmurou num tom de partir o coração. ‘Eu preciso... preciso... de alguma coisa... alguma coisa... para... poder prosseguir vivendo.’

“‘Estive a ponto de gritar para ela: ‘Você não está ouvindo?’ A escuridão as repetia num sussurro persistente à nossa volta, um sussurro que parecia aumentar ameaçadoramente, como o primeiro sussurro de uma ventania em formação. ‘O horror! O horror!’

“‘Suas últimas palavras... para guardar para sempre, ela insistiu. ‘Não percebe que eu o amava... eu o amava... eu o amava!’

“‘Me recompus e falei, pausadamente.

“‘A última palavra que ele pronunciou foi... seu nome’.

“‘Ouvi um leve suspiro, e então meu coração parou, parou emudecido por um grito terrível de exultação, um grito de inconcebível triunfo e dor inenarrável.

“‘Eu sabia... eu tinha certeza...’ Ela sabia, tinha certeza. Ouvia-a chorar; havia escondido o rosto entre as mãos. Pareceu-me que a casa ia desmoronar antes que eu pudesse escapar, que os céus cairiam sobre minha cabeça. Mas nada aconteceu. Os céus não caem por uma ninharia dessas. Teriam caído, por acaso, se eu tivesse conferido a Kurtz a justiça que ele merecia? Ele não tinha dito que queria apenas justiça? Mas não pude. Não pude dizer a ela. Teria sido muito tenebroso... tenebroso demais...”

Marlow silenciou e permaneceu ali sentado, distante, impercep-

tível e silencioso, na pose de um Buda em meditação. Ninguém se moveu por algum tempo. “Perdemos a primeira maré vazante”, disse o diretor de repente. Levantei a cabeça. O mar alto estava encoberto por uma massa de nuvens escuras, e a correnteza tranqüila, que conduzia aos extremos confins da terra, fluía sombria sob um céu nublado... e parecia conduzir ao coração de imensas trevas.



Coração das Trevas

Resumo da Parte I

Um iate chamado *Nellie* está descendo o rio Tâmis. Em virtude da cheia da maré, é obrigado a parar por algum tempo à espera da vazante. A princípio, o narrador é um passageiro não identificado que está a bordo do navio. Ele descreve com detalhes a aparência do Tâmis, comparando-o a uma interminável hidrovia, e depois passa a apresentar as pessoas que estão a bordo. O diretor da Companhia é também o capitão e o anfitrião. Todos os demais demonstram sentir por ele muita afeição, confiança e respeito. Há um advogado, idoso e possuidor de muitas virtudes. Um contador, que integra o grupo, está mexendo com dominós, tentando iniciar uma partida. Entre eles já existe o “lastro marítimo”. São tolerantes uns com os outros. Com eles está Marlow, o protagonista e o principal narrador da história, que tropeça África adentro, à procura de um barco a vapor, e acaba encontrando muito mais do que isso. Ele possui um forte senso histórico e bastante ética no trabalho que realiza. Para ele o trabalho duro é uma forma de obter a sanidade. A visão de mundo de Marlow é típica de um europeu. Contudo, pode-se dizer que possui um caráter versátil; é um dos poucos que não pertence a uma classe específica, e que, portanto, pode relatar as histórias de diferentes pessoas com relativa facilidade. Marlow é magro, tem o rosto encovado e pele amarelada. O iate lança âncora, mas ninguém parece querer jogar dominós. Sentam-se reflexivos sob a luz do sol, e o narrador observa com ênfase a mudança de aparência das águas, quando o sol se põe. De súbito, Marlow começa a falar, destacando que “este também já foi um dos lugares sombrios da terra”. É um homem que não representa a sua classe: é um homem do mar, mas é também um

peregrino, desdenhoso e invulgar, uma vez que a maioria dos marujos vive uma vida de sedentarismo dentro de navios que são a sua casa. Ninguém reage a essa observação e Marlow continua a falar de tempos antigos, de quando os romanos chegaram e trouxeram a luz, que ainda hoje é inconstante. Ele afirma que aqueles homens não eram colonizadores, mas conquistadores, tomando tudo o que podiam pelo uso da força bruta. “A conquista da terra não é algo belo quando examinado mais de perto”; é a idéia por trás dele que as pessoas consideram redentora. Então, para o desespero de seus entediados ouvintes, Marlow passa a narrar uma experiência de vida, do tempo em que resolveu tornar-se um navegador fluvial, e esteve em contato com o processo de colonização.

Após um número de viagens ao Oriente e à Índia, Marlow começou a procurar um navio para capitanear, mas estava encontrando dificuldades para obter uma vaga. Quando criança, fora apaixonado por mapas, gostava de imaginar que se embrenhava nos espaços vazios da terra, que, ao longo dos anos, tornaram-se povoados. Havia um rio todo cheio de curvas que lhe chamava a atenção de modo especial. Marlow tem a idéia de tentar um posto para capitanear um navio a vapor que navegue naquele rio com fins comerciais. Sua tia tem conexões na administração da empresa responsável por aquela atividade, e consegue que ele seja nomeado capitão de um vapor. A nomeação ocorre rapidamente, pois Marlow deve assumir o lugar de Fresleven, um capitão que foi morto durante uma briga com nativos. Ele atravessa o canal para assinar o contrato com seus novos patrões. O escritório tem para ele a aparência de um sepulcro branco. A recepção é mal iluminada, e duas senhoras taciturnas tomam conta da área. Marlow observa um mapa com as indicações da operação da empresa e nota que ele será destinado para uma zona marcada com a cor amarela, a área central em que se localiza o rio. Ele assina o contrato, mas sente um certo desconforto quando uma das mulheres lança-lhe um olhar enigmático sobre o significado daquela assinatura. Depois, Marlow passa por uma consulta médica obrigatória. Ele pergunta ao médico porque não viaja para examinar os homens da empresa no local em que trabalham. O médico afirma que não é tolo para fazê-lo e explica que muita coisa se transforma por lá. O médico pergunta ainda se há algum caso de loucura na família. Com uma excelente ficha médica e depois de um longo bate-papo de despedida com sua tia, Marlow inicia sua viagem, a bordo de um vapor francês que o levará à embocadura do rio, sentindo-se como um impostor.

Observando a costa, enquanto o navio desliza pelo mar, nosso recém-nomeado comandante maravilha-se com o seu aspecto enigmático: ela atrai e convida o observador para a praia, sem deixar de intimidá-lo. O clima é ardente, pois o sol brilha com muita força. O navio faz escalas para apanhar outros passageiros ao longo do caminho: soldados e funcionários públicos em sua maioria. Os nomes das vilas nas quais fazem escala parecem quase irreais. Há uma atmosfera uniformemente sombria. Depois de um mês, Marlow chega à boca do grande rio e troca de embarcação. Uma vez a bordo, descobre que um dos homens que viajara com ele havia se enforcado recentemente. Ele é levado para um dos postos da Companhia. Marlow anda por entre partes de máquinas que apodrecem ao ar livre, e observa uma fila de negros que anda vagarosamente, muito magros e indiferentes. Um dos “reformados” carrega um rifle e vai bem no meio da fila. Marlow dá uma volta para evitar esse grupo de acorrentados e encontra uma sombra para descansar. Ele vê mais negros trabalhando, alguns que parecem moribundos. Um jovem parece estar especialmente faminto, e Marlow oferece-lhe um biscoito que tem no bolso. Ele observa que o rapaz está vestindo um tecido branco de lã em volta do pescoço, e tenta imaginar que utilidade aquilo teria. Marlow apressa-se para alcançar o posto da Companhia. Encontra na chegada um homem branco que se veste com impecável elegância. Trata-se de algo espantoso, um verdadeiro milagre. Depois de descobrir que ele é o contador-chefe da Companhia, Marlow passa a respeitá-lo. O posto é uma grande confusão. Ele tem de ficar ali por mais dez dias, morando numa cabana. Com frequência visita o contador, que afirma que Marlow irá se encontrar com o Sr. Kurtz, um homem notável que está encarregado do posto comercial no interior, onde há muito marfim. O contador fica irritado quando uma maca com um moribundo é montada dentro do seu escritório, e declara que começa a “odiar os selvagens até a morte”. Ele pede a Marlow para dizer ao Sr. Kurtz que tudo está muito bem.

No dia seguinte, Marlow inicia a viagem de mais de trezentos quilômetros para o interior. Ele atravessa muitas trilhas, encontra diversas moradias desertas e negros misteriosos. Um de seus companheiros, um branco, contrai uma enfermidade na jornada, o que deixa Marlow impaciente e preocupado. Finalmente, eles chegam ao Posto Central, onde Marlow deve se encontrar com o gerente geral. A reunião é estranha. O gerente tem um sorriso dissimulado. Ele é obedecido por seus comandados, mas não inspira amor ou medo. O

único sentimento que ele inspira é de desconforto. A jornada da embarcação que Marlow assumiria tivera de ter início sem ele, porque estava atrasado. Havia rumores de que um posto importante estava ameaçado, e que o seu chefe, Kurtz, estava doente. Mas o navio havia naufragado antes que eles pudessem partir. O gerente está ansioso, e observa que três meses serão necessários para os reparos antes que possam iniciar uma nova jornada rio acima. Marlow começa o seu trabalho para recuperar a embarcação. Sussurros a respeito de “marfim” enchem o ar durante o dia. Certa noite, uma cabana é tomada pelo fogo. Um negro, responsabilizado pelo incêndio, leva uma surra. O principal espião do gerente, um agente de primeira classe, aproxima-se do novo capitão e começa a questioná-lo extensivamente sobre a Europa e as pessoas que ele conhece lá. Marlow está confuso acerca do tipo de informação que esse homem deseja colher. O agente torna-se furiosamente aborrecido. Há na parede de seu quarto um esboço de uma mulher vendada que carrega uma tocha acesa. O agente diz que foi Kurtz quem fez o desenho. Quando Marlow pergunta ao agente quem é Kurtz, o homem afirma que ele é um prodígio, um emissário da bondade e da ciência. O agente fala com pressa, querendo que Marlow leve a Kurtz um relatório favorável sobre a sua disposição, pois acredita que Marlow tem mais poder na Europa do que de fato tem. O narrador interrompe a história durante algum tempo e volta-se para os seus ouvintes no iate, dizendo que eles deveriam ser capazes de compreender melhor os fatos narrados em retrospectiva do que ele poderia entender naqueles dias. De volta à história, ele está aborrecido com os circunlóquios do agente. Marlow precisa de rebites para consertar o furo na embarcação e prepará-la para zarpar. O barco é aquilo que verdadeiramente o excita. Percebe que o capataz, um fabricante de caldeiras, está sentado a bordo. Eles conversam animadamente sobre os rebites que deveriam chegar dentro de três semanas. Contudo, em vez de rebites eles recebem uma “invasão” de negros mal-humorados com o líder de uma expedição de brancos, que é o tio do gerente. Marlow medita um pouco sobre Kurtz, pensando que um dia será promovido ao cargo de gerente geral, e de que modo conduzirá o seu trabalho caso isso venha a se concretizar.

Análise da Parte I

O ponto de partida mais lógico para se analisar essa história está na aplicação do título do romance. “Trevas” é uma palavra problemática, com diversos sentidos. Ela é inicialmente referida no contexto dos mapas: os pontos em que há trevas estão pintados de amarelo; portanto foram assinalados por exploradores e colonizadores. Um mapa é um símbolo importante. Eles são guias, registros de exploração. Seus propósitos são duplos porque resolvem mistérios ao revelar a geografia de terras desconhecidas, ao mesmo tempo em que criam outros mistérios sobre as terras que permanecem desconhecidas dentro e fora do mapa. O rio é outro símbolo importante. Sempre se movendo, nunca muito previsível, é a passagem para um mundo mais amplo, é uma metáfora excelente para a vida de Marlow. Marlow afirma que quando criança era apaixonado por mapas, em nome das “glórias da exploração”. Embora essa descrição pareça muito positiva, ela soa um tanto sinistra. O tom é de quem se recorda da infância com amargura e arrependimento. O leitor pode extrapolar essas idéias apenas levando em consideração a primeira descrição de Marlow. A pele amarelada e as faces encovadas não o apresentam como um homem saudável ou feliz. Ele teve a oportunidade de explorar e aparentemente essa experiência de algum modo o arruinou. Essa é a forma que Conrad encontrou para organizar a estrutura geral do romance. Os leitores compreendem que se trata da narrativa das memórias de Marlow, uma história que pode justificar o seu impenetrável abalo físico e emocional. O autor também pressupõe um conhecimento sobre o colonialismo. A amargura das recordações de Marlow demonstra as fortes convicções que o próprio Conrad nutria contra as ações colonialistas. As contrastantes imagens de luz e trevas claramente correspondem à tensão estabelecida entre civilização e selvageria. O rio Tâmis é chamado de “passagem para a civilização” porque é a ligação para a civilizada cidade de Londres. É importante ressaltar que a cidade é sempre apresentada em completo contraste com a escuridão que a circunda, escuridão que se projeta na água ou na terra.

A linguagem vívida dos mapas torna-se mais interessante quando consideramos que o termo trevas ainda mantém o seu significado tradicional de maligno e aterrador. O fato de que Marlow aplica o conceito de trevas aos territórios conquistados, mais uma vez indica a sua visão negativa a respeito do colonialismo. Ele claramente

afirma que os colonialistas vivem de explorar as fraquezas dos outros. A sua expansão pelo mundo não é mais nobre do que outros tipos de violência e ladroagem. No mapa, os lugares que estão vazios e destituídos de interferências externas são, aparentemente, os mais desejados. O termo trevas relaciona-se em outras instâncias com a cor da pele. Grande parte desse capítulo desenvolve-se em torno dos primeiros encontros de Marlow com os nativos do Congo. O tom escuro de sua pele é sempre mencionado. À primeira vista, Marlow descreve-os como “quase sempre negros e nus, movendo-se como formigas”. Enquanto, na sombra, “coisas escuras” parecem agitar-se debilmente. Não há, nessas passagens, nenhuma distinção entre animais escuros e pessoas escuras. Até mesmo os trapos vestidos pelos nativos são descritos como caudas. A constante desumanização dos negros é quase uma obsessão do autor. Ele procura construir assim uma imagem de “mente fechada” dos colonialistas. “Formas negras” arrastavam-se pelo chão, “criaturas” andam de quatro para poder beber a água do rio. São chamados de sombras: reflexos de seres humanos, sem possuir, contudo, a substância necessária para serem reais. Marlow observa o pedaço de tecido branco em torno do pescoço do jovem, e se espanta com o contraste que se estabelece entre a brancura e a escuridão. Ele parece ser incapaz de conceber a mistura entre o preto e o branco.

Por mais ignorantes que aos leitores modernos pareçam as percepções de Marlow, é crucial compreender que mesmo antes da experiência nas matas africanas, ele já vivia numa classe bem própria, separado de todas as demais pessoas. O fato de ele ser o único a bordo do iate cujo nome é revelado não é acidental. Todos os outros são apresentados apenas a partir de seus cargos e de suas funções. Ele se distingue dos demais porque possui uma “não-categoria” que combina bem consigo. Trata-se de um homem que “não representa a sua classe” porque transcende as fronteiras. Sua reação aos nativos africanos pode não ser sensível pelos nossos padrões modernos, mas ele é mais generoso do que os demais oficiais que estão nos postos da empresa. O contador-chefe quer livrar-se dos gritos de um homem negro que está morrendo, e que ele considera um tormento; a falta de respeito que ele sente pela vida dos africanos é evidente. Ao oferecer um biscoito ao jovem negro com o tecido branco, Marlow faz um gesto bondoso que tem um significado mais profundo. Parece tratar-se de um gesto de consideração, mas é também um gesto degradante. Marlow o faz porque é incapaz de pensar em algo diferente quando olha para os olhos vazios do rapaz. A ação é análoga à entrega de um

pedaço de carne a um cão, para que possa sentir-se satisfeito e recolher-se novamente no seu canto. A intenção de Marlow pode ser boa, mas ele é definitivamente um produto da sociedade em que foi criado. Imediatamente após o encontro com o jovem rapaz, ele encontra-se com o contador-chefe que está perfeitamente bem trajado, com o colarinho engomado, paletó e tudo o mais. Ele se refere ao homem como alguém “espantoso” e um “milagre”. Nesse momento podemos observar a distinção entre a selvageria e a civilização, ao menos pelos critérios de Marlow. A enunciação demonstra um tipo de adoração por esse homem como se fosse um herói. Seu colarinho engomado e suas abotoaduras são conquistas do caráter, e Marlow respeita-o nessas bases. Levando em conta o fator colonialista, entretanto, vemos a ironia amarga do autor: aqueles que parecem ser os mais civilizados nesse romance são na verdade os mais selvagens. De fato, a instituição do colonialismo é tida como um “demônio míope, débil e fingido”. Tudo o que ele toca torna-se azedo, o posto é um pesadelo administrativo e máquinas em decomposição estão largadas por toda parte. Marlow considera tudo isso como uma indicação de um trabalho sem ética, que ele despreza. Por essa razão ele se aproxima do afetado contador, que ao menos é um homem que trabalha duro. Os nativos são as pessoas mais afetadas, e Marlow, à sua moda vacilante, tenta relacionar-se com eles.

O sentido de tempo através do capítulo é altamente controlado. Conrad deixa de se ocupar com uma série de eventos, enquanto examina alguns outros em detalhe. Ele assim o faz para levantar suspeitas sobre os posicionamentos de Marlow. Note-se que ele descreve exaustivamente certos acontecimentos precursores como a visita ao médico e todos os diálogos que envolvem o misterioso personagem Kurtz. Assim, Marlow começa a demonstrar a sua obsessão por esse homem. A princípio, é algo sem muita dinâmica, e não inspira medo. Questões situadas com perfeição, como aquela sobre a história de alguma loucura na família, provocam o desejado efeito de alertar os leitores para circunstâncias suspeitas. O desdém que Marlow dedica a todos esses avisos cria alguma ironia dramática; fará que ele demore mais para chegar a uma conclusão que o leitor já alcançou. Um dos níveis do discurso e da comunicação nesse romance reside no fato de que Marlow está contando a história. Suas memórias têm uma qualidade nebulosa e onírica. A narrativa é certamente um exame do espírito humano. Como todas as histórias são subjetivas, devemos questionar a confiabilidade da narrativa e dos falantes. O narrador externo somente se refere àquilo que Marlow diz e faz. Todos

os demais são ignorados. Há, definitivamente, um filtro para selecionar as ocorrências. A percepção de Marlow sobre o ambiente africano, que se desdobra num tema mais amplo, ilustra essa idéia.

Até onde Kurtz está implicado, há uma comunicação incompleta; Marlow e o leitor o conhecem, e contudo não o conhecem realmente. Ele é obviamente descrito como uma personagem sinistra. As pessoas falam sobre ele de modo apressado e superficial, sempre fazendo elogios a ele. Todavia, o fato de que ninguém jamais tem algo negativo a dizer a respeito dele é suspeito, como se todos estivessem terrivelmente ansiosos para estar do seu lado, o lado bom das coisas. O retrato que está no quarto do fazedor de tijolos (na verdade o espião), de uma mulher vendada que segura uma tocha, sugere a fraqueza de Kurtz: o fato de que ele tenha mergulhado numa certa situação e esteja absorvido por ela, tanto quanto a mulher está absorvida nas trevas da pintura (com a exceção da tocha, que fornece luz insuficiente). Essa advertência deve ser mantida em mente para a análise dos capítulos seguintes.

Resumo da Parte II

Certa noite, enquanto estava deitado no convés de seu barco a vapor, Marlow escutou uma conversa entre o gerente e seu tio, o líder da expedição que chegara. Fragmentos da conversa indicam que estão falando a respeito de Kurtz. O gerente afirma que foi instruído a enviá-lo para lá. Eles dizem que sua influência é assustadora, e que ele está sozinho, já tendo mandado embora todos os seus auxiliares. A palavra “marfim” também é ouvida. Os dois homens estão tentando compreender de que modo todo esse marfim chegou até ali, e porque Kurtz não retornou ao Posto Central como deveria. Marlow acredita que esse fato permite que ele veja Kurtz como ele é pela primeira vez. O gerente e seu tio dizem que Kurtz e seu assistente precisam ser enforcados para servirem de exemplo, de modo que eles possam livrar-se da competição desleal. Percebendo que Marlow está próximo, eles param de falar.

Nos próximos dias, a expedição parte rio acima. Quando se aproximam do posto de Kurtz, Marlow sente-se entusiasmado com a possibilidade de encontrá-lo em breve. Para Marlow, navegar rio acima é como viajar no tempo rumo aos primórdios do mundo. Contudo, ele não sente qualquer alegria no nascer do sol. O passado volta

sempre para assaltá-lo neste rio. Há um certo silêncio ali que não se assemelha à paz. A natureza está viva e está observando Marlow. O capitão está preocupado com a possibilidade de arrancar o fundo de seu barco a vapor no leito do rio: isso seria uma desgraça para um homem do mar. Vinte canibais formam a sua tripulação. O gerente e alguns peregrinos também estão a bordo. Navegando de posto em posto, ouvem a palavra “marfim” ecoar. As árvores são imensas e fazem com que você se sinta pequeno. A terra parece irreal. Os homens são monstruosos, mas não são desumanos. Isso é o que assombra Marlow grandemente. Ele acredita que a mente do homem é capaz de qualquer coisa. Eles se arrastam no barco a vapor rumo a Kurtz. A embarcação chega a uma moradia deserta na margem. Marlow encontra um livro bem conservado sobre atividades náuticas. Há anotações nas margens numa língua que ele não consegue compreender. De volta ao barco, eles prosseguem.

A apenas oito milhas do posto de Kurtz, o gerente decide que eles vão ficar ancorados ali durante a noite. Há um grande silêncio. Na alvorada, um clamor de tristeza e de revolta selvagem enche o ar. Todos temem um ataque. Um dos membros negros da tripulação diz que os atacantes da selva deveriam ser entregues a eles para que fossem comidos. Marlow se espanta com a idéia de que ele e os demais companheiros negros ainda não tenham sido comidos. O gerente demonstra uma preocupação insincera de que algo pode ter já ocorrido a Kurtz. Marlow não acredita que haverá um ataque. A floresta e o nevoeiro parecem impenetráveis. Ninguém acredita nele. Alguns homens desembarcam para investigar a margem. Ouve-se um som de batidas surdas: são setas que voam! O timoneiro da embarcação entra em pânico e não consegue manejar o leme apropriadamente. A tripulação atira com rifles nos arbustos. Um homem negro, o timoneiro, é atingido por uma lança e cai aos pés de Marlow. O homem agonizante tenta dizer algo, mas morre antes de conseguir pronunciar alguma palavra. Marlow acredita que Kurtz deve ter morrido nesse ataque. Ele sente um imenso desapontamento: conversar com aquele homem mítico havia se tornado um ponto de grande interesse. Num momento de angústia, Marlow joga nas águas do rio os seus sapatos ensopados com o sangue do timoneiro. Porém, o narrador revela que o privilégio de conversar com Kurtz ainda o aguardava. Marlow relata que Kurtz mencionara uma moça, e de como a sua cabana estava abarrotada de marfim. Kurtz posicionara-se como o “demônio da floresta”. Originalmente, ele fora bem

educado, mas tornou-se inteiramente identificado com os nativos da África, participando de rituais e ritos. Kurtz é qualquer coisa, exceto um homem comum. De volta à batalha, Marlow joga no rio o corpo do timoneiro morto. Após um funeral bem simples, o barco a vapor continua o seu percurso. Milagrosamente, eles avistam o posto de Kurtz, que já tinham dado por perdido. Enxergam a figura de um homem que se parece com um Arlequim. Esse homem informa que Kurtz está ali, e os assegura que eles não precisam temer os nativos, que são pessoas simples. Ele fala com Marlow, apresentando-se como um russo. O livro que Marlow achara anteriormente pertence a ele, e fica feliz por recebê-lo de volta. O russo afirma que o navio foi atacado porque os nativos não queriam que Kurtz partisse com a sua tripulação, pois ele havia contribuído para abrir a mente de todos.

Análise da Parte II

É importante notar que mesmo na floresta caótica, existe um senso distorcido de moralidade. Quando o gerente e seu tio discutem a situação de Kurtz, mostram-se dispostos a fazer qualquer coisa que o leve, ou o seu assistente russo, a ser enforcado, de modo que o campo de negociações seja mais vantajoso para eles, uma vez que “qualquer coisa pode ser feita aqui no interior”. Ambos ainda mantêm um senso de legalidade, mas os componentes mais primitivos de suas personalidades controlam as suas intenções. Assim, a lei da civilização européia é descartada e em seu lugar uma existência de maior vigilância é assumida. A revelação de uma tal natureza predatória aponta para o tema de uma selvageria instilada. Muitos romances modernos se inspiram nesse aspecto do trabalho de Conrad. Há uma conexão integral entre mente, corpo e natureza. Novamente, contudo, as linhas divisórias entre o civilizado e o selvagem não são nítidas, e ambos se misturam. Esses dois homens apresentam uma solução bastante selvagem para um problema civilizado de competição econômica. O Congo provoca um efeito metafórico sobre os europeus. Marlow observa o maldoso tio do gerente quando esse “estendeu o seu bracinho de nadadeira num gesto que envolveu a floresta, o canal, o lodo, o rio — parecia acenar com um floreio desavergonhado para a face ensolarada da terra, num apelo traiçoeiro à morte que espreitava, ao mal oculto, às trevas profundas do seu coração”. Este é um dos poucos momentos em que um homem branco é animalizado.

A terra é uma entidade vivente, que possui o potencial de criar o mal. As propriedades observadas pelo gerente são todas completamente falsas. Marlow parte dessa constatação para ilustrar o vazio daquele homem. Conrad está na verdade fazendo um comentário sobre a natureza humana. Um dos mais desesperadores pensamentos íntimos de Marlow é imaginar que as tendências “monstruosas” dos negros “canibais” não são desumanas; o homem branco também as possui, embora manifestadas de diferentes modos. A terra africana a todos reduz à mesma realidade. Naquele lugar, tudo o que importa é determinação e perspicácia. A natureza ali envolve todos os seus habitantes na mesma cilada. Enquanto viaja, Marlow parece delirar; a jornada traz o passado da humanidade, amplia-o e distorce-o até que isso se torna uma paranóia incontrollável de que ele esteja sendo vigiado. A narrativa da história ganha um tom de uma busca épica que é maior do que a vida. Existe um silêncio grávido de algo e uma falência dos sentidos. Marlow parece estar viajando profundamente para dentro de sua própria mente. O seu interesse fanático pelo funcionamento perfeito das coisas evidencia-se quando afirma que arrancar o casco de um navio no leito de um rio é pecaminoso. A linguagem religiosa demonstra o pânico crescente próximo de seu clímax. Essa paranóia, por sua vez, diminui o sentido de realidade, deixando-o entregue à procura de um sentido de verdade e estabilidade. Isso, em parte, ajuda a explicar a sua obsessão por Kurtz. Por trás do mito dessa figura misteriosa deve existir uma pessoa real. Kurtz é a entidade mais lógica em que Marlow pode se concentrar. Estar perdido desse modo, entretanto, não parece ser algo tão terrível.

A inferioridade dos nativos é um traço que percorre a história. A respeito do foguista da embarcação, Marlow ressalta que “ele estava bem ali, embaixo de mim, e, dou a minha palavra, olhar para ele era tão edificante quanto olhar para um cão numa paródia de calções”. A posição física do corpo corresponde a um estado mental e social. O autor cria um sentido daquilo que poderia ser chamado de inferioridade inerente dos negros; em todos os aspectos possíveis eles são subservientes ao homem branco, e até mesmo o fato de vê-los vestindo calças é nada mais que uma piada distorcida. O momento em que um nativo realmente fala é aquele em que a embarcação se aproxima de uma escaramuça, pouco antes do ataque, e tudo o que ele tem a dizer é que se os nativos atacantes fossem aprisionados a tripulação faria com eles a sua refeição. Mais que nada o comentário é hilariante. Um ataque está para ocorrer e esse homem está preocupado com a

comida? É a forma com que a mão oculta do autor demonstra a simplicidade dos nativos. O narrador não pode compreender porque os homens brancos não podem ser comidos. Ele não pode creditar aos negros nenhuma inteligência além do instinto. Durante a batalha, um nativo é atingido diante dos olhos de Marlow e do gerente geral: “afirmo que era como se ele fosse em breve nos fazer alguma pergunta numa linguagem compreensível, mas ele morreu sem expressar um único som”. Nunca há nenhum tipo de compreensão a respeito dos negros. Eles são sempre avaliados e silenciados antes que possam falar. Marlow sente uma afinidade real para com esse membro “selvagem” da tripulação, que por sua vez o considera acima de todos os demais brancos. Todavia, Marlow também negligencia o pobre homem. O seu comportamento a respeito do timoneiro morto parece mais apropriado a uma máquina do que a uma pessoa.

A imagem de Kurtz torna-se mais enigmática nesse capítulo, e retornamos ao tema das vozes e da comunicação.

A comunicação falha quando Marlow não pode decifrar o livro e quando o bilhete tem um aviso incompleto. A obsessão que Marlow tem por Kurtz chega ao cume. A oportunidade de conversar com ele tornara-se a única razão do avanço de Marlow através da floresta. O fato de personagens autoritários, como o gerente geral, não gostarem de Kurtz, faz com que o leitor esteja mais receptivo a gostar dele. Note-se que Marlow e Kurtz são os únicos dois personagens da história inteira que têm nomes. Todos os demais têm apenas cargos ou títulos, estão, portanto, desumanizados. Essa é uma forma eficaz de desenhar um relacionamento entre os dois personagens mesmo antes de eles se encontrarem. Assim que Marlow acredita que Kurtz está morto, a sua presença começa a dominá-lo mais intensamente. Marlow ouve a sua voz, enxerga-o em ação. Kurtz é mais forte até mesmo que a morte. A razão pela qual Kurtz afeta Marlow tão profundamente é o fato de que foi capaz de dar as costas às suas origens, tornando-se, essencialmente, um nativo. Isso demonstra que há muito mais na personalidade de Marlow do que aquilo que se vê. Ele não é o europeu comum. O leitor compreende que o retrato mais apurado de Marlow surgirá quando ele estiver interagindo com Kurtz.

Resumo da Parte III

Marlow está espantado com as palavras do russo. Ele começa a tecer uma idéia mais clara da personalidade de Kurtz. O russo afirma que ele foi tão longe que não sabe se algum dia poderá retornar. Aparentemente, ele esteve sozinho com Kurtz durante muitos meses. O seu senso de aventura era puro, e o *glamour* fazia-o avançar. O russo recorda-se da primeira noite que conversou com Kurtz; esqueceu-se de dormir de tanto entusiasmo. Kurtz fez com que ele “enxergasse as coisas”. Ele cuidou desse grande homem durante a enfermidade e acompanhou-o em suas explorações às aldeias. Kurtz atacou o interior com a cooperação das tribos que estavam próximas; os nativos o adoravam. Ele se lançava durante semanas na busca de marfim, esquecendo-se de si mesmo. O russo não acredita que Kurtz seja um louco. Mesmo quando esse aventureiro de olhos brilhantes foi mandado embora pelo seu mentor, recusou-se a partir. Kurtz desceu o rio sozinho para sair novamente em busca de marfim. Sua enfermidade piorou, então o russo reuniu-se a ele para cuidar de sua saúde. Agora Kurtz encontra-se deitado em uma cabana cercado por cabeças espetadas em estacas. Marlow não está chocado com aquela visão. Ele considera que isso é apenas uma evidência de que Kurtz não tem limites quando se trata de gratificar os seus impulsos, um comportamento causado pelas circunstâncias da vida selvagem da floresta. Marlow conclui que Kurtz deve ser vazio por dentro e precisava de algo para preencher esse vazio. O russo está perturbado pela atitude cética de Marlow. Ele já ouviu o suficiente a respeito das cerimônias que envolvem esse homem tão reverenciado.

De súbito, um grupo de homens aparece em torno da casa. Eles carregam a maca em que se deita o moribundo Kurtz. Ele parece estar desolado e pede aos nativos que o deixem. Os peregrinos o levam até uma outra cabine e lhe entregam a correspondência que viera do continente. Com uma voz enfraquecida ele diz que está feliz por encontrar-se com Marlow. O gerente vem para conversar com ele em particular. Aguardando no barco, ao lado do russo, Marlow espiona a “aparição” de uma linda mulher. Ela brilha com seus adornos de ouro, e ao mesmo tempo parece selvagem. Ela anda na direção da beira do rio e mantém os olhos no barco a vapor. Ela gesticula violentamente na direção do céu, volta-se e desaparece na densa floresta. O russo, que se parece com um Arlequim, teme a mulher. Eles ouvem um trecho da conversa de Kurtz com o gerente,

dizendo que ele está atrapalhando seus planos. O gerente sai. Levando Marlow para um canto, afirma que tudo fizeram pelo bem de Kurtz, mas que ele trouxe mais prejuízo do que benefícios para a Companhia. Suas ações foram “vigorosas demais” para o momento. Marlow não concorda que os métodos de Kurtz eram doentios. Para ele, Kurtz é um homem notável, e, de algum modo, um amigo. Marlow diz ao russo que escape antes de ser enforcado; ele diz que protegerá a reputação de Kurtz. Foi Kurtz quem ordenou o ataque ao vapor. Ele não queria ser levado dali, e pensou em fingir a própria morte.

Enquanto Marlow cochila, o som dos tambores e encantamentos enchem o ar. Ele olha para dentro da cabine onde Kurtz está abrigado, e descobre que ele sumiu. Marlow encontra as suas pegadas e o segue. Eles se vêem cara a cara. Kurtz informa que ele tem planos. Marlow responde que a sua boa imagem na Europa está assegurada; ele conclui que a alma desse homem enlouqueceu. Marlow consegue trazer Kurtz de volta à cabine. A embarcação parte no dia seguinte em meio a uma multidão de nativos. Kurtz é trazido para dentro da cabine de comando. Eles descem o rio, saindo do coração das trevas. A vida de Kurtz está no fim. Marlow é estigmatizado pelo gerente, sendo classificado como alguém que está do lado de Kurtz. O gerente agora está satisfeito. Marlow ouve por muito o que Kurtz tem a dizer, ao pé do seu leito. Ele aceita ficar responsável por um pacote de documentos e uma fotografia, que ele deve manter a distância do gerente. Algumas noites mais tarde, Kurtz morre, com uma frase em seus lábios: “O horror!”

Marlow volta para a Europa, mas está obcecado com as recordações de seu amigo. Não se importa com coisa alguma com que se defronta. O gerente pede-lhe os papéis que Kurtz lhe confiara. Marlow entrega os papéis de natureza técnica, mas não entrega as cartas pessoais e a fotografia. Tudo o que resta de Kurtz é a sua memória e aquela foto de sua amada. Para Marlow, Kurtz ainda parece estar vivo. Ele resolve visitar a mulher da fotografia. Ela o recebe bem. Ela passara o último ano num grande e pesaroso silêncio. Marlow percebe a sua dor. Ela fala da habilidade espantosa que Kurtz tinha para atrair as pessoas graças à sua eloquência. A mulher afirma que será infeliz para o resto da vida. Marlow diz que eles podem sempre lembrar-se dele. Ela expressa a sua necessidade desesperada de preservar a memória dele viva, e culpa-se por não ter estado com ele quando morreu. Quando a mulher pede a Marlow que lhe diga quais foram as últimas palavras de Kurtz antes de morrer, ele mente, dizendo que foi o nome dela. A mulher chora, mas sente-se vitoriosa.

Marlow considera que a verdade seria sombria demais. De volta ao iate, no Tâmbisa, uma tranqüila hidrovia conduz ao coração das trevas.

Análise da Parte III

O russo tem a melhor definição: “Eu fui um pouco mais longe, ainda. Eu tinha ido tão longe que não sabia se poderia retornar algum dia”. O russo e Marlow são o mesmo, ambos buscando a epifania e a iluminação.

É fascinante que Kurtz seja o personagem com o caráter mais forte do romance, muito embora isso não fique claro até o final da história. O autor está estabelecendo um desafio; melhor do que descrever Kurtz diretamente, ele fornece diversas pistas que precisamos reunir para compreendê-lo. A primeira conversa que o russo tem com o seu mentor, a respeito de “tudo” o que há na vida, incluindo o amor, aponta para um homem que é sensível e introspectivo. Kurtz fala em línguas selvagens e civilizadas. Sua eloquência é o seu trunfo, porque ele disfarça a sua escuridão de pessoas mais puras como é o caso do russo. A mulher na Europa que chora por ele fala de um coração generoso, uma mente nobre e grandeza. As impressões dessas duas pessoas, contudo, contrastam fortemente com a opinião de pessoas como o gerente, que diz que Kurtz estava coletando marfim de modo antiético, explorando os nativos. A perspectiva do leitor é dada através das percepções de Marlow. Por aquilo que ele vê e relata, o leitor acredita que toda a história é verdadeira. Contudo, Marlow não vê Kurtz como alguém que faz o mal aos nativos, em virtude de suas intenções. Pessoas como o gerente apenas se importam em cumprir a sua cota de remessa de marfim e tornar-se ricas. Enquanto Kurtz, se é fato que ele está sendo consumido com a sua busca pelo marfim (seu rosto e seu corpo são descritos em termos desse recurso precioso), Conrad não fornece nenhuma evidência que ele esteja apegado ao aspecto material dessa busca; sua casa e sua existência são extremamente simples, apesar de todo o marfim que ele já descobriu. Se o dinheiro e a fama eram as únicas entidades importantes, ele poderia ter retornado para a Inglaterra há muito tempo. O russo afirma que Kurtz perder-se-ia em meio às pessoas. As cabeças espetadas em estacas em torno de sua casa demonstram a falta de limites “na gratificação de seus muitos desejos”. Aparentemente, o tempo vivido no Congo foi um tempo para deixar

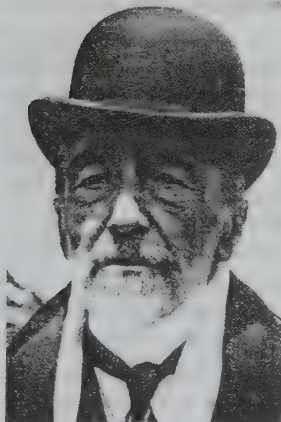
fluir as suas paixões e apetites, sem freios, um tempo em que o passado já não mais importa. Inegavelmente, esse é um tipo de doença. A imagem de Kurtz em seu leito de morte, abrindo bem a sua boca, dá a ele um “aspecto voraz”, como se ele quisesse absorver e engolir tudo. A sua necessidade de planejar e realizar, consumiu a sua mente e o seu espírito. É um caso notável de colonialismo oblíquo: “a selva descobrira-o cedo, e lograra sobre ele uma terrível vingança pela fantástica invasão”. A curiosidade que conduz à exploração, pode também conduzir, mais tragicamente, à perda da identidade. Neste ponto reside uma mensagem sociopolítica por trás do romance, uma mensagem de prudência, para que não queiramos controlar algo que originalmente não é parte de nós, para que esse algo não acabe, na verdade, nos controlando.

Marlow não condena Kurtz porque tem pena dele; sente-se solidário à sua existência torturada. Essa é também a reação do leitor. O momento em que Marlow ergue-se entre Kurtz e um homem com chifres e aparência demoníaca, é crítico. Essa figura representa a morte e a escuridão de Kurtz, e ele somente escapa à completa desolação porque Marlow está lá para auxiliá-lo. Marlow alia-se lealmente a Kurtz porque seus demônios são muito piores do que aqueles do gerente ou os dos peregrinos. Ele claramente precisa de ajuda. A despeito das tristes circunstâncias, todavia, existe uma narrativa subterrânea na história que silenciosamente afirma que Kurtz recebe o que merece. A devoção demonstrada a ele da parte dos nativos, ilustra um relacionamento quase recíproco entre eles. Enquanto, por um lado, eles ajudam Kurtz sem compreender os benefícios materiais por trás do marfim, deixa claro que Kurtz gosta de ser parte deles, tanto quanto eles gostam de tê-lo em seu meio. Kurtz é sem dúvida o personagem menos preconceituoso do livro, o que é um grande elogio a ele perante os olhos do leitor moderno. Infelizmente, ele se perde, desprendendo-se de tudo o que é terreno. A alma de Kurtz atravessou fronteiras proibidas porque somente concentrou-se em si mesma. Ele morre vítima de um grande sofrimento por dois motivos: porque seus trabalhos obsessivos não puderam ser completados, e porque sua alma foi vendida. O “horror” que ele pronuncia em seu leito de morte é um julgamento sobre o seu próprio modo de viver a vida. Podemos definitivamente perceber que Marlow teria o mesmo fim de Kurtz, caso permanecesse no Congo. A selvageria certamente iria se infiltrar na sua alma. Houve um momento em que ele não conseguia distinguir a diferença entre as batidas do tambor e as

batidas de seu próprio coração. Parece que ele escapou bem a tempo. A mentira contada por Marlow no final é ao mesmo tempo cruel e compassiva, pois se por um lado a mulher sente-se confortada, por outro lado continuará acreditando numa ilusão. Ela nunca saberá no que Kurtz se transformara. Como Marlow afirma, a verdade seria sombria demais para ser contada. Verdadeiramente, o seu terrível declínio dá-se em vão, se ninguém aprende com ele. Esse é exatamente o ponto de Marlow contar a história às pessoas que estão a bordo do iate no Tâmis. O rio, que já conduziu à civilização, agora conduz à escuridão.



Joseph Conrad*



Tensões antagônicas afloram na obra de Conrad: idealista generoso, ele deixa entrever um conservadorismo político sem ilusões quanto à possibilidade de progresso; a seu amor à ordem e às instituições soma-se o fascínio pela figura do pária; e seus heróis solidários só encontram por fim uma absoluta solidão.

Józef Teodor Konrad Korzeniowski nasceu em Berdichev, então Polônia e hoje Ucrânia, em 3 de dezembro de 1857. Filho do poeta Apollo Korzeniowski, patriota ardoroso e tradutor de Shakespeare, aos 17 anos foi para Marselha tentar a vida como marinheiro. Em 1878 mudou-se para a Inglaterra, onde fez carreira na marinha mercante, e oito anos mais tarde naturalizou-se inglês. Viajou pelo Pacífico e esteve no Congo. Aposentou-se em 1893 como comandante e desde então dedicou-se apenas à literatura.

* Fonte: Nova Enciclopédia Barsa, São Paulo, 1997.

Escrevendo para fixar o que conhecera em suas viagens e, sobretudo, como ele mesmo disse no prefácio de *The Nigger of the Narcissus* (1897; *O Negro do Narciso*), para fazer-nos “ouvir, sentir e ver” por meio da força da palavra escrita, Conrad tornou-se um dos grandes estilistas da língua inglesa, que só começou a usar depois de adulto e nunca conseguiu falar com absoluta fluência.

O equívoco de considerá-lo um autor menor de narrativas exóticas, que perdurou por algum tempo deve-se ao fato de suas primeiras obras serem ambientadas no mar ou em ilhas da Indonésia. Entre essas estão *Almayer's Folly* (1895; *A loucura de Almayer*), *An Outcast of the Islands* (1896; *Um pária das ilhas*), *Lord Jim* (1900), *Youth* (1902; *Juventude*) *Typhoon* (1903; *Tufão*). Inspirado pela visita ao Congo escreveu a novela *The Heart of Darkness* (1902; *O coração das trevas*).

Conrad serviu-se de sua experiência para melhor situar problemas gerais do ser humano. Acreditava que o isolamento da vida de bordo e as horas de extrema provação eram propícios aos mergulhos na alma, nos quais o homem se revelaria por inteiro. Em *Almayer's Folly* e *An Outcast of the Islands* ele fala dos europeus fracassados que encontrou em ilhas remotas. *Lord Jim* é o romance trágico do marinheiro que malogra em face de seus deveres. *The Heart of Darkness*, em que a África é evocada por analogia com o mundo interior de cada pessoa, narra o drama da destruição moral de um europeu perdido entre os selvagens do Congo, cuja realidade brutal e sofrida é descrita em traços fiéis.

Uma das obras mais importantes de Conrad é *Nostromo* (1904), história de revoluções e politicagem numa república latino-americana. A idéia central do romance é a corrupção à qual os personagens são levados por seus próprios ideais e ambições, que giram em torno da prata — única riqueza da nação. Conrad escreveu outros romances de tema centrado na política, como *The Secret Agent* (1907; *O agente secreto*) e *Under Western Eyes* (1911; *Sob os olhos ocidentais*), que com grande ironia tratam de revolucionários russos, polícia e agentes provocadores em Londres e na Suíça. Nessas obras, o pessimismo do autor vê em todo idealismo o germe da corrupção e apresenta uma imagem desoladora da natureza humana por meio da análise de seus personagens.

Conrad, como Henry James, recorreu ao *flashback*. Sua obra mais complexa é *Chance* (1914; *A força do acaso*), na qual adota a narração indireta, como já fizera em *Heart of Darkness*, conduzida

por narradores fictícios que só conhecem parte da história e assim sempre deixam, como na vida real, algo inexplicado. Joseph Conrad morreu em Canterbury, Kent, Inglaterra, em 3 de agosto de 1924.



OS OBJETIVOS, A FILOSOFIA E A MISSÃO DA EDITORA MARTIN CLARET

O principal Objetivo da MARTIN CLARET é continuar a desenvolver uma grande e poderosa empresa editorial brasileira, para melhor servir a seus leitores.

A Filosofia de trabalho da MARTIN CLARET consiste em criar, inovar, produzir e distribuir, sinergicamente, livros da melhor qualidade editorial e gráfica, para o maior número de leitores e por um preço economicamente acessível.

A Missão da MARTIN CLARET é conscientizar e motivar as pessoas a desenvolver e utilizar o seu pleno potencial espiritual, mental, emocional e social.

A MARTIN CLARET está empenhada em contribuir para a difusão da educação e da cultura, por meio da democratização do livro, usando todos os canais ortodoxos e heterodoxos de comercialização.

A MARTIN CLARET, em sua missão empresarial, acredita na verdadeira função do livro: o livro muda as pessoas.

A MARTIN CLARET, em sua vocação educacional, deseja, por meio do livro, claretizar, otimizar e iluminar a vida das pessoas.

Revolucione-se: leia mais para ser mais!

MARTIN  CLARET

RELAÇÃO DOS VOLUMES PUBLICADOS

1. DOM CASMURRO
Machado de Assis
2. O PRÍNCIPE
Maquiavel
3. MENSAGEM
Fernando Pessoa
4. O LOBO DO MAR
Jack London
5. A ARTE DA PRUDÊNCIA
Baltasar Gracián
6. IRACEMA / CINCO MINUTOS
José de Alencar
7. INOCÊNCIA
Visconde de Taunay
8. A MULHER DE 30 ANOS
Honoré de Balzac
9. A MORENINHA
Joaquim Manuel de Macedo
10. A ESCRAVA ISaura
Bernardo Guimarães
11. AS VIAGENS - "IL MILIONE"
Marco Polo
12. O RETRATO DE DORIAN GRAY
Oscar Wilde
13. A VOLTA AO MUNDO EM 80 DIAS
Júlio Verne
14. A CARNE
Júlio Ribeiro
15. AMOR DE PERDIÇÃO
Camilo Castelo Branco
16. SONETOS
Luís de Camões
17. O GUARANI
José de Alencar
18. MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE
BRÁS CUBAS
Machado de Assis
19. LIRA DOS VINTE ANOS
Alvares de Azevedo
20. APOLOGIA DE SÓCRATES /
BANQUETE
Platão
21. A METAMORFOSE/CARTA A MEU
PAI/UM ARTISTA DA FOME
Franz Kafka
22. ASSIM FALOU ZARATUSTRA
Friedrich Nietzsche
23. TRISTE FIM DE
POLICARPO QUARESMA
Lima Barreto
24. A ILUSTRE CASA DE RAMIRES
Eça de Queirós
25. MEMÓRIAS DE UM
SARGENTO DE MILÍCIAS
Manuel Antônio de Almeida
26. ROBINSON CRUSÓE
Daniel Defoe
27. ESPUMAS FLUTUANTES
Castro Alves
28. O ATENEU
Raul Pompéia
29. O NOVIÇO / O JUIZ DE PAZ NA
ROÇA / QUEM CASA QUER CASA
Martins Pena
30. A RELÍQUIA
Eça de Queirós
31. O JOGADOR
Dostoiévski
32. HISTÓRIAS EXTRAORDINÁRIAS
Edgar Allan Poe
33. OS LUSÍADAS
Luís de Camões
34. AS AVENTURAS DE TOM SAWYER
Mark Twain
35. BOLA DE SEBO E OUTROS CONTOS
Guy de Maupassant
36. A REPÚBLICA
Platão
37. ELOGIO DA LOUCURA
Erasmus de Rotterdam
38. CANINOS BRANCOS
Jack London
39. HAMLET
William Shakespeare
40. A UTOPIA
Thomas More
41. O PROCESSO
Franz Kafka
42. O MÉDICO E O MONSTRO
Robert Louis Stevenson
43. ECCE HOMO
Friedrich Nietzsche
44. O MANIFESTO DO PARTIDO
COMUNISTA
Marx e Engels
45. DISCURSO DO MÉTODO / REGRAS
PARA A DIREÇÃO DO ESPÍRITO
René Descartes
46. DO CONTRATO SOCIAL
Jean-Jacques Rousseau
47. A LUTA PELO DIREITO
Rudolf von Ihering
48. DOS DELITOS E DAS PENAS
Cesare Beccaria
49. A ÉTICA PROTESTANTE E O
ESPÍRITO DO CAPITALISMO
Max Weber
50. O ANTICRISTO
Friedrich Nietzsche
51. OS SOFRIMENTOS DO
JOVEM WERTHER
Goethe
52. AS FLORES DO MAL
Charles Baudelaire
53. ÉTICA A NICÔMACO
Aristóteles
54. A ARTE DA GUERRA
Sun Tzu
55. IMITAÇÃO DE CRISTO
Tomás de Kempis
56. CÂNDIDO OU O OTIMISMO
Voltaire
57. REI LEAR
William Shakespeare
58. FRANKENSTEIN
Mary Shelley
59. QUINCAS BORBA
Machado de Assis
60. PEDRO
Platão
61. POLÍTICA
Aristóteles
62. A VIUVINHA / ENCARNAÇÃO
José de Alencar
63. AS REGRAS DO MÉTODO
SOCIOLÓGICO
Emile Durkheim
64. O CÃO DOS BASKERVILLES
Sir Arthur Conan Doyle
65. CONTOS ESCOLHIDOS
Machado de Assis
66. DA MORTE / METAFÍSICA DO AMOR /
DO SOFRIMENTO DO MUNDO
Arthur Schopenhauer
67. AS MINAS DO REI SALOMÃO
Henry Rider Haggard
68. MANUSCRITOS
ECONÔMICO-FILOSÓFICOS
Karl Marx
69. UM ESTUDO EM VERMELHO
Sir Arthur Conan Doyle
70. MEDITAÇÕES
Marco Aurélio
71. A VIDA DAS ABELHAS
Maurice Maeterlinck
72. O CORTIÇO
Aluísio Azevedo
73. SENHORA
José de Alencar
74. BRÁS, BEXIGA E BARRA
FUNDA / LARANJA DA CHINA
Antônio de Alcântara Machado
75. EUGÊNIA GRANDET
Honoré de Balzac
76. CONTOS GAUCHESCOS
João Simões Lopes Neto
77. ESAÚ E JACÓ
Machado de Assis
78. O DESESPERO HUMANO
Sören Kierkegaard
79. DOS DEVERES
Cícero
80. CIÊNCIA E POLÍTICA
Max Weber
81. SATÍRICON
Petrônio
82. EU E OUTRAS POESIAS
Augusto dos Anjos
83. FARSA DE INÊS PEREIRA / AUTO DA
BARCA DO INFERNO / AUTO DA ALMA
Gil Vicente
84. A DESOBEDIÊNCIA CIVIL
E OUTROS ESCRITOS
Henry David Thoreau
85. PARA ALÉM DO BEM E DO MAL
Friedrich Nietzsche
86. A ILHA DO TESOURO
R. Louis Stevenson
87. MARILIA DE DIRCEU /
CARTAS CHILENAS
Tomás A. Gonzaga
88. AS AVENTURAS DE PINÓQUIO
Carlo Collodi
89. SEGUNDO TRATADO
SOBRE O GOVERNO
John Locke
90. AMOR DE SALVAÇÃO
Camilo Castelo Branco
91. BROQUÊIS/FAROIS/ÚLTIMOS
SONETOS
Cruz e Souza
92. I-JUCA-PIRAMA / OS TIMBIRAS /
OUTROS POEMAS
Gonçalves Dias
93. ROMEU E JULIETA
William Shakespeare
94. A CAPITAL FEDERAL
Arthur Azevedo
95. DIÁRIO DE UM SEDUTOR
Sören Kierkegaard
96. CARTA DE PERO VAZ
CAMINHA A EL-REI SOBRE O
ACHAMENTO DO BRASIL
97. CASA DE PENSÃO
Aluísio Azevedo
98. MACBETH
William Shakespeare
99. ÉDIPUS REI/ANTÍGONA
Sófocles
100. LUCÍOLA
José de Alencar
101. AS AVENTURAS DE
SHERLOCK HOLMES
Sir Arthur Conan Doyle
102. BOM-CRIÓULO
Adolfo Caminha
103. HELENA
Machado de Assis
104. POEMAS SATÍRICOS
Gregório de Matos

105. ESCRITOS POLÍTICOS /
A ARTE DA GUERRA
Maquiavel
106. UBIRAJARA
José de Alencar
107. DIVA
José de Alencar
108. EURICO, O PRESBITERO
Alexandre Herculano
109. OS MELHORES CONTOS
Lima Barreto
110. A LUNETA MÁGICA
Joaquim Manuel de Macedo
111. FUNDAMENTAÇÃO DA METAFÍSICA
DOS COSTUMES E OUTROS
ESCRITOS
Immanuel Kant
112. O PRÍNCIPE E O MENDIGO
Mark Twain
113. O DOMÍNIO DE SI MESMO PELA
AUTO-SUGESTÃO CONSCIENTE
Emile Coué
114. O MULATO
Aluísio Azevedo
115. SONETOS
Florbela Espanca
116. UMA ESTADIA NO INFERNO /
POEMAS / CARTA DO VIDENTE
Arthur Rimbaud
117. VÁRIAS HISTÓRIAS
Machado de Assis
118. FÉDON
Platão
119. POESIAS
Olavo Bilac
120. A CONDUTA PARA A VIDA
Ralph Waldo Emerson
121. O LIVRO VERMELHO
Mao Tsé-Tung
122. ORAÇÃO AOS MOÇOS
Rui Barbosa
123. OTELO, O MOURO DE VENEZA
William Shakespeare
124. ENSAIOS
Ralph Waldo Emerson
125. DE PROFUNDIS / BALADA
DO CÁRCERE DE READING
Oscar Wilde
126. CRÍTICA DA RAZÃO PRÁTICA
Immanuel Kant
127. A ARTE DE AMAR
Ovídio Naso
128. O TARTUFO OU O IMPOSTOR
Molière
129. METAMORFOSES
Ovídio Naso
130. A GAIA CIÊNCIA
Friedrich Nietzsche
131. O DOENTE IMAGINÁRIO
Molière
132. UMA LÁGRIMA DE MULHER
Aluísio Azevedo
133. O ÚLTIMO ADEUS DE
SHERLOCK HOLMES
Sir Arthur Conan Doyle
134. CANUDOS - DIÁRIO DE UMA
EXPEDIÇÃO
Euclides da Cunha
135. A DOCTRINA DE BUDA
Siddhartha Gautama
136. TAO TE CHING
Lao-Tsé
137. DA MONARQUIA / VIDA NOVA
Dante Alighieri
138. A BRASILEIRA DE PRAZINS
Camilo Castelo Branco
139. O VELHO DA HORTA/QUEM TEM
FARELOS?/AUTO DA ÍNDIA
Gil Vicente
140. O SEMINARISTA
Bernardo Guimarães
141. O ALIENISTA
Machado de Assis
142. SONETOS
Manuel du Bocage
143. O MANDARIM
Eça de Queirós
144. NOITE NA TAVERNA/MACÁRIO
Álvares de Azevedo
145. VIAGENS NA MINHA TERRA
Almeida Garret
146. SERMÕES ESCOLHIDOS
Padre Antonio Vieira
147. OS ESCRAVOS
Castro Alves
148. O DEMÔNIO FAMILIAR
José de Alencar
149. A MANDRÁGORA /
BELFAGOR, O ARQUIDIABO
Maquiavel
150. O HOMEM
Aluísio Azevedo
151. ARTE POÉTICA
Aristóteles
152. A MEGERA DOMADA
William Shakespeare
153. ALCESTE/ELECTRA/HIPÓLITO
Eurípides
154. O SERMÃO DA MONTANHA
Huberto Rohden
155. O CABELEIRA
Franklin Távora
156. RUBÁIYÁT
Omar Khayyám
157. LUZIA-HOMEM
Domingos Olímpio
158. A CIDADE E AS SERRAS
Eça de Queirós
159. A RETIRADA DA LAGUNA
Visconde de Taunay
160. A VIAGEM AO CENTRO DA TERRA
Júlio Verne
161. CARAMURU
Frei Santa Rita Durão
162. CLARA DOS ANJOS
Lima Barreto
163. MEMORIAL DE AIRES
Machado de Assis
164. BHAGAVAD GITA
Krishna
165. O PROFETA
Khalil Gibran
166. AFORISMOS
Hipócrates
167. KAMA SUTRA
Vatsyayana
168. O LIVRO DA JANGAL
Rudyard Kipling
169. DE ALMA PARA ALMA
Huberto Rohden
170. ORAÇÕES
Cícero
171. SABEDORIA DAS PARÁBOLAS
Huberto Rohden
172. SALOMÉ
Oscar Wilde
173. DO CIDADÃO
Thomas Hobbes
174. PORQUE SOFREMOS
Huberto Rohden
175. EINSTEIN: O ENIGMA DO UNIVERSO
Huberto Rohden
176. A MENSAGEM VIVA DO CRISTO
Huberto Rohden
177. MAHATMA GANDHI
Huberto Rohden
178. A CIDADE DO SOL
Tommaso Campanella
179. SETAS PARA O INFINITO
Huberto Rohden
180. A VOZ DO SILÊNCIO
Helena Blavatsky
181. FREI LUÍS DE SOUSA
Almeida Garrett
182. FÁBULAS
Esopo
183. CÂNTICO DE NATAL/
OS CARRILHÕES
Charles Dickens
184. CONTOS
Eça de Queirós
185. O PAI GORIOT
Honoré de Balzac
186. NOITES BRANCAS
E OUTRAS HISTÓRIAS
Dostoiévski
187. MINHA FORMAÇÃO
Joaquim Nabuco
188. PRAGMATISMO
William James
189. DISCURSOS FORENSES
Enrico Ferri
190. MEDEIA
Eurípides
191. DISCURSOS DE ACUSAÇÃO
Enrico Ferri
192. A IDEOLOGIA ALEMÃ
Marx & Engels
193. PROMETEU ACORRENTADO
Esquilo
194. LAIÁ GARCIA
Machado de Assis
195. DISCURSOS NO INSTITUTO DOS
ADVOGADOS BRASILEIROS /
DISCURSO NO COLÉGIO
ANCHIETA
Rui Barbosa
196. ÉDIPUS EM COLONO
Sófocles
197. A ARTE DE CURAR PELO ESPÍRITO
Joel S. Goldsmith
198. JESUS, O FILHO DO HOMEM
Khalil Gibran
199. DISCURSO SOBRE A ORIGEM E
OS FUNDAMENTOS DA
DESIGUALDADE ENTRE OS
HOMENS
Jean-Jacques Rousseau
200. FÁBULAS
La Fontaine
201. O SONHO DE UMA NOITE
DE VERÃO
William Shakespeare
202. MAQUIAVEL, O PODER
José Nivaldo Junior
203. RESSURREIÇÃO
Machado de Assis
204. O CAMINHO DA FELICIDADE
Huberto Rohden
205. A VELHICE DO PADRE ETERNO
Guerra Junqueiro
206. O SERTANEJO
José de Alencar
207. GITAÑJALI
Rabindranath Tagore
208. SENSO COMUM
Thomas Paine
209. CANAÃ
Grça Aranha
210. O CAMINHO INFINITO
Joel S. Goldsmith
211. PENSAMENTOS
Epicuro
212. A LETRA ESCARLATE
Nathaniel Hawthorne

213. AUTOBIOGRAFIA
Benjamin Franklin
214. MEMÓRIAS DE
SHERLOCK HOLMES
Sir Arthur Conan Doyle
215. O DEVER DO ADVOGADO /
POSSE DE DIREITOS PESSOAIS
Rui Barbosa
216. O TRONCO DO IPÊ
José de Alencar
217. O AMANTE DE LADY
CHATTERLEY
D. H. Lawrence
218. CONTOS AMAZÔNICOS
Inglês de Souza
219. A TEMPESTADE
William Shakespeare
220. ONDAS
Euclides da Cunha
221. EDUCAÇÃO DO HOMEM
INTEGRAL
Huberto Rohden
222. NOVOS RUMOS PARA A
EDUCAÇÃO
Huberto Rohden
223. MULHERZINHAS
Louise May Alcott
224. A MÃO E A LUVA
Machado de Assis
225. A MORTE DE IVAN ILICHT
/ SENHORES E SERVOS
Leon Tolstói
226. ÁLCOOIS
Apollinaire
227. PAIS E FILHOS
Ivan Turguêniev
228. ALICE NO PAÍS DAS
MARAVILHAS
Lewis Carroll
229. À MARGEM DA HISTÓRIA
Euclides da Cunha
230. VIAGEM AO BRASIL
Hans Staden
231. O QUINTO EVANGELHO
Tomé
235. DO CATIBEIRO BABILÔNICO
DA IGREJA
Martinho Lutero
236. O CORAÇÃO DAS TREVAS
Joseph Conrad
237. THAIS
Anatole France
238. ANDRÔMACA / FEDRA
Racine
239. AS CATILINÁRIAS
Cícero
240. RECORDAÇÕES DA CASA
DOS MORTOS
Dostoiévski
241. O MERCADOR DE VENEZA
William Shakespeare
242. A FILHA DO CAPITÃO /
A DAMA DE ESPADAS
Aleksandr Púchkin
243. ORGULHO E PRECONCEITO
Jane Austen
245. O GAÚCHO
José de Alencar
246. TRISTÃO E ISOLDA
Lenda Medieval Celta de Amor
247. POEMAS COMPLETOS DE
ÁLBERTO CAEIRO
Fernando Pessoa
248. MAIAKÓVSKI
Vida e Poesia
249. SONETOS
William Shakespeare
250. POESIA DE RICARDO REIS
Fernando Pessoa

251. PAPEIS AVULSOS
Machado de Assis

252. CONTOS FLUMINENSES
Machado de Assis

255. O CASTELO
Franz Kafka

SÉRIE OURO
(LIVROS com mais de 400 p.)

1. LEVIATÃ
Thomas Hobbes
2. A CIDADE ANTIGA
Fustel de Coulanges
3. CRÍTICA DA RAZÃO PURA
Immanuel Kant
4. CONFISSÕES
Santo Agostinho
5. OS SERTÕES
Euclides da Cunha
6. DICIONÁRIO FILOSÓFICO
Voltaire
7. A DIVINA COMÉDIA
Dante Alighieri
8. ÉTICA DEMONSTRADA À
MANEIRA DOS GEÔMETRAS
Baruch de Spinoza
9. DO ESPÍRITO DAS LEIS
Montesquieu
10. O PRIMO BASÍLIO
Eça de Queirós
11. O CRIME DO PADRE AMARO
Eça de Queirós
12. CRIME E CASTIGO
Dostoiévski
13. FAUSTO
Goethe
14. O SUICÍDIO
Emile Durkheim
15. ODISSÉIA
Homero
16. PARAÍSO PERDIDO
John Milton
17. DRÁCULA
Bram Stocker
18. ILÍADA
Homero
19. AS AVENTURAS DE
HUCKLEBERRY FINN
Mark Twain
20. PAULO — O 13º APÓSTOLO
Ernest Renan
21. ENEIDA - Virgílio
22. PENSAMENTOS
Blaise Pascal
23. A ORIGEM DAS ESPÉCIES
Charles Darwin
24. VIDA DE JESUS
Ernest Renan
25. MOBY DICK
Herman Melville
26. OS IRMÃOS KARAMAZOV
Dostoiévski
27. O MORRO DOS VENTOS UIVANTES
Emily Brontë
28. VINTE MIL LÉGUAS SUBMARINAS
Júlio Verne
29. MADAME BOVARY
Gustave Flaubert
30. O VERMELHO E O NEGRO
Stendhal
31. OS TRABALHADORES DO MAR
Victor Hugo
32. A VIDA DOS DOZE CÉSARES
Suetônio
33. GRANDES ESPERANÇAS
Charles Dickens
34. O IDIOTA
Dostoiévski

35. PAULO DE TARSO
Huberto Rohden

36. O PEREGRINO
John Bunyan

37. AS PROFECIAS
Nostradamus

38. NOVO TESTAMENTO
Huberto Rohden

39. O CORCUNDA DE NOTRE DAME
Victor Hugo

40. ARTE DE FURTAR
Anônimo do século XVII

41. GERMINAL
Emile Zola

42. FOLHAS DE RELVA
Walt Whitman

43. BEN-HUR — UMA HISTÓRIA
DOS TEMPOS DE CRISTO
Lew Wallace

44. OS MAIAS
Eça de Queirós

45. O LIVRO DE OURO DA
MITOLOGIA
Thomas Bulfinch

47. POESIA DE
ÁLVARO DE CAMPOS
Fernando Pessoa

49. GRANDES ESPERANÇAS
Charles Dickens

abrangendo todas as áreas do conhecimento humano.

O critério de seleção dos títulos foi o já estabelecido pela tradição e pela crítica especializada. Em formato de bolso, com periodicidade semanal, com alta qualidade gráfica, e a preços acessíveis, esta série de livros vem preencher uma lacuna editorial: livros clássicos e de leitura obrigatória, muitos adotados em universidades, que estavam (a maioria), ausentes de nossas livrarias e pontos alternativos de venda.

Nossa missão é oferecer aos leitores brasileiros uma alternativa de leitura — altamente qualificada e de fácil acesso.

A coleção está aberta a sugestões de títulos e quaisquer outros tipos de sugestões para aperfeiçoar nosso trabalho editorial.

Revolucione-se culturalmente: leia mais para ser mais!

O CORAÇÃO DAS TREVAS

Joseph Conrad

TEXTO INTEGRAL

Tensões antagônicas afloram na obra de Joseph Conrad: idealista, ele deixa entrever um conservadorismo político sem ilusões; ao seu amor à ordem e às instituições soma-se o fascínio pela figura do pária, e seus heróis solitários só encontram por fim uma absoluta solidão.

Conrad, que era polonês de nascimento, tornou-se um dos grandes estilistas da língua inglesa, a qual só começou a usar depois de adulto.

O Coração das Trevas (1902) é considerada uma de suas obras-primas. Nesta magistral novela a África é evocada por analogia com o mundo interior da pessoa; nela o autor narra o drama da destruição moral de um europeu perdido entre os selvagens do Congo.

Com o nome de *Apocalypse Now*, em 1975 a obra foi filmada por Francis Coppola. Marlon Brando desempenhou o papel de Kurtz — o principal personagem do livro.

ISBN 85-7232-580-8



9 798572 325805

Y0-BTX-954

MARTIN  CLARET

